

ENTRE MARGENS

O TEJO ENQUANTO PLATAFORMA DE CONHECIMENTO DO TERRITÓRIO



Universidade Autónoma de Lisboa . Departamento de Arquitectura

ENTRE MARGENS

O RIO TEJO ENQUENTO PLATAFORMA DE CONHECIMENTO DO TERRITÓRIO

Cristina Maria dos Santos Reis

Orientadores Arqt^a Inês Lobo . Arqt^o João Vaz . Arqt^o Joaquim Moreno

2016

Texto segundo o novo acordo ortográfico

À minha avó, um obrigado eterno!

Aos meus pais. ao meu irmão. ao Pedro. à Margarida. ao Neto. ao Fatela. à Li. à Cláudia e ao Rafa. obrigado por estarem sempre presentes, por não me deixarem desistir e acreditarem até ao fim.

Face ao desconhecimento geral de muito do nosso património cultural e paisagístico, encetamos uma viagem pela redescoberta do território português, tendo como ponto de partida o rio Tejo, enquanto objecto de estudo. É na leitura das margens do rio como palimpsesto, que desvendamos as camadas que o constituem, estas permitem-nos ler a história e as memórias, que dele fizeram um importante eixo do país.

Fernando Pessoa diz que “afinal, a melhor maneira de viajar é sentir”. Considera-se igualmente a viagem, como uma forma essencial para conhecer e apreender com todos os sentidos, os valores culturais e paisagísticos que testemunham a forma como o Homem se relacionou com o território ao longo do tempo. No século XVI, das margens do Tejo partiram as primeiras naus à descoberta de novas culturas e territórios, levando a cultura portuguesa mais além. É a partir destas que agora se propõem uma viagem que adquire uma outra dimensão: a do conhecimento do próprio território português. Como estratégia para a aquisição desse conhecimento, propõem-se uma nova viagem pelo país estabelecendo um percurso entre Lisboa e Vila Velha de Rodão. Este constitui-se enquanto observatório da paisagem: dividido em duas partes, um percurso fluvial e outro pedestre, permite duas formas distintas de ver, percorrer e experienciar o território, reactivando as suas paisagens e lugares.

É em Rodão, a partir de um novo elemento arquitectónico contemporâneo, que se revela e preserva a memória das estruturas murarias identitárias, das margens do Tejo e do antigo Porto do Tejo: os muros de sirga. É sob a forma de um Centro de Investigação do Território Português, que esta memória se recupera e se preserva na actualidade, e se regenera o espaço, do antigo porto fluvial. Este é o ponto de chegada e o ponto de partida para novas viagens. Esta é a sugestão para uma nova leitura do espaço português, onde através da cartografia e da fotografia se permite conhecer e estudar um país e onde através do caminhar, nos relacionamos com ele. É por esta dicotomia - de paisagens e arquitecturas - que este território é agora revisitado.

Palavras-Chave: Território; Paisagem; Palimpsesto; Viagem; Memória; Rio Tejo.

Regarding the overall unawareness of our cultural and scenic patrimony, we initiate a journey to rediscover the portuguese territory, starting from Tagus River, as an object of study. It is in collecting information on the river as an palimpsest, that we unveil the layers it contains; these allow us to read the stories and memories, the same ones that made the river an important landmark for the country. Fernando Pessoa says, «Afterall, the best way to travel is to feel it». The journey is equally considered, as an essencial way to know and grasp cultural and scenic values, that witness how Men has related himself with the territory, throughout time. In the XVI century, from the Tagus River waterfronts, set out the first ships to discover new cultures and territories, taking the portuguese culture further away.

Due to those journeys, it is now presented the idea of a journey that acquires a new dimension: the knowledge of our own portuguese territory. As a strategy to grasp that same knowledge, it is established a new course between Lisbon and Vila Velha de Rodão. The course is made, as a landscape observatory, divided in two parts, one fluvial and the other, pedestrian, thereby it presents two distinct ways of seeing, covering and experience the territory, giving a new life to it's landscapes and places. It is in Rodão, from a new comtemporary architectural element, that is being unveiled and preserved, a structural element identified in Tagus River waterfronts and the village's riverside front, that it, the towpath walls. Trough the recovery of this memory, with the help of an Investigation Center of the Portuguese Territoy, it would be possible to regenerate the old fluvial harbor's space, which is nowadays an expecting territory. This is a new suggestion, to a new reading of the portuguese territory, where through cartography and photography, it would be possible to know a country and walking through it, anyone can connect to it. It is between, this dichotomy of landscapes and architectures that this territory is now revisited.

Key-Words: Territory; Landscape; Palimpsest; Journey; Memory; Tagus River.

*“Pois, permitam ainda que lhes diga isto, leitores aquém fatigo:
não lhes ofereço literatura, pois nunca aprendi a escrever. Tenho
educado os meus olhos ao espectáculo das coisas, procuro dizer,
com palavras sinceras, a beleza que encontrei. E o meu estilo é
confuso, como ainda é confusa a minha compreensão das coisas.”*

Le Corbusier . *A viagem ao Oriente*

ÍNDICE

7	ABSTRACT . pt . en
12	ÍNDICE DE IMAGENS . DESENHOS
25	INTRODUÇÃO

ENTRE MARGENS
O Rio Tejo enquanto plataforma de conhecimento do território

[A PERMANÊNCIA]

CAPÍTULO I |

A LEITURA DO TERRITÓRIO . PALIMPSESTO

36	Território e Paisagem
40	Palimpsesto e Arquitetura
47	Território português

[A LEITURA]

CAPÍTULO II |

HORIZONTE PORTUGAL . MAPEAR, CAMINHAR, FOTOGRAFAR

57	Horizonte Portugal
----	--------------------

CAPÍTULO III |

RIO TEJO . POR ENTRE MARGENS DE HISTÓRIA

63	Enquadramento Geográfico e Morfológico
65	Valores Naturais . As reservas e os parques
71	Um rio com história . Enquadramento Histórico
91	O rio nos nossos dias

[O DESENHO]

CAPÍTULO IV |

MARGENS E MEMÓRIA . O DESENHO DO TERRITÓRIO

99	A Viagem
101	A Estratégia
105	O desenho do percurso

RUÍNAS . A MUTAÇÃO DE UM PROGRAMA

123	As Ruínas
125	Os Abrigos
129	A intervenção

CAPÍTULO V |

MEMÓRIA E PALIMPSESTO . O HOMEM E A PAISAGEM

153	O Homem e a Paisagem
155	As Portas de Rodão . Formação do Lugar
157	Marcas do passado . Enquadramento Histórico e Desenvolvimento Urbano
163	Tempos de Mudança . A transformação do lugar
169	Vila Velha de Rodão

O REGRESSO AO RIO . PORTO DO TEJO

175	O regresso ao rio
177	Centro de Investigação do Território Português

201	A PARTIDA . Considerações finais
204	MAQUETES
208	BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE DE IMAGENS . DESENHOS

INTRODUÇÃO



24 Fig.01. O Território Primitivo . Alto Relevo de Portugal Continental
<http://www.igeo.pt/mapviewer/?wmsurl=http://www.igeo.pt/WMS/Cartografia/SC500K>



26 Fig.02. O Território Construído . Carta de Portugal Continental . Instituto Geográfico Português . 2005
<http://www.igeo.pt/mapviewer/?wmsurl=http://www.igeo.pt/WMS/Cartografia/SC500K>



28 Fig.03. Detalhe da capa de caderno de campo de Orlando Ribeiro. Vale de Lobos, 1997.
http://www.duartebelo.com/16-luz_e_sombra/161-paginas/205-caderno.html



46 Fig.20 Linha Ferroviária do Tua - Tua. Carrazeda de Ansiães. Duarte Belo. Portugal o Sabor da Terra. 1996
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_05-dbt0050-sabor_da_terra/15-nb2345-39.html



Fig.21 Largo da Sé. Viseu. Duarte Belo . Portugal o Sabor da Terra .1996
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_05-dbt0050-sabor_da_terra/03-nb1902-38.html



Fig.22 Almendra. Vila Nova de Foz Côa. Duarte Belo . Portugal o Sabor da Terra 1995
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_05-dbt0050-sabor_da_terra/05-nb1244-42.html



Fig.23 Torre de Centum Cellas - Colmeal da Torre. Belmonte. Duarte Belo . Portugal o Sabor da Terra. 1996
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_05-dbt0050-sabor_da_terra/07-nb1730-20.html



Fig.24. Santuário de Nossa Senhora dos Remédios - Lamego. Duarte Belo . Portugal o Sabor da Terra. 1996
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_05-dbt0050-sabor_da_terra/16-nb2557-22.html



Fig.25. Aqueduto dos Pegões Altos. São João Baptista. Tomar. Duarte Belo . Portugal Património . 2000
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_27-dbt0171-portugal_patrimonio/05-fi015338.html



Fig.26. Santuário de Nossa Senhora da Lapa. Soutelo. Vieira do Minho. Duarte Belo . Portugal Património . 2003
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_27-dbt0171-portugal_patrimonio/06-fi459250.html



Fig.27 Ponte de Santulhão. Santulhão/lzeda. Vimioso/Bragança. Duarte Belo . Portugal Património . 2001
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_27-dbt0171-portugal_patrimonio/27-fi119373.html



Fig.28 Santuário Rupestre de Panoias. - Assento. Vila Real. Duarte Belo . Portugal o Sabor da Terra. 1996
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_05-dbt0050-sabor_da_terra/13-nb2055-42.html



Fig.29 Rio Douro - Lagoaça. Freixo de Espada à Cinta. Duarte Belo . Portugal o Sabor da Terra. 1996
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_05-dbt0050-sabor_da_terra/14-nb2105-40.html



Fig.30 Santuário de N.ª S.ª das Precês - Aldeia das Dez. Oliveira do Hospital. Duarte Belo . Portugal o Sabor da Terra. 1996
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_05-dbt0050-sabor_da_terra/06-nb1819-09.html



Fig.31 Castelo de Numão. Numão. Vila Nova de Foz Côa. Duarte Belo . Portugal Património . 2004
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_27-dbt0171-portugal_patrimonio/18-fi550042.html



Fig.32 Serra do Caramulo, Guardão (prox.). Tondela. Duarte Belo. Portugal o Sabor da Terra. 1996
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_05-dbt0050-sabor_da_terra/17-nb2501-43.html



Fig.33 Colcorinho - Nossa Senhora das Necessidades. Vide. Seia. Duarte Belo. Portugal o Sabor da Terra. 1996
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_05-dbt0050-sabor_da_terra/18-nb1820-01.html



Fig.34 Jardim Botânico - Coimbra. Duarte Belo. Portugal o Sabor da Terra. 1996
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_05-dbt0050-sabor_da_terra/19-nb2135-24.html



Fig.35 Calçada - Penha Garcia. Idanha-a-Nova. Duarte Belo. Portugal o Sabor da Terra. 1994
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_05-dbt0050-sabor_da_terra/21-nb1124-41a.html



Fig.36 Ponte do IC8 sobre o rio Zêzere. Pedrogão Grande. Duarte Belo. Portugal o Sabor da Terra. 1996
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_05-dbt0050-sabor_da_terra/22-nb1560-42.html



Fig.37 Manique do Intendente. Azambuja. Duarte Belo. Portugal o Sabor da Terra. 1997
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_05-dbt0050-sabor_da_terra/23-nb2822-38.html



Fig.38 Moinho da Mascote. Runa. Torres Vedras. Duarte Belo. Portugal o Sabor da Terra. 1996
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_05-dbt0050-sabor_da_terra/24-nb1998-42.html



Fig.39 Memorial - Odivelas. Loures. Duarte Belo. Portugal o Sabor da Terra. 1997
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_05-dbt0050-sabor_da_terra/27-nb2893-18.html



Fig.40 Anta da Candieira - Monte Virgem. Redondo. Duarte Belo. Portugal o Sabor da Terra. 1996
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_05-dbt0050-sabor_da_terra/28-nb2444-21.html



Fig.41 ampo Maior. Duarte Belo. Portugal o Sabor da Terra. 1996
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_05-dbt0050-sabor_da_terra/31-nb1862-22.html



Fig.42 Serra do Caramulo, Guardão (prox.). Tondela. Duarte Belo. Portugal o Sabor da Terra. 1996
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_05-dbt0050-sabor_da_terra/17-nb2501-43.html



Fig.43 Convento da Tomina. Barrancos. Duarte Belo. Portugal o Sabor da Terra. 1996
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_05-dbt0050-sabor_da_terra/32-nb1527-41.html



Fig.44 Igreja de Santa Maria - Serpa. Duarte Belo. Portugal o Sabor da Terra. 1996
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_05-dbt0050-sabor_da_terra/33-nb2882-27.html



Fig.45 Mealha. Tavira. Duarte Belo. Portugal o Sabor da Terra. 1996
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_05-dbt0050-sabor_da_terra/34-nb1650-31.html



Fig.46 Cabanas. Tavira. Duarte Belo. Portugal o Sabor da Terra. 1996
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_05-dbt0050-sabor_da_terra/35-nb1637-16.html



Fig.47 Pedra das Gaivotas - Cabo de S. Vicente. Vila do Bispo. Duarte Belo. Portugal o Sabor da Terra. 1996 http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_05-dbt0050-sabor_da_terra/36-nb1913-39.html



Fig.48 Ponte D. Maria e Ponte de S. João. Porto/Vila Nova de Gaia. Duarte Belo . Portugal Património . 2002 http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_27-dbt0171-portugal_patrimonio/04-fi326139.html



Fig.49 Gravuras rupestres de Mazouco. Freixo de Espada à Cinta. Duarte Belo . Portugal Património . 2003 http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_27-dbt0171-portugal_patrimonio/25-fi491931.html



Fig.50 Pico. Ilha do Pico. Açores. Duarte Belo . Portugal Património . 2006 http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_27-dbt0171-portugal_patrimonio/26-m01.html



Fig.51 Lagoas do Caldeirão. Ilha do Corvo. Açores. Duarte Belo . Portugal Património . 2006 http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_27-dbt0171-portugal_patrimonio/31-fi599753.html



48 Fig.52 Mapa desdobrável . Portugal Continental. Produzido por J. Salazar, 1923 DIONÍSIO, Santana; PROENÇA, Raul. Generalidades: Lisboa e arredores. In Guia de Portugal. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 19-?- . ISBN 972-31-0544-6. Vol. I.



49 Fig.53 Páginas - 436 e 437 - do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal. Arquitectura Popular em Portugal (edição 1980) <https://fims.up.pt/ficheiros/LivroFinalConferencias.pdf>



Fig.54 Páginas - 24 e25 - do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal. Arquitectura Popular em Portugal (edição 1980) <https://fims.up.pt/ficheiros/LivroFinalConferencias.pdf>



Fig.55 Páginas - 436 e 437 - do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal. Arquitectura Popular em Portugal (edição 1980) <https://fims.up.pt/ficheiros/LivroFinalConferencias.pdf>



50 Fig.56 Rio Pônsul. Malpica do Tejo. Castelo Branco | Fotografia de Orlando Ribeiro. 1937



Fig.57 Rio Pônsul. Malpica do Tejo. Castelo Branco | Fotografia de Duarte Belo http://www.duartebelo.com/16-luz_e_sombra/161-paginas/303-ponsul.



Fig.58 Praia da Mira . Mira . Coimbra | Fotografia de Orlando Ribeiro . 1945



Fig.59 http://www.duartebelo.com/16-luz_e_sombra/161-paginas/311-mira.html

CAPÍTULO II | HORIZONTE PORTUGAL MAPEAR, CAMINHAR, FOTOGRAFAR



56 Fig.60 Cadernos e mapas com o desenho de novas viagens a serem arealizadas. Duarte Belo http://www.duartebelo.com/06-bio/bio_12.html



Fig.61 Cderno de fotografias a ampliar . Duarte Belo <http://www.duartebelo.com/15-exposicao/151-paginas/164-foto098.html>



Fig.62 Caminhantes . Duarte Belo http://www.duartebelo.com/06-bio/bio_03.html



Fig.63 Autp-retrato do fotógrafo. Duarte Belo http://www.duartebelo.com/06-bio/bio_01.html



Fig.64 Provas de contacto digitais realizadas após a recolha fotográficade campo Duarte Belo http://www.duartebelo.com/16-luz_e_sombra/161-paginas/610.html



Fig.65 Provas de trabalho espalhadas pela sala . Duarte Belo http://www.duartebelo.com/16-luz_e_sombra/161-paginas/610.html



58 Fig.66 Esquema dos Itenerários propostos por Duarte Belo no trabalho Horizonte Portugal . Cristina Reis



62 Fig.67 Contorno de Portugal Continental . Rio Tejo
Cristina Reis



63 Fig.68 Rio Tejo . Península Ibérica



Fig.69 Albaracín . Nascente do Rio Tejo
Terceira Dimensão - Fotografia Aérea
<http://portugalfotografiaaerea.blogspot.pt/2013/06/espanha-nascente-do-rio-tejo.html>



Fig.70 Barragem de Belver . Alto Tejo
Cristina Reis . Agosto 2014



Fig.71 Carregado . Médio Tejo
Autor desconhecido . 2015
[http://www.msfgps.pt/upload/photo/1345804609JPG%20O2343_Infra-es-truturas%20de%20Transportes%20\(1\).jpg](http://www.msfgps.pt/upload/photo/1345804609JPG%20O2343_Infra-es-truturas%20de%20Transportes%20(1).jpg)



Fig.72 Oeiras . Tejo Marítimo
Cristina Reis . Dezembro 2015

RESERVA NATURAL DO ESTUÁRIO DO TEJO



64 Fig.73 Estário do Tejo . Alcochete
Cristina Reis . Dezembro 2015



Fig.73. Gaivina-preta (*Chlidonias niger*). Lagoa Rasa . Estário do Tejo
Jacques van Wijlick . Setembro 2015
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1638766969748672&set=gm.545661182294161&type=3&theater>



Fig.74 Flamingo (*Phoenicopterus roseus*) . Milherango (*Limosa limosa*)
Pernilongo (*Himantopus himantopus*) . Estário do Tejo
Jorge Chinchó Macedo
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=959286417515390&set=gm.539051086288504&type=3&theater>



Fig.75 ABIBE . *Vanellus vanellus* . Estatuto de Conservação Nacional: Pouco Preocupante . Estuário do Tejo . Autor desconhecido.
http://www.evoa.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=147:abi-be&catid=86&Itemid=503&lang=PT



Fig.76 Canais revestidos de Gramata Branca . Alcochete
Cristina Reis . Setembro 2015



Fig.77 Salinas . Alcochete
Cristina Reis . Setembro 2015



Fig.78 Colhereiro .*Platalea leucorodia* . Estatuto de Conservação Nacional: Quase Ameaçado . Autor Faísca
http://www.evoa.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=107:colhereiro&catid=86&Itemid=503&lang=PT



Fig.79 Igreja da Ermida..Nossa Senhora de Alcamé . Porto Alto
Raul Branco , data desconhecida
http://6.fotos.web.sapo.io/i/G1908110e/19175159_3E1IF.jpeg



Fig.80 EVOA - Espaço de Visitação e Observação de Aves . Lezíria Sul . Vila Franca de Xira . Autor desconhecido
http://www.lpn.pt/Backoffice/UserFiles/menu_lpn/Projectos/EVOA/EVOA_aerea.jpg



Fig.81 EVOA - Espaço de Visitação e Observação de Aves . Lezíria Sul . Vila Franca de Xira . Autor desconhecido
http://www.lpn.pt/Backoffice/UserFiles/menu_lpn/Projectos/EVOA/EVOA_aerea.jpg



Fig.82 Águia-sapeira .*Circus aeruginosus* . Estatuto de Conservação Nacional: Vulnerável . Autor. Faísca
http://www.evoa.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=138:ag-uia-sapeira&catid=86&Itemid=503&lang=PT



Fig.83 Estuário do Tejo
Cristina Reis . Setembro 2015



Fig.84 Garça-Vermelha . *Ardea purpurea* . Estatuto de Conservação Nacional: Em Perigo . Autor Faisca
http://www.evoa.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=112:garca-vermelha&catid=86&Itemid=503&lang=PT



Fig.85 Garçote . *xobrychus minutus* . Estatuto de Conservação Nacional: Vulnerável . Autor: Faisca
http://www.evoa.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=113:garcote&catid=86&Itemid=503&lang=PT



Fig.86 Pernilongo . *Himantopus himantopus* . Estatuto de Conservação Nacional: Pouco preocupante. Autor: Faisca
http://www.evoa.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=142:pernilonga&catid=86&Itemid=503&lang=PT



Fig.87 Sapaís . Estário do Tejo . Alcochete
Cristina Reis. Setembro 2015

GEOPARK NATURTEJO DA MESETA MERIDIONAL



Fig.88 Parque Icnológico de Penha Garcia . Idanha-a-Nova
Gravados nas rochas é possível ver os fundos oceânicos transformados em camadas quartzíticas verticais, pautadas por vestígios de trilobites, Cruzianas, entre outros seres marinhos. Autor: Pedro Martins
<http://www.naturtejo.com/conteudo.php?opt=o-que-visitar&id=62>



Fig.89 Grifo *Gyps fulvus*. Autor: Pedro Martins
<http://naturtejo.com/conteudo.php?opt=&id=23>



Fig.90 Blocos Pedunculados de Arez-Alpalhão . Arez
Os blocos pedunculados são como enormes cogumelos de granito que crescem na Superfície de Aplanção do Alto Alentejo. Autor: Pedro Martins.
<http://naturtejo.com/conteudo.php?opt=o-que-visitar&id=75>



Fig.91 Miradouro Geomorfológico das Corgas . Proença-a-Nova
Este miradouro estende-se no dorso aplanado das montanhas xistentas, adoçado pelos tempos geológicos. Por entre a urze e a giesta, o olhar esbate-se na vastidão do tempo até à curiosa forma da Serra das Talhadas, que materializa a megadobra em U - o Sinclinal do Ródão. Autor. Pedro Martins
<http://naturtejo.com/conteudo.php?opt=o-que-visitar&id=66>



Fig.92 Canhões Fluviais do Rio Erges . Idanha-a-Nova
Autor: Pedro Martins
<http://naturtejo.com/conteudo.php?opt=o-que-visitar&id=71>



Fig.93 Mina de Ouro do Conhal do Arneiro . Nisa . Portas de Rodão
Os seixos maiores eram retirados dos canais de evacuação de sedimentos por triagem manual e empilhados ao longo das margens do canal, em amontoados cónicos ou rectilíneos que particularizam a paisagem desta região. Autor: Pedro Martins
<http://naturtejo.com/conteudo.php?opt=o-que-visitar&id=77>



Fig.94 Meandros do Rio Zêzere . Oleiros
Os meandros de trincheira que existem em Portugal, que serpenteiam pelas serranias xistentas, com encostas íngremes e profundas, formando magníficas curvas pronunciadas com quilómetros de extensão. Autor: Pedro Martins
<http://naturtejo.com/conteudo.php?opt=o-que-visitar&id=70>



Fig.95 Montes-ilha de Monsanto . Idanha-a-Nova
Por entre a Superfície de Aplanamento de Castelo Branco surgem os Inselberge graníticos de Mosanto-Moreirinha-Alegrios, como que num arquipélago de granito, num vasto oceano de xisto. Autor: Pedro Martins
<http://naturtejo.com/conteudo.php?opt=o-que-visitar&id=66>



Fig.96 Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo . Vila Velha de Ródão.
Este representa um dos mais importantes conjuntos de arte pós paleolítico da Europa, constituído por cerca de 30 mil gravuras dispersas ao longo de 40 quilómetros em ambas as margens do rio Tejo. Autor: Pedro Martins
<http://naturtejo.com/conteudo.php?opt=o-que-visitar&id=16>



Fig.97 Rio Tejo . Vila Velha de Rodão
Cristina Reis . Setembro 2015



Fig.98 Geomonumento das Portas de Almourão | Proença-a-Nova - Vila Velha de Ródão . Autor: Pedro Martins.
<http://www.naturtejo.com/conteudo.php?opt=o-que-visitar&id=15>



Fig.99 Geomonumento das Portas de Almourão | Proença-a-Nova - Vila Velha de Ródão . Autor: Pedro Martins.
<http://www.naturtejo.com/conteudo.php?opt=o-que-visitar&id=63>



Fig.100 Aldeia histórica de Monsanto . Idanha-a-nova
Autor desconhecido
<http://ncultura.pt/wp-content/uploads/2015/11/monsanto1.jpg>



Fig.101 Monumento Natural das Portas de Rodão . Vila Velha de Rodão.
Cristina Reis . Setembro 2015



Fig.102 Espécie Protegida . IBA - Important Bird Areas
Autor: Pedro Martins.
<http://naturtejo.com/conteudo.php?opt=&id=23>



Fig.103 Anta de São Gens . complexo termal de Nisa - Fadagosa . Nisa
Autor desconhecido.
<http://static.panoramio.com/photos/original/21715764.jpg>



65 Fig.104 Contorno do Geopark Naturtejo da Meseta Meridional
Cristina Reis



Fig.105 Contorno do Geopark Naturtejo da Meseta Meridional
Cristina Reis

PARQUE NATURAL DO TEJO INTERNACIONAL



66 Fig.106 Barragem de Cedillo . Entre Portugal e Espanha
<https://ssl.panoramio.com/photo/129289690>



Fig.107 Cegonha-negra *Ciconia nigra*.
Autor desconhecido
<http://www.icnf.pt/portal/ap/p-nat/pnti/fauna>



Fig.108 Vegetação ripícola.
Autor desconhecido
<http://www.icnf.pt/portal/ap/p-nat/pnti/habit>



Fig.109 Tejo Internacional e Herrera de Alcantara . Tejo Internacional
Autor: Kuiper_Belt
<https://ssl.panoramio.com/photo/80922561>



Fig.110 Parque Natural Tajo Internacional . Cedillo
Autor: Luis Felipe Alonso
<https://ssl.panoramio.com/photo/12140676>



Fig.111 Montado de sobre e vegetação ripícola. Tejo Internacional
Autor desconhecido
<http://www.icnf.pt/portal/ap/p-nat/pnti/habit>



Fig.112 grande abutre-preto . *Aegypius monachus*.
Autor desconhecido
<http://www.icnf.pt/portal/ap/p-nat/pnti/fauna>



Fig.113 Aldeia de Alfrívda . Vila Velha de Rodão
Autor: Filipunes
<https://ssl.panoramio.com/photo/120613053>



Fig.114 Portugal á esquerda, Espanha á direita, rio Erges ao centro.
Autor: João medina
<https://ssl.panoramio.com/photo/48504750>



Fig.115 As ruínas do Monte Brada d'Ouro . Malpica do Tejo -
Autor: JoeFalco . mdt
<https://ssl.panoramio.com/photo/9637817>



Fig.116 águia de Bonelli . *Aquila pennata*.
Autor: AJ.BARROS
<http://www.icnf.pt/portal/ap/p-nat/pnti/fauna>



Fig.117 Rio Tejo . Malpica do Tejo
Autor: André Kano
<https://ssl.panoramio.com/photo/94744692>



Fig.118 Malpica do Tejo . Monte dos Frades
Autor: JoeFalco . mdt
<https://ssl.panoramio.com/photo/10399328>



Fig.119 Tejo Internacional . Portugal
Autor: placosta
<https://ssl.panoramio.com/photo/58402306>



Fig.120 Parque Natural Tajo Internacional
Autor: auroradialvare
<https://ssl.panoramio.com/photo/133048245>



Fig.121 Gato-bravo . *Felis silvestris*
Autor desconhecido
<http://www.icnf.pt/portal/ap/p-nat/pnti/fauna>

MONUMENTO NATURAL DAS PORTAS DE RODÃO



Fig.122 Monumento Natural das Portas de Rodão
A Terceira Dimensão - Fotografia Aérea . Fevereiro de 2011
<http://portugalfotografiaaerea.blogspot.pt/2011/02/portas-de-rodao.html>



Fig.123 Vista da Praia Fluvial de Rodão para a Vila e Serra das Talhadas
Cristina Reis . Outubro de 2015



Fig.124 Antiga ponte de pedra na Ribeira do Vale . Conhal do Arneiro . Nisa
Cristina Reis . Fevereiro de 2014



Fig.125 Vista sobre o Geosítio Conhal do Arneiro . Nisa
Cristina Reis . Fevereiro de 2014



Fig.126 Abutre de Rupelli . *Gyps rueppellii*
Autor desconhecido
http://1.bp.blogspot.com/_ZIVzA6uoQKQ/TBIYdp_u6EI/AAAAAAAAAaQ/9uLfARSE8fU/s1600/Grifo+de+Ruppell.jpg



Fig.127 Foz da Ribeira do Açafal e rio Tejo .Praia Fluvial de Rodão
Cristina Reis . Fevereiro de 2014



Fig.128 Oliveiras Centenárias . Nossa Senhora da Alagada . Vila Velha de Rodão
Cristina Reis . Fevereiro de 2014



Fig.129 Cegonha Preta
Autor: Stephen Daly
http://www.vortexmag.net/wp-content/uploads/2015/03/black_stork_



Fig.130 Foz da Ribeira do Açafal . Praia Fluvial de Rodão . Vila Velha de Rodão
Cristina Reis . Fevereiro de 2014



Fig.131 Capela da Nossa Senhora do Castelo . Portas de Rodão .
Cristina Reis . Fevereiro de 2014



Fig.132 Grifo . *Gyps fulvus* . A região de Vila Velha de Rodão alberga junto às Portas de Rodão a maior colónia de grifos do país. Pertence por isso à rede Natura 2000 e às IBA.
Autor: desconhecido
<http://www.cm-vvrodao.pt/ImageGen.ashx?image=/media/251196/ro->



Fig.133 Portas de Rodão vistas da Bateria das Talhadas . Vila Velha de Rodão
Cristina Reis . Fevereiro de 2014



Fig.134 Portas de Rodão . Vila Velha de Rodão
Cristina Reis . Novembro 2015



Fig.135 Praia Fluvial de Rodão . Vila Velha de Rodão
Cristina Reis . Fevereiro de 2014



Fig.136 Entrada do Castelo de Rodão ou Castelo do Rei Wamba . Vila Velha de Rodão
Cristina Reis . Fevereiro de 2014



Fig.137 Porto do Tejo visto da Ponte Metálica . Vila Velha de Rodão
Cristina Reis . Fevereiro de 2014



Fig.138 Porto do Tejo . Vila Velha de Rodão
Cristina Reis . Fevereiro de 2014



67 Fig.139 Contorno Parque Natural do Tejo Internacional
Cristina Reis



Fig.140 Contorno Monumento Natural das Portas de RodãoCristina Reis



68 Fig.141 Esquema Geral do rio Tejo com Afluentes e Parques e Reservas Naturais
Cristina Reis

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO . Povoamento



70 Fig.142 Rocha F-155 de Fratel (pormenor)
Autor desconhecido
http://tejo-rupestre.com/wp-content/uploads/et_temp/2-754592_960x447.



Fig.143 Anta de S. Gens . Nisa
Autor desconhecido
<http://megaantas.blogspot.pt/search/label/Nisa>



Fig.144 Mourões . Rossio ao Sul do Tejo . Abrantes
IIP - Imóvel de Interesse Público
Cristina Reis . Novembro 2015



Fig.145 Ponte medieval sobre a Ribeira de Figueiró, conhecida na região por «ponte romana de Albarrol» e «ponte romana de Vila Flor»
Classificado como IIP - Imóvel de Interesse Público
<http://www.allaboutportugal.pt/media/cache/a4/1d/a41d0781d7d492242d-0fa5470295f503.jpg>



71 Fig.143 Decalque da Rocha 11 de Gardete; nesta rocha foram registadas 212 figuras; Atualmente encontra-se submersa.
GOMES, Mário VARELA. A rocha 11 de Gardete (Vila Velha de Rodão) e os períodos terminais da arte rupestre do Vale do Tejo. In Revista Portuguesa de Arqueologia. Vol. 7, nº1, 2004. P. 61-128



Fig.144 Arte Rupestre Afogada no Tejo . Ângela Caires . Capa da Revista 'O século Ilustrado' Março de 1974
http://tejo-rupestre.com/?page_id=118



Fig.145 Recorte de jornal do Diário de Lisboa , Junho de 1973
http://tejo-rupestre.com/?page_id=118

A LINHA DEFENSIVA DO TEJO



72 Fig.146 Torre de São Sebastião da Caparica ou Torre Velha . Almada
Monumento Nacional . 1996
http://4.bp.blogspot.com/-Hn-JuPdRw84/VMUsy_JSZNI/AAAAAAAAAlyU/zlOKawJzQJc/s1600/B.jpg



Fig.147 Torre de Belém . Lisboa
Património Mundial (UNESCO) . 1983 Monumento Nacional 1910
Cristina Reis . Dezembro 2015



Fig.148 Forte de São Lourenço do Bugio ou Torre do Bugio . Cascais
Imóvel de Interesse Público . 1957
Cristina Reis . Dezembro 2015



Fig.149 Forte de Forte de São Julião da Barra . Oeiras
Monumento Nacional . 1922
Autor: Terceira Dimensão - Fotografia Aérea
<http://portugalfotografiaaerea.blogspot.pt/2009/07/forte-de-sao-juliao-da-barra.html>



Fig.150 Forte da Nossa Senha da Luz . Cidadela de Cascais . Cascais
Monumento Nacional . 1996
Autor: João Morgado, 2013
<http://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/fotografia-aerea>



Fig.151 Castelo de São Jorge . Lisboa
Monumento Nacional . 1992
Cristina Reis . 2013



Fig.152 Muralha das Portas do Sol . Santarém
Imóvel de Interesse Público
Autor: Guia da Cidade
<https://www.guiadacidade.pt/es/destino/poigf/14758>



Fig.153 Castelo de Torres Novas
Monumento Nacional . 1910
Autor: Paulo Goncalves
http://i1.trekearth.com/photos/58541/castelo_de_torres_novas.jpg



Fig.154 Castelo de Tomar
Autor: Guia da Cidade, 2015 . Monumento Nacional . 1922
https://www.guiadacidade.pt/static/co/upload_img/2000/1073/thumb_800_1409766301.jpg



Fig.155 Castelo de Almourol
Monumento Nacional . 1910
Cristina Reis . Novembro 2013



Fig.156 Castelo de Abrantes
Imóvel de Interesse Público . 1957
Autor: Isabel Maria
<http://static.panoramio.com/photos/large/2750597.jpg>



Fig.157 Castelo de Belfort . Belfort
Monumento Nacional . 1910
Cristina Reis . Novembro 2013



Fig.158 Castelo da Amieira do Tejo . Nisa
Monumento Nacional . 1922
Cristina Reis . Novembro 2013



Fig.159 Castelo de Rodão . Vila Velha de Rodão
Imóvel de Interesse Público . 1993
Cristina Reis . Novembro 2013



Fig.160 Castelo de Nisa . Nisa
Monumento Nacional . 1922
Cristina Reis . Dezembro 2015

OS PORTOS FLUVIAIS DO TEJO



- 75 Fig.161 Cais das Colunas . Lisboa
Autor desconhecido . Arquivo Municipal de Lisboa
<http://paixaoporlisboa.blogs.sapo.pt/tag/cais+do+sodr%C3%A9>



- Fig.162 Varino de pano bastardo junto ao Cais do Sodré . Lisboa
Autor desconhecido . Arquivo Municipal de Lisboa
<https://almada-virtual-museum.blogspot.pt/2016/05/fragatas-e-varinos-do-tejo.html>



- Fig.163 Cais das Colunas . Lisboa
Postal da cidade : Edição: Torres - n°508 . Ano: 1950/60
<http://postaisportugal.canalblog.com/>



- Fig.164 Fragatas . Almada
Autor: Ferreira da Cunha. Arquivo Municipal de Lisboa
<https://almada-virtual-museum.blogspot.pt/2016/05/fragatas-e-varinos-do-tejo.html>



- Fig.165 Fragatas e a Frota de Bacalhoeiros no Rio Tejo . Lisboa
Autor desconhecido
<https://almada-virtual-museum.blogspot.pt/2016/05/fragatas-e-varinos-do-tejo.html>



- Fig.166 Varina descarregando o peixe das fragatas, na Ribeira Nova . Lisboa
Autor desconhecido . Arquivo Municipal de Lisboa
<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=260084&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>



- Fig.167 Fragatas do rio Tejo a descarregar . Lisboa
Joshua Benoliel . 1912. Arquivo Municipal de Lisboa
<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=259136&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>



- Fig.168 Panorâmica da Ribeira . Lisboa
Autor desconhecido . 1895
<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=254924&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>



- Fig.169 Fragatas do Tejo descarregando o peixe .
Joshua Benoliel . 1909. Arquivo Municipal de Lisboa
<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=259135&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>



- Fig.167 Fragatas no Cais do Sodré . Lisboa
Autor desconhecido . 1892. Arquivo Municipal de Lisboa
<http://paixaoporlisboa.blogs.sapo.pt/tag/cais+do+sodr%C3%A9>



- Fig.168 Estuário do Rio Tejo . Santo Estêvão . Lisboa
Autor desconhecido . Arquivo Municipal de Lisboa
<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=260131&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>



- Fig.169 Fragatas na antiga doca de Santos, no rio Tejo, por ocasião de uma greve de fragateiros.
Autor desconhecido . 1911 . Arquivo Municipal de Lisboa
http://www.folclore-online.com/textos/carlos_gomes/embarcacoes_tradicionais_construcao_naval4.html#.V-mYHlgrJdg



- Fig.167 Sacavem rio abaixo . Sacavém
Autor desconhecido
In AA VV. Navegando no Tejo. Lisboa: Minerva do Comércio, 1996. P. 64



- Fig.168 Embarcação Tradicional do Tejo .
Autor desconhecido
<http://aporvela.blogspot.pt/2011/11/exposicao-embarcacoes-tradicionais-do.html>



- Fig.169 Fragatas do rio Tejo a descarregar
Joshua Benoliel . 1912. Arquivo Municipal de Lisboa
<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=259133&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>



- Fig.170 Mulheres lavando roupa no rio. Valada
Autor desconhecido
<http://memoriasdosbaroes.blogspot.pt/2010/09/valada.html>



- Fig.171 Alvega. Vista do Tejo
Postal de Portugal . Autor desconhecido
http://5.fotos.web.sapo.io/i/Ge506ea94/17996357_RV2lg.jpeg



- Fig.172 Santarém
Postal de Portugal . Edição Luiz Filipe Baptista & Cia
http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais3/Santarem/039_Santarem.jpg



- Fig.173 Ponte D. Luís sobre o Tejo . Santarém
Autor: João Rodrigues da Silva . 1881
http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais3/Santarem/012_Santarem.jpg



- Fig.174 Frente ribeirinha de Constância (Punhete) .
Autor desconhecido
http://templariosportugueses.blogspot.pt/2013_04_01_archive.html



- Fig.175 Frente ribeirinha de Constância (Punhete) .
Autor desconhecido
http://templariosportugueses.blogspot.pt/2013_04_01_archive.html



- Fig.176 Constância no séx. XIX.
Autor. DR
<http://www.mediotejo.net/a-descoberta-constancia-a-vila-poema-onde-ozezere-encontra-o-tejo/>



- Fig.177 Constância
Autor desconhecido
In AA VV. Navegando no Tejo. Lisboa: Minerva do Comércio, 1996. P. 52



- Fig.178 Rio Tejo visto da Quinta da Barca . Tramagal
Postal de Portugal nº3 . Autor desconhecido
http://1.bp.blogspot.com/-HP8y6Ju8e4k/UCemTABEXcl/AAAAAAAAAB6I/V4Zkz2Lp_pw/s1600/1aa.jpg



- Fig.179 Abrantes - Ponte do Rio Tejo vista do Rossio ao Sul de Abrantes
Postal de Portugal nº19 . Autor desconhecido
http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais3/Abrantes/003_Abrantes.jpg



- Fig.180 Ponte do Rio Tejo e Rossio ao Sul do Tejo . Abrantes
Postal de Portugal nº6 . Série Passaporte . Autor desconhecido
http://images.delcampe.com/img_large/auction/000/081/730/449_001.jpg



- Fig.181 Estrada de Abrantes a Castelo Branco
Autor desconhecido
In AA VV. Navegando no Tejo. Lisboa: Minerva do Comércio, 1996. P. 49



- Fig.182 Barcos no porto . Rossio ao Sul do Tejo
Autor desconhecido
In AA VV. Navegando no Tejo. Lisboa: Minerva do Comércio, 1996. P. 51



- Fig.183 Porto do Tejo . Vila Velha de Rodão
Autor: Manuel Maria da Rocha . 1903
In BATISTA, Graça. Vila Velha de Rodão: Viagens do Olhar. Vila Velha de Ródão: Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento, 2001. P. 102



- Fig.184 Beira rio nos alvares do século XX
Autor: desconhecido . Arquivo da Câmara Municipal e do Centro Municipal de Cultura e desenvolvimento de VVR
In BATISTA, Graça. Vila Velha de Rodão: Viagens do Olhar. Vila Velha de Ródão: Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento, 2001. P. 103



- Fig.185 Pescadores nas Portas de Rodão . Conhal do Arneiro . Nisa
Autor: desconhecido . Arquivo da Câmara Municipal e do Centro Municipal de Cultura e desenvolvimento de VVR
In BATISTA, Graça. Vila Velha de Rodão: Viagens do Olhar. Vila Velha de Ródão: Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento, 2001. P. 103



- Fig.186 Barcos no cais da cortiça. Vila Velha de Rodão . início século XX
Autor: Francisco António de Paula
In BATISTA, Graça. Vila Velha de Rodão: Viagens do Olhar. Vila Velha de Ródão: Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento, 2001. P. 105



- 75 Fig.187 Navegabilidade e acesso regional ao transporte fluvial , meados do séc XIX
Autor: D. Justino
In Finisterra. Volume 5, nº 10 (1970), p. 153-204.



Fig.188 Esquema da organização da economia do solo a partir de Lisboa. Período anterior ao caminho-de-ferro. In Finisterra. Volume 5, nº 10 (1970), p. 153-204. P. 173

PROJECTOS E ESTUDOS PARA A NAVEGABILIDADE DO RIO



76 Fig.189 Muro de Sirga do Tejo . Amieira do Tejo . Nisa Cristina Reis . Fevereiro de 2014



Fig.190 Ruína de uma antiga pesqueira do Tejo . Amieira do Tejo . Nisa Cristina Reis . Fevereiro de 2014



Fig.191 Dique de Valada . Valada http://1.bp.blogspot.com/-rkTtNDblxPQ/UZT8uICFxoI/AAAAAAAAAAco/TGT2OvgXMuQ/s1600/DSC_1153.JPG



Fig.192 Dique da Nossa Senhora das Dores . Chamusca Cristina Reis . Outubro de 2015



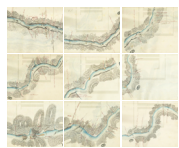
Fig.193 Vala de Alpiarça Cristina Reis . Outubro de 2015



Fig.194 Vala da Azambuja . Foi mandada construir no século XVIII por Marquês de Pombal entre Santarém e Azambuja mede aproximadamente 26 km. <http://www.filorbis.pt/cultura/ValaAzambuja.jpg>



77 Fig.195 Corografia del Rio Tajo - Levantamento realizado em 1641 entre Toledo e Alcantara Prodizido pelosEngenheiros Luíz Carduchi (?-1674) e Julio Martelli (?).



78 Fig.196 Levantamento do Rio Tejo, entre Belver e Vila Velha de Rodão. Nele encontram-se descritos alguns muros de sirga (a vermelho) e os obstáculos que se encontravam no rio como, grandes rochedos, açudes e pesqueiras. Mapa do Tejo . Levantamento do rio Tejo desde a Foz à Fronteira . Produzido por Manuel José Júlio Nunes Guerra em 1853 Colecção Cartográfica - Arquivo Ncional da Torre do Tombo . Cota PT-TT-CRT-081 . nº de folha: 0049. 0051. 0053. 0055. 0057. 0059. 0061. 0063



79 Fig.197 Perfil Longitudinal Rio Tejo entre a Foz do Ribeiro de Enxarrique e o Porto da Barca da Amieira . Mapa do Tejo . Levantamento do rio Tejo desde a Foz à Fronteira . Produzido por Manuel José Júlio Nunes Guerra em 1853 Colecção Cartográfica - Arquivo Ncional da Torre do Tombo . http://purl.pt/21846/3/cc-1362-9-r/cc-1362-9-r_item4/index.html



80 Fig.198 Troço do rio Tejo entre Vila Velha e Malpica . Perfil de um açude conhecido por Casalinho . Setembro de 1853 Mapa do Tejo . Levantamento do rio Tejo desde a Foz à Fronteira . Produzido por Manuel José Júlio Nunes Guerra em 1853 Colecção Cartográfica - Arquivo Ncional da Torre do Tombo . Cota PT-TT-CRT-081 . nº de folha: 0067 . [Digitarq.arquivos.pt/details?id=4614007](http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4614007)



80 Fig.199 Muro de Sirga . Cachão do Algarce, junto ao núcleo de arte rupestre do cachão do Algarve. 1973 Autor desconhecido http://tejo-rupestre.com/?page_id=709



Fig.200 Muro de Sirga . Cachão do Algarce, junto ao núcleo de arte rupestre do cachão do Algarve. 1973 Autor desconhecido http://tejo-rupestre.com/?page_id=39



Fig.201 Muro de Sirga do Cachão do Algarve parcialmente submerso . Vista da estação rupestre do Cahão do Algarve Autor: J. Pinho Monteiro, anos 70. <http://www.altotejo.org/acafa/docsn4/apresentacao.pdf>



Fig.202 Muro de Sirga da Barragem do Fratel Ortofotomapa GoogleEarth



Fig.203 Muro de Sirga da Barragem do Fratel (margem direita) Vista da Estalagem Tejo. Cristina Reis . Dezembro de 2015



Fig.204 Muro de Sirga da Barragem do Fratel Autor: Luiz Alexandre <http://www.panoramio.com/photo/6898858>



Fig.205 Muro de Sirga da Barragem do Fratel Cristina Reis . Fevereiro 2014



Fig.206 Muro de Sirga da Amieira do Tejo . Momento particular do muro em que ele ao seguir a morfologia da margem, faz um S apertado. Cristina Reis . Fevereiro 2014



Fig.207 Muro de Sirga da Amieira do Tejo . Cristina Reis . Fevereiro 2014



Fig.208 Muro de Sirga da Amieira do Tejo . Cristina Reis . Fevereiro 2014

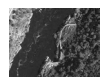


Fig.209 Muro de Sirga da Amieira do Tejo . Ortofotomapa . GoogleEarth



81 Fig.210 Arribando o Cachão da Raiva . Autor desconhecido . Revista Tiro e Sport nº 430 . P. 14 http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/TiroeSport/1909/N430/N430_master/TiroeSportN430.PDF



Fig.211 Arribando o Cachão do Cabril Autor desconhecido . Revista Tiro e Sport nº 427 . P. 15 http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/TiroeSport/1909/N427/N427_master/TiroeSportN427.PDF



Fig.212 As Portas de Rodam . Autor. Raul Gilman . Revista Tiro e Sport nº 429 . P. 12 http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/TiroeSport/1909/N429/N429_master/TiroeSportN429.PDF



Fig.213 Esquema do Rio Tejo entre a Amieira do Tejo e Vila Velha de Rodão Localização dos muros de sirga. Cristina Reis



82 Fig.214 Localização: Porto Fluvial de Abrantes - Barreiras do Tejo - e do arrabalde Rossio ao Sul do Tejo. In Finisterra. Volume 5, nº 10 (1970), p. 153-204. P. 181



Fig.215 Planta de Rossio ao Sul do Tejo . Abrantes In Finisterra. Volume 5, nº 10 (1970), p. 153-204. P. 196



Fig.216 Localização dos Portos de Constância e Praia do Ribatejo In Finisterra. Volume 5, nº 10 (1970), p. 153-204. P. 192

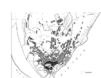


Fig.217 Planta da vila de Constância In Finisterra. Volume 5, nº 10 (1970), p. 153-204. P. 199



83 Fig.218 Chamusca e os seus portos fluviais: Porto das Mulheres, Porto da Cortiça e Porto do Carvão. In Finisterra. Volume 5, nº 10 (1970), p. 153-204. P. 187



Fig.219 Planta de Vila Nova da Barquinha In Finisterra. Volume 5, nº 10 P. 194



84 Fig.220 Casas Avieiras em caniço. Mouchão de São Braz . Chamusca Autor desconhecido https://lh6.googleusercontent.com/hWe7E6Tzqw5M91_rjUL9uNymfBSs_kp8_FN_oQ6Ve6Clw7oO_LcAzEx_R832wceLmRny_TT3nQVrotOSKilOaFPyWBkt9VSmAnI-h28M97QPEMZ_VVndG9NEuRpdMBmQr_5roxjJaiE



Fig221 Aldeia Avieira de Obras . Azambuja Autor desconhecido . 1941 <http://noticiasdoribatejo.blogs.sapo.pt/as-vivencias-avieiras-assentamentos-3073697>



Fig.222 Povoado Palaítico - Avieiros . Póvoa de Santa Iria Cristina Reis . Outubro de 2015



Fig.223 Povoado Palaítico - Avieiros . Póvoa de Santa Iria Cristina Reis . Outubro de 2015



85 Fig.224 Ribeira das Naus . Frente Riberinha de Lisboa Cristina Reis . Outubro de 2015



Fig225 Caminho Pedonal Riberinho Alhandra - Vila Franca de Xira Cristina Reis . Outubro de 2015



Fig.226 Parque Linear Riberinho do Estuário do Tejo Cristina Reis . Outubro de 2015



Fig.227 Passadiços de Belver . Frente Riberinha de Belver e Praia do Alamal Cristina Reis . Agosto de 2015

CAMINHO DE FERRO: LINHA DA BEIRA-BAIXA



86 Fig.228 Estação Ferroviária do Entroncamento Autor: Protectportugal https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4e/Esta%C3%A7%C3%A3o_do_Entroncamento,_vista_do_Viaduto_Eug%C3%A9nio_Dias_Poitout.jpg



Fig.229 Castelo de Almourol . Vista da Linha da Beira-Baixa. Cristina Reis . Outubro de 2015



Fig.230 Constância . Vista da Linha da Beira-Baixa. Autor: Luís Alexandre , 2009 <http://static.panoramio.com/photos/original/76848178.jpg>



Fig.231 Ponte sobre o Tejo . Constância
Autor: GFRS1496 . 2012
<http://static.panoramio.com/photos/original/76385611.jpg>



Fig.232 Ponte ferroviária sobre o Tejo . Abrantes
Autor: Nuno Moura Neves
<http://static.panoramio.com/photos/original/27361246.jpg>



Fig.233 Central Termoelétrica do Pego ao fundo
Autor: GFRS1496. 2012
<http://www.panoramio.com/photo/74141757>



Fig.234 Vista de Ortiga
Autor: GFRS1496 . 2012
<http://www.panoramio.com/photo/74146434>



Fig.235 Barragem de Belver
Autor: GFRS1496 . 2012
<http://www.panoramio.com/photo/74146262>



Fig.236 Ponte da ribeira de Eiras (0,08 km)
Autor: GFRS1496 . 2012
<http://www.panoramio.com/photo/74142097>



Fig.237 Albufeira da Barragem de Belver
Cristina Reis . Fevereiro 2014



Fig.238 Castelo de Belver
Cristina Reis . Fevereiro 2014



Fig.239 Túnel do Outeiro Grande (0,21 km).
Autor: GFRS1496 . 2012
<http://www.panoramio.com/photo/74142097>



Fig.240 Muro de Sirga da Amieira do Tejo
Cristina Reis . Fevereiro 2014



Fig.241 Barragem do Fratel
Autor: GFRS1496 . 2012
<http://www.panoramio.com/photo/74146109>



Fig.242 Albufeira da Barragem do Fratel
Autor: GFRS1496 . 2012
<http://www.panoramio.com/photo/74145770>



Fig.243 Albufeira da Barragem do Fratel
Autor: GFRS1496 . 2012
<http://www.panoramio.com/photo/74145596>



Fig.244 Albufeira da Barragem do Fratel
Autor: GFRS1496 . 2012
<http://www.panoramio.com/photo/74142223>



Fig.245 Estação do Fratel
Autor: GFRS1496 . 2012
<http://www.panoramio.com/photo/74145410>



Fig.246 Margens do Tejo
Autor: GFRS1496 . 2012
<http://www.panoramio.com/photo/74145849>



Fig.247 A curva à chegada às Portas de Rodão
Cristina Reis . Fevereiro 2014



Fig.248 Portas de Rodão
Autor: GFRS1496 . 2012
<http://www.panoramio.com/photo/74145026>



Fig.249 Portas de Rodão
Autor: GFRS1496 . 2012
<http://www.panoramio.com/photo/74144643>



Fig.250 Portas de Rodão
Autor: GFRS1496 . 2012
<http://www.panoramio.com/photo/74142350>



Fig.251 Rio Tejo e Ponte.
Autor: GFRS1496 . 2012
<http://www.panoramio.com/photo/74144346>



Fig.252 Rio Tejo e Ponte.
Autor: GFRS1496 . 2012
<http://www.panoramio.com/photo/74144346>



Fig.253 Vista da serra do Muradal.
Autor: GFRS1496 . 2012
<http://www.panoramio.com/photo/74142482>



Fig.254 Vista da Ponte de São Pedro (0,16 km), entre Ródão e Tojeirinha.
Autor: GFRS1496 . 2012
<http://www.panoramio.com/photo/74142579>



Fig.255 Intercidades Lisboa - Covilhã entra na estação de Castelo Branco.
Autor: Ricardo Barradas
<http://static.panoramio.com/photos/original/1055549.jpg>



Fig.256 Serra da Gardunha
Autor: GFRS1496 . 2012
<http://www.panoramio.com/photo/74143784>



Fig.257 Serra da Gardunha
Autor: GFRS1496 . 2012
<http://www.panoramio.com/photo/74143849>



Fig.258 Alcaria
Autor: Valério santos .
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/3/3d/Regional_5674,_Alcaria,_2011.08.02.jpg/220px-Regional_5674,_Alcaria,_2011.08.02.jpg



Fig.259 Estação Ferroviária da Covilhã
Autor: João Pedro Tavares
<http://mapio.net/o/2986967/>

BARRAGENS : FRATEL E BELVER



88 Fig.260.62 Barragem de Belver
Cristina Reis . Fevereiro 2014



Fig.263 Barragem de Belver
Terceira Dimensão - Fotografia Aérea . 2013
<http://portugalfotografiaaerea.blogspot.pt/2013/07/barragem-de-belver.html>



Fig.264.66 Barragem do Fratel
Cristina Reis . Fevereiro 2014



Fig.257 Barragem do Fratel
Terceira Dimensão - Fotografia Aérea
<http://portugalfotografiaaerea.blogspot.pt/search/label/Barragem%20de%20Fratel>

O RIO NA ATUALIDADE



91 Fig.258 Praia de Carcavelos. Oeiras.
Autor: Duarte Belo . 1990
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_03-dbt0043-tejo/21-nb0383-24.html



Fig.259 Cacilhas. Almada
Autor: Duarte Belo . 1995
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_03-dbt0043-tejo/15-nb1463-32.html



Fig.260 Cova do Vapor. Almada
Autor: Duarte Belo . 1995
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_03-dbt0043-tejo/18-nb1482-31.html



Fig.261 Cova do Vapor. Almada
Autor: Duarte Belo . 1995
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_03-dbt0043-tejo/20-nb1483-25.html



Fig.262 Porto Brandão (prox.). Almada
Autor: Duarte Belo . 1995
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_03-dbt0043-tejo/17-nb1479-15.html



Fig.263 Cacilhas. Almada.
Autor: Duarte Belo . 1995
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_03-dbt0043-tejo/16-nb1464-29.html



Fig.264 Ponta dos Corvos (prox.). Seixal
Autor: Duarte Belo . 1990
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_03-dbt0043-tejo/13-nb0398-17.html



Fig.265 Alcochete (prox.).
Autor: Duarte Belo . 1995
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_03-dbt0043-tejo/11-nb1479-09.html



Fig.266 Rio Tejo. Mar da Palha
Autor: Duarte Belo . 1995
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_03-dbt0043-tejo/10-nb1476-19.html



Fig.267 Ponta da Erva. Vila Franca de Xira
Autor: Duarte Belo . 1990
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_03-dbt0043-tejo/09-nb1461-44.html



Fig.268 Póvoa de Santa Iria. Vila Franca de Xira.
Autor: Duarte Belo . 1995
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_03-dbt0043-tejo/08-nb1450-11.html



Fig.269 Vila Franca de Xira .
Autor: Duarte Belo . 1990
http://www.duartebelo.com/04-cadernos/dbc1995-08_1_tejo/08_na0348-12.html



Fig.270 Palácio. Azambuja.
Autor: Duarte Belo . 1995
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_03-dbt0043-tejo/22-na0347-05.html



Fig.271 Valada
Autor: Duarte Belo . 1995
http://www.duartebelo.com/04-cadernos/dbc1995-08_1_tejo/08_na0348-12.html



Fig.272 Valada
Autor: Duarte Belo . 1995
http://www.duartebelo.com/04-cadernos/dbc1995-08_1_tejo/04_na0344-03.html



Fig.273 Setil
Autor: Duarte Belo . 1995
http://www.duartebelo.com/04-cadernos/dbc1995-08_1_tejo/02_na0343-01.html



Fig.274 Setil
Autor: Duarte Belo . 1995
http://www.duartebelo.com/04-cadernos/dbc1995-08_1_tejo/02_na0343-01.html



Fig.275 Santarém
Autor: Duarte Belo . 1990
http://www.duartebelo.com/04-cadernos/dbc1995-08_1_tejo/14_na0356-11.html



Fig.276 Santarém
Autor: Duarte Belo . 1995
http://www.duartebelo.com/04-cadernos/dbc1995-08_1_tejo/12_na0356-05.html



Fig.277 Ponte Dr. João Joaquim Isidoro dos Reis. Golegã/Chamusca. 1995
Autor: Duarte Belo . 1995
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_03-dbt0043-tejo/06-nb1379-35.html



Fig.278 Chamusca
Autor: Duarte Belo . 1995
http://www.duartebelo.com/04-cadernos/dbc1995-08_1_tejo/10_na0350-02.html



Fig.279 Alvega
Autor: Duarte Belo . 1990
http://www.duartebelo.com/04-cadernos/dbc1995-08_1_tejo/16_na0361-08.html



Fig.280 Alvega
Autor: Duarte Belo . 1995
http://www.duartebelo.com/04-cadernos/dbc1995-08_1_tejo/18_na0370-03.html



Fig.281 Alvega
Autor: Duarte Belo . 1995
http://www.duartebelo.com/04-cadernos/dbc1995-08_1_tejo/18_na0370-03.html



Fig.282 Barragem de Belver. Gavião
Autor: Duarte Belo . 1995
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_03-dbt0043-tejo/05-nb1400-16.html



Fig.283 Belver
Autor: Duarte Belo . 1995
http://www.duartebelo.com/04-cadernos/dbc1995-08_1_tejo/20_na0371-03.html



Fig.284 Linha da Beira-Baixa. Belver (prox.).
Autor: Duarte Belo . 1995
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_03-dbt0043-tejo/01-na0366-07.html



Fig.285 Barca da Amieira
Autor: Duarte Belo . 1995
http://www.duartebelo.com/04-cadernos/dbc1995-08_1_tejo/22_na0374-02.html



Fig.286 Barca da amieira
Autor: Duarte Belo . 1995
http://www.duartebelo.com/04-cadernos/dbc1995-08_1_tejo/20_na0371-03.html



Fig.287 Rio Tejo, Portas de Rodão. Vila Velha de Rodão.
Autor: Duarte Belo . 1994
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_03-dbt0043-tejo/04-nb1123-33.html



Fig.288 Rio Tejo. Rosmaninhal. Idanha-a-Nova
Autor: Duarte Belo . 1995
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_03-dbt0043-tejo/02-nb1425-29a.html



Fig.289 Castiça. Monforte da Beira. Castelo Branco.
Autor: Duarte Belo . 1995
http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_03-dbt0043-tejo/03-nb1430-40.html



92.93
Fig.289 Esquema rio Tejo atual
Cristina Reis

CAPÍTULO IV | MARGENS E MEMÓRIA O DESENHO DO TERRITÓRIO



98 Fig.290 O Viajante sobre um mar de neblina
Autor: Caspar David Friedrich . 1817
<http://www.caspardavidfriedrich.org/The-Wanderer-above-the-Mists-1817-18-large.html>



99 Fig.291 A Place Where the Past and the Present can meet . Lauren Spencer King
<http://thepetticoat.net/lauren-spencer-king/>



Fig.292 Hamish Fulton
<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/564x/94/a4/04/94a40449ad4d2cb3db1497e5c7d02d7c.jpg>



Fig.293 Passos de Australopiteco . Laetoli . Tanzânia
Este é o testemunho mais antigo da existência do homem: é a marca de um caminhar feito há 3.700.000 anos, que se solidificou, no lodo vulvanico de Laetoli.
Autor: John Reader
http://www.mhhe.com/socscience/anthropology/image-bank/kottak/chap07/kot37055_0705ta.jpg



100 Fig.293 Cais das Colunas . Lisboa
Cristina Reis . 2015



Fig.294 Ponte 25 de Abril .
Cristina Reis . Dezembro 2014



Fig.295 Estuário do Tejo . Alcochete
Cristina Reis . Dezembro 2014



Fig.296 Viagem de barco de Lisboa a Valada . Santarém
Maragrida Belo . 2011



Fig.297 Constância . Ponte Metálica
Cristina Reis . Dezembro 2014



Fig.298 Frente Ribeirinha de Constância
Cristina Reis . Setembro 2014



Fig.299 Fábrica de Produção de Pasta de Papel . Constância .
Cristina Reis . Setembro 2014



102.103 Fig.300 Esquema: Levantamento do rio Tejo com todos os percursos pedestres existentes nas suas margens entre Constância e Vila Velha de Rodão
Cristina Reis



104 Fig.301 Esquema dos Percursos Pedestres existentes ao longo das margens do Tejo entre Constância e Vila Velha de Rodão
Cristina Reis



106 Fig.302 Percuso pedestre todo mais percursos pedestres existentes
Cristina Reis



108.109 Fig.303.381 Levantamento fotográfico do percurso pedestre proposto, entre Constância e Vila Velha de Rodão.
Nestas páginas encontram-se registadas fotografias de da zona riberinha, e centro de Constância; pontos de vista a partir do Castelo de Santarém para o rio Tejo, e frente riberinha do Rossio de Abrantes; Barragem de Belver e o percurso pedestre das Arribas do Tejo, que passa junto à praia fluvial do Alamal e pelos passadiços de madeira do Tejo junto a Belver. A partir do castelo obteve-se novas prespetivas do percurso que tomámos e vislumbramos o percurso que se segue pelo vale do rio. Na Barca da Amieira percorremos o muro de sirga até à foz da ribeira de Figueiró, onde se encontram uma série de moinhos de água em ruínas. Daqui passamos pela Amieira, Montes Matos, Albarrol, entre outras aldeias; em Monte do Duque abeiramo-nos do rio e seguimos até Rodão.



110 Fig.382 Cortes do vale do Tejo entre a Amieira e Vila Velha de Rodão
Cristina Reis



111 Fig.383 Via secundária de terra batida . Velada . Nisa
Cristina Reis . Agosto 2014



Fig.384 Passeio ribeirinho em madeira . Belver . Gavião
Cristina Reis . Agosto 2014



Fig.385 Aldeia do Monte Claro
Cristina Reis . Agosto 2014



Fig.386 Caminho de pé posto . PR Arribas do Tejo . Belver
Cristina Reis . Agosto 2015



Fig.387 Muro de sirga na Barca da Amieira do Tejo . Nisa
Cristina Reis . Agosto 2015



Fig.388 Cruzamento da Velada . Nisa
Cristina Reis . Agosto 2015



112 Fig.389 Planta do Rio Tejo desde o Porto de Villa Velha até ao Porto da Amieira
Produzido pelo Brigadeiro Garduado Manuel José Júlio Guerra .
In Estudos chorographicos, phisicos e hidrographicos da bacia do Tejo compreendida no Reino de Portugal, acompanhados de projectos e descrição das obras tendentes ao melhoramento da navegação d'este rio e protecção dos campos adjacentes . Lisboa : Imprensa Nacional 1861[a ca de 1864]. - 110 p. [vol. de texto], 8 plantas, 7 perfis : p&b, com traçados a cores.
http://purl.pt/21846/3/cc-1362-1-r/cc-1362-1-r_item4/index.html



118 Fig.390 Ruder di Gibellina ou Grande Cretto na Sicilia . 1968
Depois do grande terramoto que assolou a vila de Gibelina e a destruiu quase por completo, o artista Alberto Burri, em 1968, cobriu as ruínas e os escombros da vila, com betão, gerando grandes blocos compactos que reconstituíam a forma dos quarteirões e das ruas tal como eram naquele local; o artista, através de um gesto artístico contemporâneo, preservou assim a memória de uma antiga vila, ao consolidar as suas ruínas e fazendo com que a sua memória perpetua-se até ao presente.
Autor desconhecido
<https://lab4season3mpaa.wordpress.com/category/casa-de-naipes-nivel-3/>



Fig.391 House . Rachel Whiteread . Londres . 1994
A artista contemporânea, preservou a forma de um antigo edifício de habitação que ia ser demolido, através do seu uso enquanto cofragem, para a realização de um molde em betão do mesmo. Após a demolição da casa, permaneceu apenas no seu local durante alguns meses, o seu molde em betão.
Autor: David Hoffman
<http://romanroadlondon.com/rachel-whitereads-house-bows-legacy/>



Fig.392 EC-House . SAMI-arquitectos . Ilha do Pico , Açores . 2014
Os arquitetos optaram por preservar uma ruína existente no lote, e inclui-la no projecto de arquitectura; a ruína serviu de molde para a casa que se desenvolve a partir do interior da ruína, sem que ambas se toquem.
Autor: Paulo Catrica
<http://www.sami-arquitectos.com/pt/works/show/ec-house>



Fig.393 Naumann.architektur
<http://www.fnp-architekten.de/projekte/swe/pro02.html>



Fig.394 Teatro da Thalia . Lisboa . Gonçalo Byrne Arquitectos & Barbas Lopes Arcquitectos. 2008
Autor: DMF
<http://www.archdaily.com/282909/thalia-theatre-goncalo-byrne-architects-barbas-lopes-architects>



Fig.395 Linescio . Suíça . Buchner Brundler architekten. 2011
Autor: Ruedi Walti
<http://www.bbarc.ch/>



121 Fig.396 . 463 Levantamento de ruínas existentes no troço do percurso entre a Barca da Amieira e Vila Velha de Rodão
Cristina Reis . Setembro 2014



122 Fig.397 Esquema de Localização das ruínas escolhidas para abrigos de apoio ao percurso proposto . Amieira - Vila Velha de Rodão
Cristina Reis



124 Fig.398 Ruína: Estrada que liga a Amiera do Tejo à Barca . Rio Tejo . Nisa
Cristina Reis . Agosto 2014



Fig.399 Ruína: Fim do percurso do muro de sirga Junto à Barragem do Fratel
Cristina Reis . Agosto 2014



Fig.400 Ruína: Moinho de água junto à Ribeira do Figueiró . Nisa
Cristina Reis . Agosto 2014



Fig.401 Ruína: Nas imediações da aldeia de Monte dos Matos . Nisa
Cristina Reis . Agosto 2014



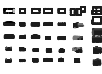
Fig.402 Ruína:Antigo lagar de azeite, junto à ribeira de Nisa, perto da Central Hidroeléctrica de Velada . Nisa



Fig.403 Ruína:Junto à Ribeira do Vale no Conhal do Arneiro . Nisa
Cristina Reis . Agosto 2014



Fig.404 Ruína: Na encosta da Serra das Talhadas, perto do estreito das Portas de Rodão . Nisa .Cristina Reis . Agosto 2014



126. 127 Fig.405 Desenhos do levantamento das ruínas escolhidas, para o projecto dos abrigos. Plantas e Alçados
Cristina Reis



128 Fig.406 Abrigo da Amieira. Posto de Bicicletas .
Desenhos: Planta, Corte e Alçados
Cristina Reis



129 Fig.407 Esquema rio Tejo: Localização do Abrigo da Amieira
Cristina Reis



Fig.408 Planta de Implantação . Abrigo da Amieira
Cristina Reis



Fig.409 Ortofotomapa . Abrigo da Amieira . GoogleEarth



Fig.410 Abrigo da Amieira . Fotografias da ruína
Cristina Reis



130 Fig.411 Abrigo do Fratel. Posto deBirdwating .
Desenhos: Planta, Corte e Alçados
Cristina Reis



131 Fig.412 Esquema rio Tejo: Localização do Abrigo do Fratel
Cristina Reis



Fig.413 Planta de Implantação . Abrigo do Fratel
Cristina Reis



Fig.414 Ortofotomapa . Abrigo do Fratel . GoogleEarth



Fig.415.417 Abrigo do Fratel . Fotografias da ruína
Cristina Reis



132 Fig.418 Abrigo da Ribª de Figueiró. Estadia Temporária.
Desenhos: Planta .
Cristina Reis



133 Fig.419 Esquema rio Tejo: Localização do Abrigo da Ribeira de Figueiró
Cristina Reis



Fig.420 Planta de Implantação . Abrigo da Ribª de Figueiró
Cristina Reis



Fig.421 Ortofotomapa . Abrigo da Ribª de Figueiró



Fig.422 Abrigo da Ribª de Figueiró . Fotografias da ruína
Cristina Reis



134 Fig.423 Abrigo da Ribª de Figueiró. Estadia Temporária.
Desenhos: Corte Transversal . Cristina Reis



135 Fig.425 Abrigo da Ribª de Figueiró. Estadia Temporária.
Desenhos: Alçados . Cristina Reis



136 Fig.426 Abrigo de Montes Matos. Estadia Temporária.
Desenhos: Planta . Coste e Alçados
Cristina Reis



137 Fig.427 Esquema rio Tejo: Localização de Montes Matos
Cristina Reis



Fig.428 Ortofotomapa . Abrigo de Montes Matos
GoogleEarth



Fig.429 Abrigo de Montes Matos . Fotografias da ruína
Cristina Reis



138 Fig.430 Abrigo da Ribª de Nisa. Estadia Temporária.
Desenhos: Plantas (piso térreo e piso 1). Cristina Reis



139 Fig.431 Esquema rio Tejo: Localização do Abrigo da Ribª de Nisa
Cristina Reis



Fig.432 Planta de Implatação. Abrigo da Ribª de Nisa
Cristina Reis



Fig.433 Abrigo da Ribª de Nisa . Ortofotomapa .
Googlearth



Fig.434 Abrigo da Ribª de Nisa . Fotografias da ruína
Cristina Reis



140 Fig.435 Abrigo da Ribª de Nisa. Estadia Temporária.
Desenhos: Corte transversal. Cristina Reis



141 Fig.436 Abrigo da Ribª de Nisa. Anexo Estadia Temporária.
Desenhos: Planta e Alçados . Cristina Reis



141 Fig.437 Abrigo da Ribª de Nisa. Estadia Temporária.
Desenhos: Alçados. Cristina Reis



142 Fig.438 Abrigo do Conhal do Arneiro . Balneário
Desenhos: Planta . Corte transversal e Alçados. Cristina Reis



143 Fig.439 Esquema rio Tejo: Localização do Abrigo do Conhal do Arneiro
Cristina Reis



Fig.440 Planta de Implatação. Abrigo do Conhal do Arneiro
Cristina Reis



Fig.441 Abrigo do Conhal do Arneiro . Ortofotomapa .
Googlearth



Fig.442 Abrigo do Conhal do Arneiro . Fotografias da ruína
Cristina Reis



144 Fig.443 Abrigo das Portas de Rodão . Posto de Birdwatching
Desenhos: Planta . Corte transversal e Alçados. Cristina Reis



145 Fig.444 Esquema rio Tejo: Localização do Abrigo das Portas de Rodão
Cristina Reis



Fig.445 Abrigo das Portas de Rodão . Ortofotomapa .
Googlearth



Fig.446 Abrigo das Portas de Rodão . Fotografias da ruína
Cristina Reis



146 Fig.447 Materialidade: Pedra e Betão
Cristina Reis

CAPÍTULO V | MARGENS E MEMÓRIA O HOMEM E A PAISAGEM



150.151 Vista geral de Vila Velha de Rodão e das Portas de Rodão. Ortofotomapa
Fig.448 GoogleEarth



152 Fig.449 Portas de Rodão
Cristina Reis . Fevereiro 2014



154 Fig.450 Serra de S. Miguem . vista de Nisa
Cristina Reis . Setembro 2015



Fig.451 O estreito das Portas de Rodão . Vila Velha de Rodão
Cristina Reis . Setembro 2015



Fig.452 Serra das Talhadas ou Serra da Vila . vista do Castelo de Rodão Vila
Velha de Rodão . Cristina Reis . Setembro 2015



Fig.453 Portas de Rodão. vista do Conhal do Arneiro . Nisa
Cristina Reis . Setembro 2015



Fig.454 Ponte Metálica de Vila Velha de Rodão . Vista do castelo de Rodão
Cristina Reis . Setembro 2015



Fig.455 Detalhe das Portas de Rodão . Cristina Reis . Setembro 2015



155 Fig.456 Extracto da Carta Geologica de Portugal, Folha nº 28 B Nisa, relativo à
área em estudo. Escala 1. 50 000



Fig.457 Portas de Almourão
Autor: Pedro Martins
<http://www.naturtejo.com/images/miradouros/foto-16.jpg>



156 Fig.458 Villa Velha . Mapa Topografico das montanhas compreendidas entre
os rios Tejo e Ocreza, desde as Portas de Rodão até à Foz do Cibrão,
levantado pelos oficiais da Brigada do Real Corpo de Engenheiros,
Comandados pelo Brigadeiro Luíz Candido Cordeiro Pinheiro, o Sargento
Euxebio Dias Azedo e Capitão Pedro Folque em Maio de 1797
Neste mapa encontra.se representada a ponte das barcas, Vila Velha e
Porto do Tejo
Disponivel em: BATISTA, Graça. Vila Velha de Rodão: Viagens do Olhar.
Vila Velha de Ródão: Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento,
2001. ISBN 972-98259-1-2 P. 83 .



157 Fig.459 Figuras Zoomorficas associadas a circunferências . Detalhe
In BATISTA, Graça. Vila Velha de Rodão: Viagens do Olhar. Vila Velha
de Ródão: Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento, 2001. ISBN
972-98259-1-2 P. 52



Fig.460 Conhal do Arneiro . Vista do Castelo de Rodão
Cristina Reis



Fig.461 Estação Arqueológica da Foz do Enxarrique . Porto do Tejo
Cristina Reis



Fig.462 Panorama da travessia do Tejo, em Vila Velha até ao interior do Alentejo,
pelo exército aliado em 20 de Maio de 1811; água-tinta da autoria de
Major S. Clair.



Fig.463 Castelo de Rodão . Vila Velha de Rodão
Cristina Reis



Fig.464 Bateria da Achada . Vila Velha de Rodão
Cristina Reis



158 Fig.465 Vila Velha de Rodão – Vista aérea
BATISTA, Graça. Vila Velha de Rodão: Viagens do Olhar. Vila Velha de Ródão: Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento, 2001. p. 217



Fig.466 Vila Velha de Rodão vista da Serra, 1940
Foto cedida pelo arquivo da Biblioteca Municipal José Baptista Martins



Fig.467 Núcleo antigo de Vila Velha
Autor: Francisco António de Paula
Foto cedida pelo arquivo da Biblioteca Municipal José Baptista Martins



Fig.468 Vila Velha de Rodão . Saída da Missa de Domingo, Largo do Pelourinho
Autor: Manuel Maria da Rocha . 1900
Foto cedida pelo arquivo da Biblioteca Municipal José Baptista Martins



Fig.469 Olival da Senhora do Castelo . Vila Velha de Rodão
Autor desconhecido. 1946
Foto cedida pelo arquivo da Biblioteca Municipal José Baptista Martins



Fig.470 Olival da Corga . Serra da Corga (Serra das Talhadas) . Nisa
Autor desconhecido .1946
Foto cedida pelo arquivo da Biblioteca Municipal José Baptista Martins



159 Fig.471 Castelo de Rodão
Autor: Francisco António de Paula -Início séc XX .
Foto cedida pelo arquivo da Biblioteca Municipal José Baptista Martins



160 Fig.472 O Porto do Tejo visto da serra . Vila Velha de Rodão,
Autor desconhecido .1946
Foto cedida pelo arquivo da Biblioteca Municipal José Baptista Martins



Fig.473 Cheia em Porto do Tejo
Autor: Francisco António de Paula .1912
Foto cedida pelo arquivo da Biblioteca Municipal José Baptista Martins



Fig.474 Porto do Tejo – Barcos atracados com carregamento de cortiça,
Junto ao Porto da Cortiça . 1903
In BATISTA, Graça. Vila Velha de Rodão: Viagens do Olhar. Vila Velha de Ródão: Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento, 2001 . P. 100



Fig.475 Vila Velha de Rodão – A Ponte e o lado Sul das Portas . séc. XX
<http://beira-baixa-antigas-imagens.blogspot.pt/2014/12/vila-velha-de-rodao-ponte-e-o-lado-sul.html>



Fig.476 Vila Velha de Rodão . Porto do Tejo visto da estrada de Nisa
Manuel Maria da Rocha . 1903
Foto cedida pelo arquivo da Biblioteca Municipal José Baptista Martins



Fig.478 A beira-rio nos alvares do séc. XX
In BATISTA, Graça. Vila Velha de Rodão: Viagens do Olhar. Vila Velha de Ródão: Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento, 2001 . P. 103--



161 Fig.479 Porto do Tejo cheia do Tejo no Largo da Administração
Autor desconhecido 1 de janeiro de 1940
Foto cedida pelo arquivo da Biblioteca Municipal José Baptista Martins



162 Fig.480 Portas de Rodas
Autor desconhecido
<http://tejo-rupestre.com/>



Fig.481 Vila Velha de Rodão . Portas de Rodão 1903
Autor: Manuel Maria da Rocha
Foto cedida pelo arquivo da Biblioteca Municipal José Baptista Martins



Fig.482 Ponte Metálica sobre o Tejo . Vila Velha de Rodão
Autor: Francisco António de Paula . Início séc XX .
Foto cedida pelo arquivo da Biblioteca Municipal José Baptista Martins



Fig. 483 Vista da estação de arte rupestre de Fratel, tirada de montante
Autor: J. Pinho Monteiro, anos 70, sec XX
<http://www.altotejo.org/acafa/docsn4/apresentacao.pdf>



Fig.484 Penedo da Rainha . Portas de Rodão
Autor: Francisco António de Paula . Início séc XX .
Foto cedida pelo arquivo da Biblioteca Municipal José Baptista Martins



Fig.485 Construção da Ponte Metálica
Autor desconhecido
<http://www.cm-vvrodao.pt/municipio/concelho/historia.aspx>



Fig.486 Portas de Rodão 1949 .
Foto cedida pelo arquivo da Biblioteca Municipal José Baptista Martins



Fig.487 Praia das Virtudes . Portas de Ródão antes da construção da barragem de Fratel
<http://tejo-rupestre.com/>



Fig.488 Penedo da Rainha . Portas de Rodão
Autor: Francisco António de Paula . Início séc XX .
Foto cedida pelo arquivo da Biblioteca Municipal José Baptista Martins



163 Fig.489 Planta da Fábrica de papel Portucel . Vila Velha de Rodão
In BATISTA, Graça. Vila Velha de Rodão: Viagens do Olhar. Vila Velha de Ródão: Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento, 2001. p. 217



164.165 Fig.490 Vila Velha de Rodão . Extrato da Carta Militar de Portugal - Instituto Geográfico do Exército
Folha nº314 de 1946_ Esc.1-25 000



166 Fig.490 Portas de Rodão antes da Construção da barragem .Vila Velha de Rodão
Autor desconhecido . 1967
<http://www.panoramio.com/photo/16271734>



167 Fig.491 Portas de Rodão . Vila Velha de Rodão
Cristina Reis . Fevereiro 2014



168.169 Fig.492 Vila Velha de Rodão . Extrato da Carta Militar de Portugal - Instituto Geográfico do Exército
Folha nº314 de 1993_ Esc.1-25 000



170 .171 Fig.493 P3ortas de Rodão e Vila Velha de Rodão . Envolvente localização das estruturas defensivas; das estações arqueológicas e outros programas . Cristina Reis



172 Fig.494 Planta atual de Vila Velha de Rodão . 2015 . Cristina Reis



172 Fig.495 Esquema de Evolução Urbana . Cristina Reis



174 Fig.496 Levantamento fotográfico de Vila Velha de Rodão . Cristina Reis



178 Fig.497 Levantamento fotográfico de Porto do Tejo . Cristina Reis



176 Fig.536 Portas de Rodão e ponte sobre o Tejo . Vila Velha de Rodão 1932
Autor desconhecido, Foto cedida pelo arquivo da Biblioteca Municipal



177 Fig.537 Vista aérea Porto do Tejo antes da construção da Barragem



Fig.538 Vista aérea atual do Porto do Tejo . GoogleEarth



Fig.539 Shift, 1970-72.
Richard Serra, 1970



178 Fig.538 Planta da proposta geral
Cristina Reis



181 Fig.539 Evolução da forma
Cristina Reis



192 Fig.510 Barragem do Cabril, fotografia 5556 de Orlando Ribeiro, de 1954
Autor: Duarte Belo . 2011
http://www.duartebelo.com/16-luz_e_sombra/161-paginas/403-cabril.html



194 Fig.511 Panorâmica das Portas de Rodão
Cristina Reis . 2015



196 Fig.512 Fotografias das maquetes do Abrigo da Amieira
Cristina Reis . 2014



Fig.513 Fotografias das maquetes do Abrigo do Fratel
Cristina Reis . 2014



197 Fig.514 Fotografias das maquetes do Abrigo da Ribeira de Figueiró
Cristina Reis . 2014



Fig.515 Fotografias das maquetes do Abrigo dos Montes Matos
Cristina Reis . 2014



198 Fig.516 Fotografias das maquetes do Abrigo dos Montes Matos
Cristina Reis . 2014



Fig.517 Fotografias das maquetes do Abrigo dos Montes Matos
Cristina Reis . 2014



199 Fig.518 Fotografias das maquetes do Abrigo dos Montes Matos
Cristina Reis . 2014



Fig.519 Fotografias da maquete de Vila Velha de Rodão e das Portas de Rodão .
Cristina Reis . 2014



Fig.519 Fotografias da maquete de Vila Velha de Rodão e das Portas de Rodão .
Cristina Reis . 2014



Fig.519 Fotografias da maquete de Vila Velha de Rodão e das Portas de Rodão .
Cristina Reis . 2014



Fig.519 Fotografias da maquete de Vila Velha de Rodão e das Portas de Rodão .
Cristina Reis . 2014



Fig.519 Fotografias da maquete de Vila Velha de Rodão e das Portas de Rodão .
Cristina Reis . 2014



Fig.519 Fotografias da maquete de Vila Velha de Rodão e das Portas de Rodão .
Cristina Reis . 2014



Fig.519 Fotografias da maquete de Vila Velha de Rodão e das Portas de Rodão .
Cristina Reis . 2014



Fig.519 Fotografias da maquete de Vila Velha de Rodão e das Portas de Rodão .
Cristina Reis . 2014



Fig.519 Fotografias da maquete de Vila Velha de Rodão e das Portas de Rodão .
Cristina Reis . 2014



É através do conceito de atlas que a presente dissertação se constitui, ou seja, sob “uma forma visual de conhecimento” nas palavras de Didi-Huberman (Atlas: Cómo llevar el mundo a cuestras? 2011)¹. A partir de um conjunto de elementos gráficos, como mapas, desenhos e fotografias, realizá-mos e adquirimos diferentes leituras em torno de um tema central, que tudo incorpora, o território. (“Un atlas de imágenes suele caracterizarse por la coexistencia, en la misma lámina, de maneras diferentes de representar un lugar: el paisaje se ve entonces “criticado” por la cartografía, y el próprio mapa “criticado” por un montage de detalles fotográficos inesperados. Es una manera de ver el mundo, de recorrela según puntos de vista heterogéneos asociados unos com otros”. (Didi-Huberman, 2011)²).

A concretização desta dissertação emerge de um trabalho de análise, compreensão e interpretação das distintas camadas de história inscritas numa área do território português – as margens do rio Tejo, de Lisboa a Vila Velha de Rodão – e na sua leitura como palimpsesto. Esta leitura e consequente reflexão, permitir-nos-á, olhar e entender o território que nos envolve, perceber o que o identifica, o que o caracteriza e o transformou. Analisar o território enquanto palimpsesto, no discurso da arquitetura, significa compreendê-lo em toda a sua plenitude, conhecer cada camada que faz dele aquilo que vemos à superfície. Enquanto ferramenta de análise de um dado lugar, permite-nos entender de que forma podemos usar o conhecimento obtido, no desenvolvimento de estratégias de intervenção e produção de arquitectura.

O território contém registada a presença do ser humano sobre um lugar, este conhecimento dota o arquitecto de um maior domínio sobre o que existiu e o que existe. Através da arquitectura, pode estabelecer-se uma relação de continuidade entre o passado e o presente, ao revelar aspectos do lugar que foram obliterados pelo tempo ou pela acção humana. A arquitectura pode ser assim, um meio para a qualificação ou regeneração de um lugar.

Nas páginas seguintes, o termo território assume, por isso, um lugar de destaque. Procurou-se entendê-lo nas suas diferentes dimensões, como o construímos, como o representamos, como nos relacionamos com ele e como o percebemos. Paralelamente a esta compreensão do território português, foi possível ver outras abordagens de autores diferenciados, que viram na viagem, formas de entender e conhecer os distintos valores naturais e culturais presentes no nosso país, pois foi a viajar que sobre ele se escreveu, se fotografou, se retratou e se divulgou. Estas formas de recolher e difundir informação, foram instrumentos essenciais na revelação e eternização do território num determinado momento, foram as ancoragens preliminares para a compreensão do espaço português e, permitiram, em última análise, a realização do trabalho que se apresenta.

Este assenta no desenvolvimento do tema de trabalho proposto – Horizonte Portugal – um projeto fotográfico desenvolvido pelo arquitecto e fotógrafo Duarte Belo, que nos últimos anos percorreu todo o território português e fotografou os diferentes aspectos que o constituem e caracterizam. Um dos objectivos deste seu trabalho é dar a conhecer, um Portugal ignoto por muitos de nós. É na intenção de expandir toda a sua recolha fotográfica (disponível apenas on-line) e aumentar o conhecimento sobre o país que surge o programa proposto. O programa consiste em criar uma estratégia geral que promova o conhecimento do território português, e projectar um Centro de investigação do Território Português, que possibilite o encontro de investigadores e partilha de pesquisas e estudos, relacionados com o espaço português; e ainda em paralelo, a criação de um arquivo e de um espaço físico para expor as fotografias de Duarte Belo.



Reveladas as bases para o desenvolvimento deste trabalho, tendo na bagagem fotografias produzidas nas viagens realizadas pelo fotógrafo, partiu-se à redescoberta do território nacional. A liberdade dada aos alunos para a implementação do projecto, uma vez que não foi lançado um local de estudo, constituiu-se um desafio que levantou as seguintes questões: onde intervir? No interior desertificado, que precisaria de ser potenciado e dado a conhecer, ou no litoral, onde tudo se centra; como constituir uma estratégia que, por um lado, relacione e evidencie o espaço português, e que, por outro, consiga dar a conhecer os seus lugares? Qual o papel da arquitectura nesta demanda pela redescoberta do espaço português e como executar o programa proposto? A resposta a estas e outras questões, ajudaram a estabelecer as linhas orientadoras deste trabalho.

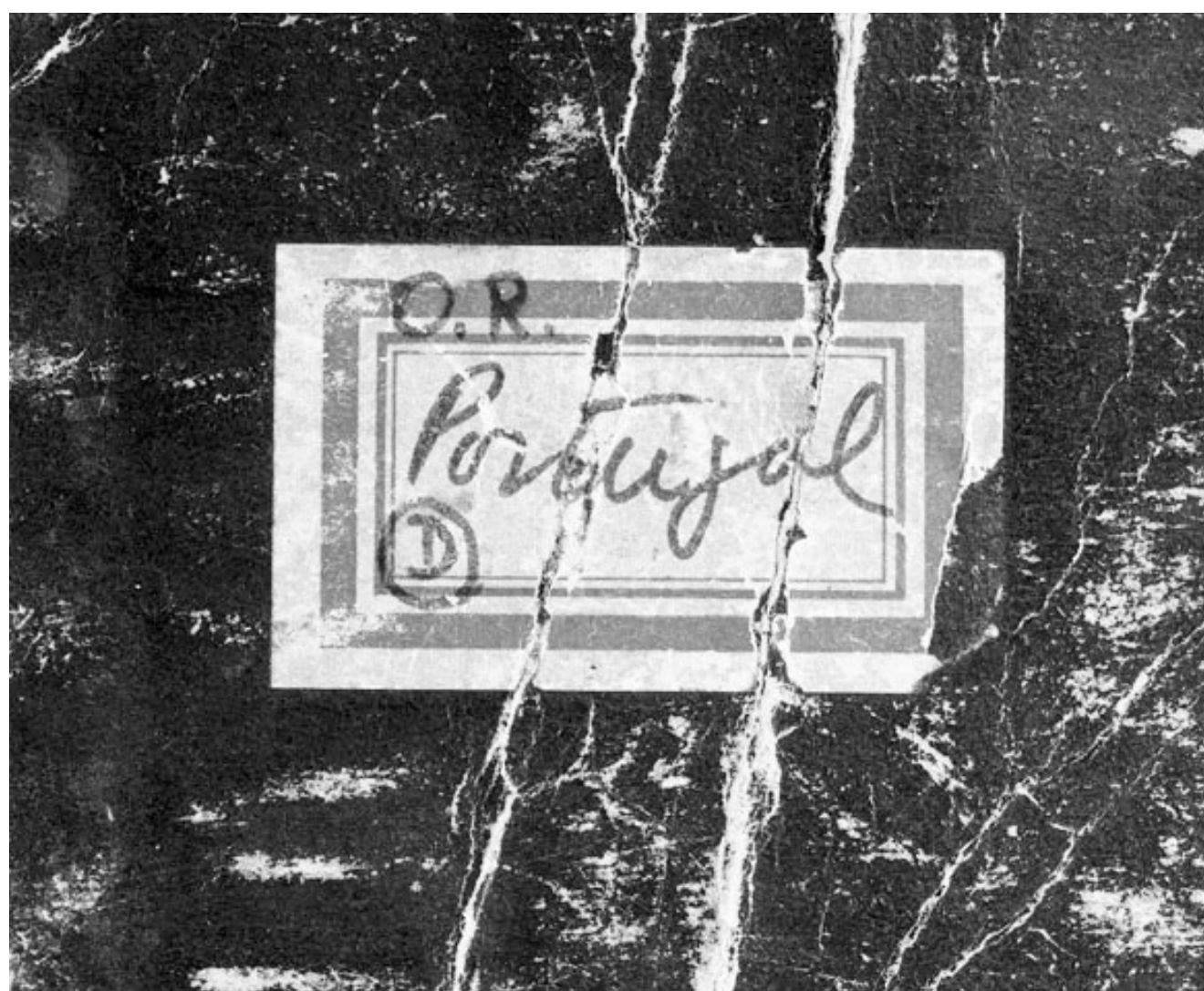
A partir das premissas orientadoras do trabalho Horizonte Portugal e da metodologia de trabalho de Duarte Belo – percorrer e fotografar o território – surge a intenção de seguir o mesmo princípio, na redescoberta do território português e constituir uma estratégia de carácter nacional que articule os seus valores culturais e paisagísticos, que reative lugares, que promova o conhecimento e, simultaneamente, integre os programas propostos.

Desta intenção e partindo da lembrança de uma viagem realizada, uns meses antes pela linha da Beira-Baixa até Vila Velha de Rodão, surge a vontade de estudar o troço do Tejo entre Lisboa e Rodão. Na viagem realizada, sempre junto ao rio, constata-se uma realidade: um país que se desenvolve a velocidades distintas e vive a dois tempos. Um marcado por um litoral densamente povoado onde se localizam as grandes metrópoles e onde tudo se desenvolve e constrói. Outro, em oposição, um interior desertificado delimitado à sua condição rural e secundária, onde é visível a ausência de evolução e uma estagnação arreigada nesta parte do território. Rompendo com a ideia da centralização, junto ao litoral, opta-se por intervir no interior, contribuindo para uma política de descentralização. É em Vila Velha de Rodão que se pretende implementar o Centro de Investigação do Território Português.

A partir destes elementos procedeu-se ao desenho da proposta e à realização de uma nova viagem pelas margens do Tejo, após o estudo do espaço português e do rio. A viagem fez-se ao longo de alguns dias, e possibilitou o contacto direto com o território em estudo e algumas conversas, com as pessoas que habitam as suas margens, e que se revelaram substanciais para a compreensão e concretização deste trabalho. Foi nesta viagem, que me deparei com alguns elementos que fizeram parte da história do país e que actualmente se encontram em ruínas e esquecidos no tempo: as ruínas de antigas construções vernaculares e os muros de sirga do Tejo. Estes elementos foram as ancoragens, para o desenvolvimento da proposta que se apresenta.

A realização deste trabalho centrou-se essencialmente, no estudo do rio Tejo, acima de Lisboa; um troço pouco conhecido e estudado, comparativamente aos trabalhos e estudos realizados sobre o seu estuário, e a sua relação com a cidade de Lisboa. O trabalho desenvolveu-se em diversas fases e materializou-se, em suportes e escalas distintas, dada a sua extensão: após uma breve reflexão sobre o espaço português, começou-se a delinear uma estratégia e a representar a área em estudo, através de desenhos territoriais - realizados a partir de um mapa de Portugal à escala 1: 100 000 - entre Lisboa, e Vila Velha de Rodão. Posteriormente delimitou-se o estudo a um troço da proposta, entre Constância e Vila Velha de Rodão, onde se recorreu às Cartas Militares (1:25 000) para a definição do percurso pedestre proposto. Por fim, para o desenvolvimento dos projectos seleccionou-se o troço entre a Amieira do Tejo e Vila Velha de Rodão, para a produção de desenhos de definição espacial e construtiva.

Fig. 2
O território construído
Carta de Portugal Continental



A dissertação divide-se assim em três partes: a Permanência, que compreende o estudo do território e da paisagem que nos envolve, o que os reveste e os transforma; o homem e a sua relação com o espaço, as acções que produziu e que, transformaram e geraram o que hoje conhecemos; a leitura do território como palimpsesto e o uso deste conhecimento, como ferramenta para a produção de arquitetura. A Leitura, onde analisamos as distintas fases históricas do rio Tejo; compreendemos o que o levou a ser um importante eixo de desenvolvimento e comunicação; o que posteriormente, levou ao seu declínio e às suas transformações, e o que o torna relevante, nos nossos dias. O Desenho, que abrange por um lado, os conceitos adquiridos e analisados anteriormente e, por outro, suportam o desenvolvimento das estratégias de intervenção e dos projectos dos abrigos e do Centro de Investigação.

Um atlas é “un work in progress, sempre susceptible de abrirse a nuevos objectos, nuevos problemas, nuevos aperçus” (Didi-Huberman, 2011)³. O território que se apresenta está em constante modificação, daí este ser, um trabalho contínuo na composição dos elementos gráficos apresentados de cada lugar, pois haverá sempre uma sobreposição de camadas, que adulteram a sua composição e aquilo que dele conhecemos. Este material produzido, compilado sob a forma de um atlas do Tejo, é uma pequena sinopse: muitos temas ficaram por ser referidos e reflectidos, outros, poderiam até ser mais desenvolvidos; contudo, aqui referem-se aqueles que foram essenciais e levaram à concretização deste trabalho, que é agora um recurso, para compreender a história e o tempo, deste troço do território português até hoje.

Fig. 3
Detalhe da capa do caderno de campo de Orlando
Ribeiro. Vale de Lobos, 1997 | Duarte Belo

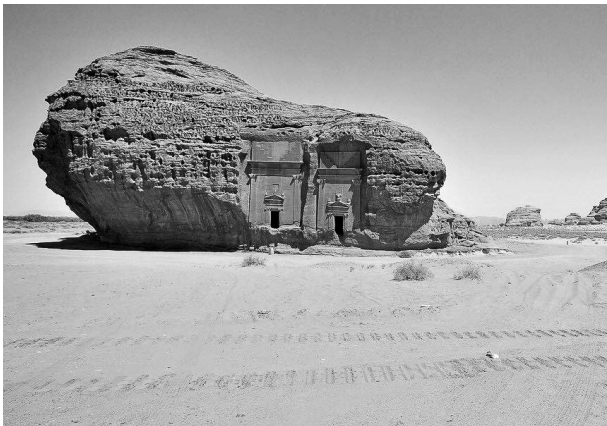
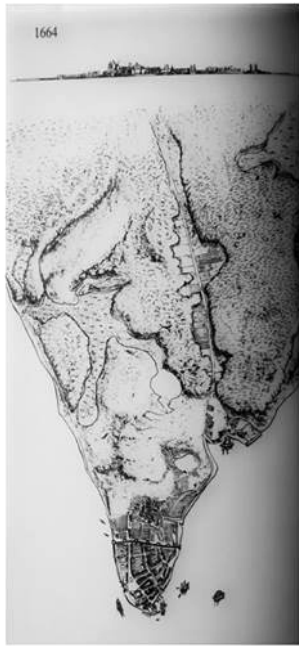
³Ibidem, p.224

“A todos os que não desejam fazer perpetuamente justa a frase célebre de Montesquieu, ao dizer dos portugueses que tinham descoberto o mundo, mas desconheciam a terra em que nasceram; este livro inventário das riquezas artísticas que ainda não sumiram na voragem, e das maravilhas naturais que ainda não conseguimos destruir, antologia de paisagistas, «vade-mecum» de beleza, roteiro dos passos portugueses enamorados, indículo das pequenas e grandes coisas, que requerem o nosso amor – pelo passado, pelo presente e pelo futuro (...)”

Guia de Portugal, Fundação Calouste Gulbenkian, 1923

[A PERMANÊNCIA]

【 A LEITURA DO TERRITÓRIO . PALIMPSESTO 】
CAPÍTULO I



“Nuvens sopradas pelo vento, sombras projectadas, uma fina superfície de solo que se desloca lentamente sobre uma esfera interior de magma, uma topografia irregular e de matéria diversa, rios e oceanos. Sobre um mundo que fomos compreendendo no decurso de um tempo longo, erguemos construções, modelos, desenhos de arquitectura onde se joga no intervalo sensível entre espaço e tempo, desenhos, fotografias, textos. Projectos. Imagens de representação do território, rastos deixados por um olhar reflexo e perplexo de quem não pode deixar de se surpreender com o seu próprio labor na construção da grande cidade infinita.” Duarte Belo⁴

A fina superfície de solo que pisamos, a que chamamos superfície terrestre, é a primeira camada a ser transformada pelas nossas ações, como o simples ato de caminhar. Sob as nossas pegadas, e fora do nosso olhar, o solo é constituído por várias camadas de sedimentos geológicos e por vestígios da atividade humana, armazenadas na sua estrutura que foi submersa pelo tempo, ou que são ainda visíveis à superfície, na face da terra que a ação humana e a natureza não alterou. A este conjunto de constituintes e acções, exercidas sobre o solo, e ao espaço que habitamos, chamamos território.

A palavra território engloba em si diferentes denotações consoante a área onde esta se aplica. Este resulta de diferentes processos e abordagens: modifica-se naturalmente devido à instabilidade da morfologia terrestre, quer seja por fenómenos como o deslizamento de terras, erosão das praias e linha costeira, o avanço e recuo das florestas, os tremores de terra, entre outros. Está ainda sujeito às intervenções humanas: construção de estradas, aterros, pontes, barragens hidroelétricas, perfuração de túneis, agricultura, entre outros. Juntos, tornam o território num espaço incessantemente modelado e remodelado, face às nossas necessidades. Quando o território é ocupado, estabelece-se uma ligação que se formula através da planificação e organização de um povo; “o território é o objeto de uma construção. É uma espécie de artefacto. Desde logo, constitui igualmente um produto” (Corboz, 1983)⁵. Este território que foi ocupado e qualificado, é por norma uma apropriação que não só é de natureza física, como também política. Pode se referir geograficamente às fronteiras naturais, como também, referir-se às populações que nele residem.

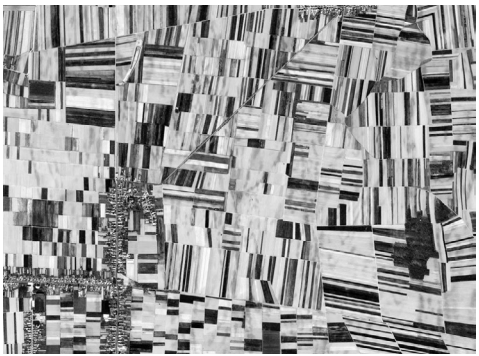
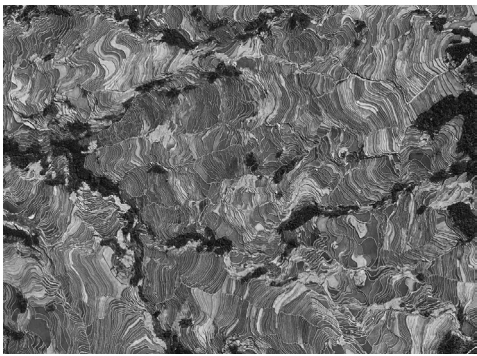
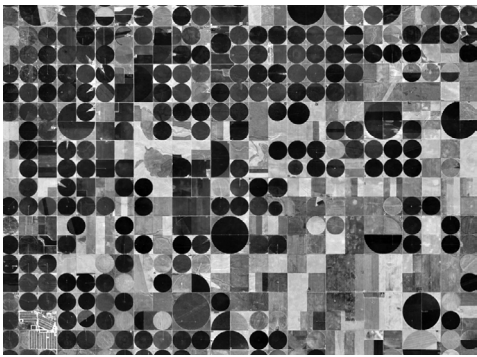
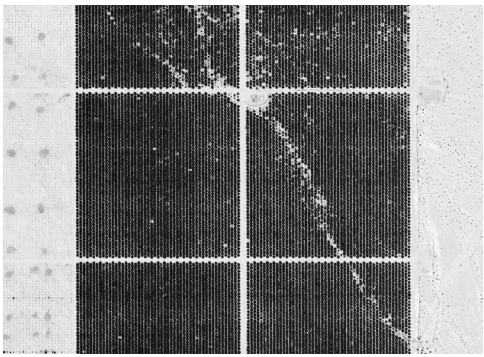
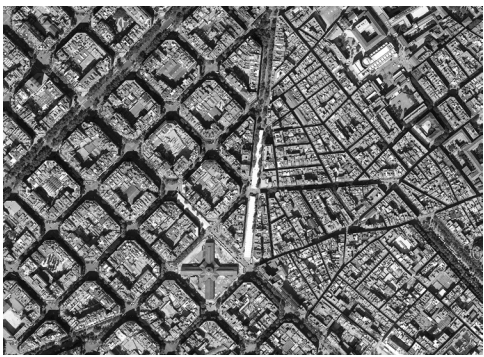
Devido à sua natureza, o território assume diferentes formas, quer geométricas - trabalhadas pelo homem - ou mais naturais - na sua forma primitiva. Um dos exemplos da forma geométrica a que o território é submetido, advém da agricultura, sendo que alguns dos exemplos da transformação do território mais marcantes são referentes aos campos de arrozais, à vinicultura, (onde as vinhas construídas em socalcos, sobre declives muito grandes, transformam todo o território, alastrando-se por vastas áreas, como é o caso das encostas do Rio Douro), ou ainda o olival (os olivais construídos em calçadas de xisto, que ainda se podem ver ao longo de algumas encostas e vales do Rio Tejo). Existem outras transformações, relacionadas ainda com a transformação do território, sem que no entanto modifiquem o mapa topográfico, mas sim, a aparência dele: as alterações da cobertura vegetal de um local, ou a supressão total dela. Torna-se difícil definir ou qualificar o território através de um só critério, pois incorpora uma série de agentes, cujo sentido varia consoante a sua aplicação e onde a história com o passar do tempo a misturou.

“O território é um “projecto” a relação entre uma superfície topográfica e a população estabelecida nele, permite afirmar que “não há território sem a imaginação do território; no entanto enquanto projeto, ele adquire um significado, ganha um nome e juntando-lhe todas as expressões de várias temáticas, transforma-se num tema.” (Corboz, 1983)⁶

Hoje interpretamos o território que habitamos, através da nossa cultura e do conhecimento que dele fomos adquirindo; quanto mais o conhecemos, mais ele nos mostra como a natureza e a acção do homem nele actuaram, até chegar ao seu carácter presente.

⁴BELO, Duarte. Uma cidade desenhada por um rio – Superfície. In Lisbon Ground. Lisboa: Direção Geral das Artes, 2012. p. 21
⁵CORBOZ, André. O Território como Palimpsesto. In Teoria e Crítica de Arquitectura – Século XX. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2010. ISBN 9789 896580650. P. 843.
⁶ Ibidem, p. 844

Fig. 4
Expansão Urbana de Manhattan
1664 . 1774 . 1880 . 1930
Fig. 5 | 6
Mada'in Saleh, região de Al Madinah
Arábia Saudita | Cidade do México
Fig. 7 | 8
Estufas em Almeria . Espanha | Scottsdale,
Arizona . Estados Unidos



Nas distintas formas de nos relacionarmos com o território, houve duas que sobressaíram: o mapa e paisagem natural. Estas duas formas, ainda que diferentes nos seus propósitos, correspondem a concepções da Natureza. A ideia principal de um mapa, é termos a possibilidade de vermos em simultâneo um vasto território, que não nos é possível observar na sua totalidade na realidade. O mapa é uma redução das dimensões e dos elementos que compõem o espaço real; ele mostra de uma forma geral, todas as relações entre os diferentes pontos nele representados (a distância e a localização entre cidades por exemplo), sendo que visto de outra perspetiva mais abrangente, ele enquadra-se como território, pois as ações que ele representa e sobre ele foram pensadas, foram elaboradas sobre o território. No entanto, há que ter sempre presente uma representação mental do território, para o podermos compreender na sua plenitude - desde as distâncias entre pontos, às dimensões de uma localidade, e à região onde se inserem – no quotidiano de uma viagem, onde questionamo-nos sobre o próximo passo a dar ou a direção a seguir, na tentativa de formalizarmos um caminho.

Sem uma representação do território – mapa - a nossa compreensão do território seria menor. Foi esta a necessidade, que levou no passado, à formalização destes processos de interpretação do território. Era necessário representá-lo na sua totalidade com precisão, foram-se executando pouco a pouco métodos que representavam o território com maior rigor, desde a criação de uma simbologia, representação gráfica, sistemas de triangulação, entre outros. A constituição e aperfeiçoamento da cartografia da família de cartógrafos Cassini no século XVIII, apresentavam nestes documentos a mistura de marcas convencionais e reais e superfícies brancas vão pontuando a representação. A representação da topografia, só no século XIX encontrou uma formalização razoável através do sistema de traços com medidas corretas e curvas de nível.

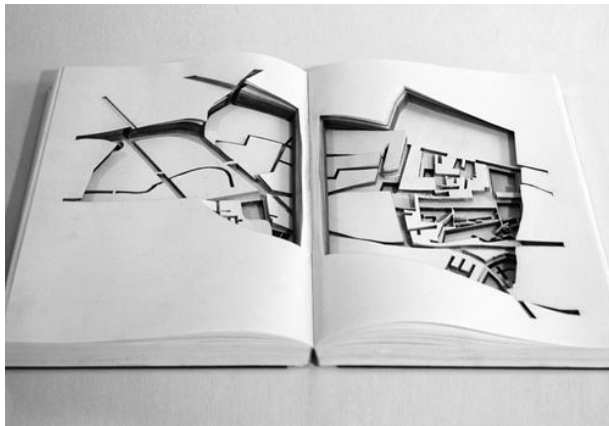
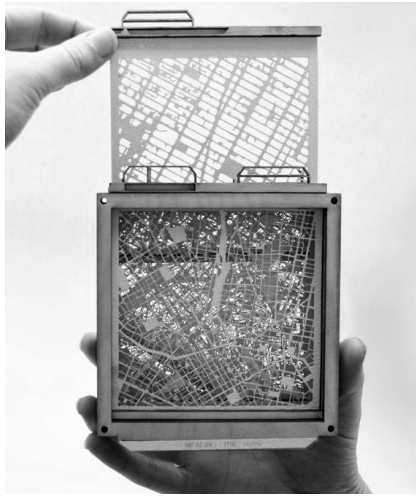
Nas abordagens acima referidas, o que se pretendia não era uma reprodução do território, no entanto todos os esforços levavam nessa direção: “porque o território contém muito mais do que aquilo que o mapa quer mostrar, ao passo que o mapa permanece, apesar de tudo, aquilo que ele é: uma abstração. Falta-lhe aquilo que por excelência caracteriza o território: a sua extensão, a sua espessura e a sua perpétua metamorfose.”(Corboz, 1983)⁷. Representar o território, não é só fazer um decalque do mesmo, é uma construção. O mapa representa um território mais puro e que se encontra sujeito à nossa vontade, funcionando como um filtro: não representa a sociedade que habita em certo local, nem demonstra a renovação constante da Natureza. É uma ferramenta que nos permite olhar de cima para todo um território abaixo, no entanto esta vista privilegiada necessita de constante atualização.

A paisagem, ao contrário deste último, mostra-nos um lugar de cada vez; também ela adquire - assim como o território - diversas ideias conceptuais consoante a área onde a estudamos. A maneira como olhamos para a paisagem, seja em que campo for, não limita a nossa perceção do território ao nosso primeiro olhar sobre ele, a paisagem tem significados diferentes, consoante o observador que a vê e a percebe. Quer seja a contempla-la a partir de um miradouro, ou a percorre-la de transportes, apreendemo-la de maneiras distintas: o miradouro, constitui uma relação fixa de um determinado ponto no território e entre outros mais afastados e que podemos perceber a partir deste. O miradouro reduziu uma paisagem a uma figura, a um enquadramento, onde o nosso olhar nos leva sobre uma vastidão de território e nos leva a perceber a nossa escala face ao território onde nos encontramos. As vias de circulações viárias proporcionam-nos uma experiência semelhante à dos miradouros, especialmente aquelas que atravessam topografias exigentes como as montanhas: a experiência que temos no carro relaciona-nos com pontos distantes.

A paisagem aqui passa a desenvolver-se à velocidade do homem. O comboio oferece a mesma experiência; já o avião ou o helicóptero abarcam uma relação com o Território diferente: ambos têm uma relação mais imediata com este, o helicóptero faz variar a escala, aproximando-nos ou afastando-nos deste, dando-nos a liberdade de irmos para um local sem que tenhamos que responder a um percurso ou estrada, realizando um caminho desconectado dos percursos presentes no solo. Cada um destes novos instrumentos de percorrer o território, produzem cada um, um território único, esta deixa de ser constituído por extensões e obstruções, e sim por fluxos e eixos.

⁷ Ibidem, p. 847

Fig. 9 | 17
Plano Cerdà . Bairro Gótico . Barcelona . Espanha
Campos Agrícolas . França
Judge Harry Pregerson Interchange . Estados Unidos
Rancho Cadiz . Deserto Mojave . Estados Unidos
Campos de Irrigação . Kansas . Estados Unidos
Vinhas em socalco no rio Douro . Portugal
Veneza . Itália
Terrços de Arrozaís . China



*“Even now, when i try to remember..., thes darkness does not lift but becomes yet heavier as i think how little we can hold in mind, how everything is constantly lapsing into oblivion with every extinguished life, how the world is, as it were, draining itself, in that the history of countless places and objects which themselves have no power of memory is never heard, never described or passed on.”*W.G. Seralb⁸

O território e a paisagem são entidades mutáveis, que se alteram na consequência da acção do homem e da natureza. Elas são o suporte físico sobre o qual a humanidade, no seu processo de desenvolvimento cultural, deixou as suas marcas. Em ambas contemplamos vestígios do passado que narram a história dos lugares, são traços e marcas de uma morfologia que foi desaparecendo, ou ocultada, ao ser sobreposta pelos traços contemporâneos do presente. Em conjunto, ambos tecem um único panorama, expresso naquilo que hoje vemos e nos rodeia. O território carregado de vestígios e leituras antigas assemelha-se a um palimpsesto.

Este termo, referente à escrita nos pergaminhos, representa a ideia do pergaminho que foi recilado; sobre ele foram escritos textos, que mais tarde foram sobre-postos por outros, criando assim várias camadas de informação em cada documento, onde uma leitura sobre o mesmo, revela inúmeras camadas de texto que são reencontradas e reinterpretadas. Relacionado inicialmente com o acto da escrita, este termo é agora aplicado na análise de um lugar no âmbito do discurso da arquitectura e do urbanismo. Usado metaforicamente para descrever a acção, da sucessão de diferentes camadas que possuem informação histórica de dado lugar, e que são subscritas por outras novas, alterando a sua morfologia. Através da sua leitura, podemos compreender a génese do lugar, revemos o passado e a sua formação até aos nossos dias; o conceito de palimpsesto, reverte assim, para descrever ou intervir no território, com base no conhecimento das camadas intrínsecas do lugar.

De forma a implementarmos novos equipamentos, de forma a explorarmos novas terras, é necessário por vezes modificar a sua substância de modo irreversível. Contudo o território não é uma “embalagem perdida nem um produto de consumo que se repõe” (Corboz, 1983)⁹. Cada um é único, daí a necessidade de se remexer uma vez mais e reciclar, o que os homens inscreveram nos solos, a fim de depositar uma nova que responda às necessidades do dia-a-dia antes de ser anulado quando chegar a sua vez. Não só adicionamos, como também apagamos. Há determinado estratos suprimidos voluntariamente, como outros obliterados pelo uso. Quer olhemos um mapa ou uma paisagem, com o intuito de o analisarmos ou de intervirmos, a nossa relação com estes nunca é completa e contínua, pois estes sempre em constante modificação alteram sempre o que percecionamos deles e a forma de como os vemos: “o território estende-se além adiando aquilo que eu sei dele, perceciono dele, vejo dele.” (Corboz, 1983)¹⁰

“(...) esta metodologia de investigação do território não se restringe portanto a uma perspectiva passiva, meramente analítica, entendida como um fim em si mesma. Faz sobretudo parte de uma metodologia projectual, de acção, permitindo uma síntese do existente, distinguindo o elementar do acessório, tendo em conta a sua espessura histórica (...)”. (Carrilho da Graça,2015)¹¹

Através desta decodificação das camadas que constituem o território, entendemos a sua formação e compreendemos as suas alterações, nele encontramos registada a nossa presença sobre um lugar; “o território é o verdadeiro património”(Carrilho da Graça, 2015)¹² ; é este processo, de leitura sobre o que nele se encontra inscrito, que nos permite descobrir pequenos fragmentos de história extinguida pelo tempo, estes podem vir a ser reproduzidos ou implementados novamente no presente, através de um novo gesto de arquitetura. A arquitetura é um gesto contínuo da transformação do território, pode ser também um processo de decodificação e interpretação do mesmo: pode levar à qualificação dos lugares, conferindo e restituindo identidade. Por vezes é a existência de um novo elemento contemporâneo, que desperta o interesse sobre um lugar e incita à sua descoberta, como aconteceu com a construção dos projetos do Centro Interpretativo das Gravuras de Foz Côa, o Fluvialário de Mora e o Centro de Alto Rendimento de Remo do Pocinho. Ambos os projetos – descentralizados – revitalizaram, e impulsionaram, o desenvolvimento destas regiões. Procuraram através de um gesto contemporâneo, repercutir a essência e a memória do local onde se inserem, quer a partir da sua materialidade ou da sua forma; todos adicionam uma nova camada de história ao território.

⁸Citado por Huyssen, Andreas. Present Pasts – Urban Palimpsests and the Politics of Memory. California: Stanford University Press, 2003.
⁹Ibidem, p. 851
¹⁰Ibidem, p.852
¹¹CARRILHO DA GRAÇA, João. Carrilho da Graça: Lisboa. Porto: Dafne Editora, 2015. P.7
¹²Ibidem, 28

Fig. 16 | 17 | 18
Maquete. sobreposição de plantas da cidade
Sobreposição de materiais
Demolições . palimpsesto
Fig. 19 | 20
Mada'in Saleh, região de Al Madinah
Esculturas de papel . Laura Lynn Jansen
Fig. 21 | 22
Grande Cretto . Alberto Burri
Maquete de Los Angeles
Conical Intersect e Pompidou . Gordon Matta Clark



“O território é o elemento permanente da nossa identidade.” José Matosso⁴

Portugal é um território vasto, e singular, em toda a sua extensão. Desde a sua superfície continental até às ilhas do Atlântico, mostra uma diversidade de paisagens, e de gentes, que produziram este território que hoje pisamos. Nele testemunhamos uma narrativa, na qual ainda se inscrevem novos capítulos: ainda que presenciemos um presente em constante mutação, e um futuro indefinido, é o passado, representado por diversas marcas edificadas, ou a memória de algumas, que nos contam a história.

As diferentes unidades de paisagem que compõem o território português, tornaram-no detentor de características, que influenciaram diferentes formas de povoamento, e ocupação. A construção de uma paisagem litoral densamente povoada e alterada, contrasta com uma outra interior, menos povoada e que preserva uma paisagem quase primitiva. A arquitetura edificou o território; também ela reveladora de contrastes, caracterizou e identificou lugares através da sua tipologia e da sua materialidade. Falar do território nacional e dos aspetos que o tornam singular e o identificam, é debruçarmo-nos sobre a história do país e sobre a obra de alguns autores que o caracterizaram, percorrem-no de Norte a Sul, e o retrataram como ninguém; ainda que sejam retratos de um país de outros tempos, estes serviram para uma compreensão preliminar sobre o país, e de ancoragem para o desenvolvimento deste trabalho.

“Em termos de «identidade», porém, nada é simples. Vamos abandonar o nosso território? Vamos esquecer a terra? É nela que nos apoiamos, dela que nos alimentamos, ela que configura o nosso espaço, ela que condiciona as nossas comunicações físicas. Nela moraram os nossos antepassados. Marcados pelo território, transmitiram-nos as estruturas sociais com que nos organizamos, as técnicas agrícolas que em parte a dominam, e tudo o mais que foi moldando as nossas comunidades até hoje. Território é o elemento permanente da identidade. (...) Por outro lado, há uma história nacional que só se compreende devidamente quando se tem presente a diversidade de comportamentos próprios das regiões, e a influência que estes tiveram nas alterações do rumo do país.” (Matosso, 2010)⁵

Através da leitura do território e dos elementos que o compõem, fomos procurando definir a sua identidade. Como refere o historiador José Matosso⁶, o território é o elemento permanente de identidade, é a base do nosso desenvolvimento e daquilo que representamos e, nos identifica. A identidade também ela passou por diversas fases históricas, até encontrar a expressão que hoje lhe conhecemos, também se transformou como o território. Nele construiu-se e habitou-se de formas distintas, que lhe conferem um estatuto único, uma identidade própria a nível regional, e nacional. Na obra - Portugal o Sabor da Terra - um retrato histórico e geográfico por regiões, encontram-se retratados as distintas identidades regionais, que caracterizam e constituem o território nacional.

Também se discursou sobre identidade, através da arquitetura. Durante cinco anos um grupo de arquitetos percorreu o território nacional em busca do que “seria a verdadeira arquitetura portuguesa” (Roseta, 1988)⁷; dividiram o país em seis regiões, e delas procederam ao levantamento e compreensão do espaço português; não só elaboraram o retrato da arquitetura de cada região, como procuraram conhecer as suas gentes, “como vive e de que, entrar no espaço das suas casas e descobrir a ordem que lhes puseram, compreender os materiais dominantes sob as formas em que os talharam”(Roseta, 1988)⁷.

⁴José Matosso (1933-....) historiador e professor universitário português.
⁵MATOSSO, José, DAVEAU, Suzanne, BELO, Duarte. Portugal o Sabor da Terra : Um Retrato Histórico e Geográfico por Regiões. ⁶ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 2010. p.6
⁶Ibidem, p.6
⁷ROSETA, Helena. Prefácio, In Arquitectura Popular em Portugal. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. p. 5 - 8

Fig. 20 | 51
O território português captado pela objetiva de Duarte Belo .

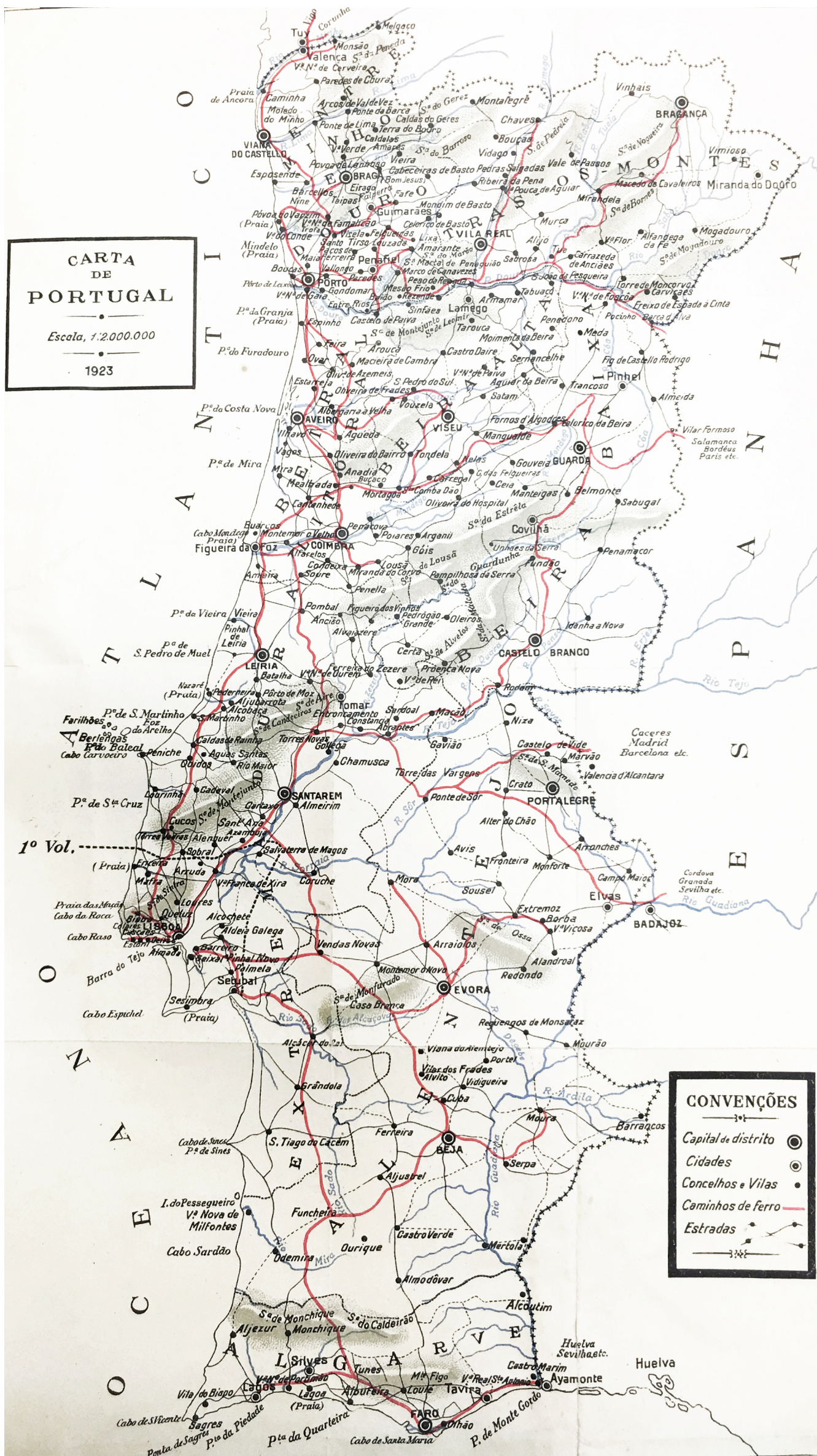




Fig. 53 | 54 | 55
Algumas páginas do livro do *Inquérito à
Arquitetura Popular em Portugal* (1955)

O país repercutido, no Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal, é um retrato genuíno da verdadeira arquitetura vernacular portuguesa, uma arquitetura produzida não por arquitetos, mas sim, pelas gentes que ao longo de gerações adaptaram o território e a arquitetura às suas necessidades. No Inquérito imortalizou-se através da fotografia, da escrita, e do desenho, conspectos da arquitetura e do espaço português que poucos conheciam; estes elementos mostram agora, a produção de um espaço, e as distintas leituras realizadas, sobre um território atualmente modificado.

A viagem sempre foi um meio essencial, para o conhecimento de um dado lugar. É na descrição pormenorizada, de diferentes propostas de viagem idealizadas pelo país, e a procura de dar reconhecimento a lugares, que passam despercebidos e, de outros quase desconhecidos do panorama nacional, que o Guia de Portugal - publicado pela Fundação Calouste Gulbenkian em 1923 – se constituiu. Este difere dos guias tradicionais, por não evidenciar somente os lugares mais atrativos e conhecidos de cada região, mas sim, por contar as histórias, falar das pessoas, e mostrar os percursos que nos levam até eles; através de diversos mapas, e de comentários precisos sobre as indicações a tomar, seguidos de uma descrição exhaustiva do espaço que atravessamos, alerta-nos para pequenos detalhes que poderiam escapar ao olhar do viajante menos atento, contribuindo assim para uma leitura mais atenta, na redescoberta do território.

A viagem, a fotografia e o desenho, foram instrumentos essenciais na revelação, compreensão e eternização do território, num determinado momento. Foram ferramentas indispensáveis, para a composição do trabalho do geógrafo Orlando Ribeiro, que representou e estudou, todo o território nacional nas inúmeras viagens que realizou. Estas encontram-se relatadas, nos seus cadernos de campo, que se revelaram essenciais na compreensão e estudo, do território nacional. Neles encontramos descritas as viagens, e as primeiras impressões dos locais que visitou, sob a forma de apontamentos, desenhos e fotografias; estes registos, são agora documentos únicos, que retratam e “falam de um mundo tão próximo e tão afastado de nós” (Siza, 1994)⁸

As fotografias que Orlando Ribeiro captou, nas viagens que realizou, durante cinquenta anos, foram o mote para o desenvolvimento da obra Portugal - Luz e Sombra, O país depois de Orlando Ribeiro, da autoria do fotógrafo e arquiteto Duarte Belo. Nesta obra, confrontam-se fotografias de um mesmo local, registadas em dois momentos distintos: o passado captado pela objetiva de Orlando Ribeiro, nas viagens que realizou; e a viagem realizada em 2011, por Duarte Belo. As fotografias do geógrafo retratam um “Portugal de pobreza, de fracos recursos, mas simultaneamente, da persistência e da luta ancestral pela sobrevivência.” (Belo, 2012)⁹. As fotografias captadas pelo fotógrafo, espelham as transformações profundas que o território, a paisagem e a arquitetura comportaram, mas também, a contínua evolução de um povo e da sua identidade, “estas fotografias dão-nos conta, com fascínio e inquietação, do poder avassalador do tempo e das imparáveis construções humanas na modelação da identidade de um povo” (Belo, 2012)¹⁰.

Ao longo dos séculos, fomos forjando um território fisicamente diversificado, onde cada cultura que o ocupou foi deixando os seus vestígios, da forma de como habitaram e ocuparam os lugares; agora somos nós, portugueses, que continuamos essa ocupação, e a modelação de uma terra que é uma, mas que acarreta em si, múltiplas singularidades regionais e locais. O país registado nestas obras evidencia um território de contrastes, entre paisagens, entre gentes e a forma de como se habitam os lugares.

“Há um país que parecia eterno, aquele que associávamos a um passado lento e antigo, perene. De repente tudo parece ter-se alterado e, mesmo esse passado, parece estar a desaparecer.”
(Belo, 2012)¹¹

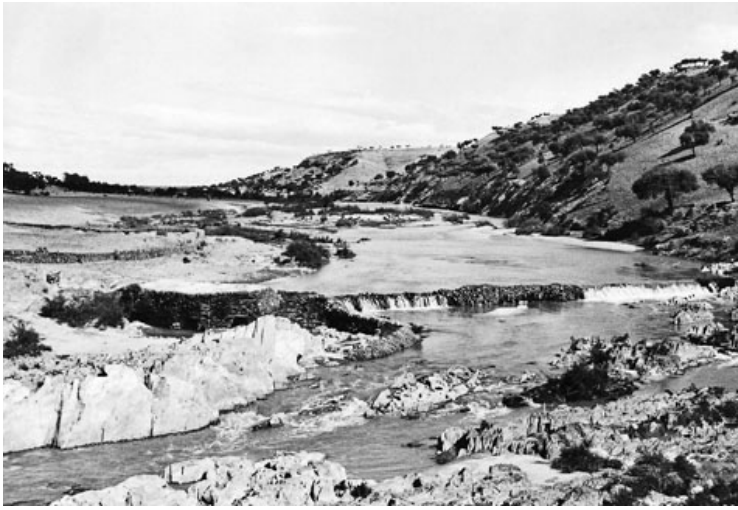
Fig. 52
Os itinerários de Portugal.
Carta de Portugal continental publicada no
Guia de Portugal de 1923 - editado pela
Fundação Calouste Gulbenkian

⁸SIZA, Teresa; GASPAR, Jorge; DAVEAU, Suzanne. Finisterra - Imagens de Orlando Ribeiro. Coimbra: Encontros de Fotografia, 1994.

⁹BELO, Duarte. Portugal – Luz e Sombra. O País depois de Orlando Ribeiro. Lisboa: Circulo de Leitores. 2012. p. 299

¹⁰Ibidem, p. 131

¹¹Ibidem, p. 301



Este marcado por diferentes tempos e leituras, assemelha-se a um palimpsesto. Se compreendermos o território e a sua morfologia, enquanto entidades primárias onde tudo se desenvolveu, foram necessárias uma série de ações, para que aquilo que hoje conhecemos existisse; desde cedo, soubemos tirar partido das suas condições naturais e o esculpimos, face às nossas necessidades e à imagem do nosso tempo.

“Gosto de imaginar que o território possui uma estrutura própria que constitui o sistema inicial de suporte da vida do homem neste planeta. E que sobre esse território – que também teve outras formas de natureza, como a sua própria natureza selvagem – fomos construindo, pouco a pouco.”
(Carrilho da Graça, 2014)¹²

É ao olhar para o passado, através da leitura das camadas que nele se inscreveram, que procuramos entender os processos que levaram à sua transformação, e empregando este conhecimento - enquanto tema para o desenvolvimento de estratégias de intervenção e produção de arquitetura - e imaginámos, o que poderá ser o seu futuro. Parafraseando Helena Roseta, “só se ama aquilo que se conhece. É também de uma história de amor que este livro trata: amor pela paisagem, amor pelo território, amor pela arquitectura nascida “deste chão ruim” de que falou Miguel Torga e que Orlando Ribeiro tão bem compreendeu. É desse amor que tem de nascer a vontade de imaginar um futuro para o passado.” (Roseta, 1988)¹³

Esta breve aproximação dos temas da viagem, identidade, memória e fotografia, serviram de ponto de partida para o desenvolvimento da proposta que se irá compor. É através do trabalho de Duarte Belo - Horizonte Portugal - e da sua forma de ver, retratar e percorrer o território que se olhou para Portugal.

Fig. 56 | 57
(em cima à esq.)
Rio Pônsul. Malpica do Tejo. Castelo Branco
Fotografia de Orlando Ribeiro . 1937
(em cima à dir.)
Rio Pônsul. Malpica do Tejo. Castelo Branco
Fotografia de Duarte Belo . 2011

Fig. 58 | 59
(em baixo à esq.)
Praia de Mira. Mira. Coimbra
Fotografia de Orlando Ribeiro . 1945
(em baixo à dir.)
Praia de Mira. Mira. Coimbra
Fotografia de Duarte Belo . 2011

¹²CARRILHO DA GRAÇA, João. Carrilho da Graça: Lisboa. Porto: Dafne, 2015. p.23

¹³Ibidem, p. 5-8

[A LEITURA]



Horizonte Portugal é uma narrativa do território português, comunicada através da fotografia produzida por Duarte Belo, desde 1995. Esta surge, no decorrer de diversas viagens que abrangeram todo o país: sobre um mapa, começou a traçar itinerários, e a assinalar os locais que queria fotografar; ao percorrer os caminhos que traçou, foi tirando uma série de fotografias sobre o espaço que atravessava. Das suas viagens, resultou a constituição de um arquivo fotográfico, com cerca de 900 000 mil fotografias. Através da fotografia, Duarte Belo procurou comunicar uma cultura; compreender como o homem se relaciona com o território que o envolve e se posiciona na paisagem, e através dela, sugerir uma reflexão e um olhar mais atento sobre o mesmo; mais do que imagens de um lugar que fotografava, pretendia registar “o fascínio por um caminhar humano, de que uma forma por vezes tão clara, se encontra no território hoje Portugal desde o Paleolítico, desde a chegada das primeiras comunidades humanas, até ao tempo atual.”(Belo, 2013)¹⁵

Estes registos fotográficos assumem por isso, uma vertente documental, assumindo-se quase como um atlas fotográfico do território nacional, onde se encontram registados e catalogados aspetos do espaço português, sobre as diferentes temáticas que o constituem. Através destas fotografias, somos transportados por diferentes momentos históricos do país, quer seja pelo registo dos vestígios das primeiras culturas que o povoaram, quer pelas suas fortificações e monumentos, ou ainda, pela arquitetura de cada região, desde a tradicional à contemporânea, não esquecendo, os espaços que fomos deixando para trás e, que são hoje ruínas. Foram também fotografadas as distintas paisagens – urbanas e naturais - que compõem e diferenciam o país, como também os seus rios, os trilhos e as vias, que o marcam, e nos unem.

“Em cada viagem havia um país que se descobria, mas também uma identidade múltipla. (...) Um trabalho que nunca terá fim, que reencontra a cada viagem novas possíveis direções a tomar.”
(Belo, 2013)¹⁶

Este arquivo em constante composição é, por si só, uma entidade que estabelece diferentes relações temporais com o território, através das fotografias, presenciamos a sua metamorfose. É também, uma viagem de redescoberta de lugares deslembados e, de outros, desconhecidos por muitos de nós; este é o objetivo da plataforma Horizonte Portugal, revelar, descobrir, e mostrar o território português. Este trabalho desenvolvido pelo fotógrafo, assume várias frentes e suportes: é através de três recursos distintos, que se propõem realizar a descoberta do país: o primeiro, remete-se a uma plataforma online onde uma fração deste arquivo se encontra disponível, e nos é possível ver, alguns dos lugares fotografados; o segundo recurso, estende-se a uma abordagem mais direta com o território, através da implementação de oito itinerários de longa duração - que se desenrolam de Norte a Sul do país - nos confrontamos com as singularidades existentes no espaço português. Para terminar, o último recurso reserva-se á proposta da construção de um Centro de Investigação do Território Português, onde se irá instalar o arquivo fotográfico, e um espaço expositivo sobre o Horizonte Portugal; é sobre este último, que este trabalho se irá desenvolver nas páginas seguintes.

É a partir do rio Tejo - enquanto objeto de estudo - que encetamos viagem pela redescoberta do território português. É na sua leitura, enquanto palimpsesto, que desvendamos as camadas que o constituem; nele caminhamos pela história, e reconhecemos as memórias que dele fizeram um importante eixo do país, atualmente desvalorizado acima de Lisboa, pretende-se reativar e relembrar todo o território adjacente ao Tejo. Esta é a sugestão para uma nova leitura sobre o espaço português, onde através da cartografia e da fotografia, se permite conhecer um país, e onde através do caminhar, nos relacionamos com ele. É por entre esta dicotomia de paisagens e arquiteturas, que este território é agora revisitado.

¹⁵BELO, Duarte. Duarte Belo, a arte fotográfica ou uma poética da paisagem. Entrevista de José Eduardo Franco [Em Linha]. Letras com Vida, nº5, 2013 [Consult. 11 Maio 2014]. Disponível na internet: <URL: <http://malomil.blogspot.pt/2014/01/duarte-belo-entrevista.html> >.
¹⁶BELO, Duarte. O valor e o preço - Ler, fazer, caminhar 09. [Em Linha]. [Consult. 11 Maio 2014]. Disponível na internet: <URL: http://cidadeinfinita.blogspot.pt/2013_02_01_archive.html >.

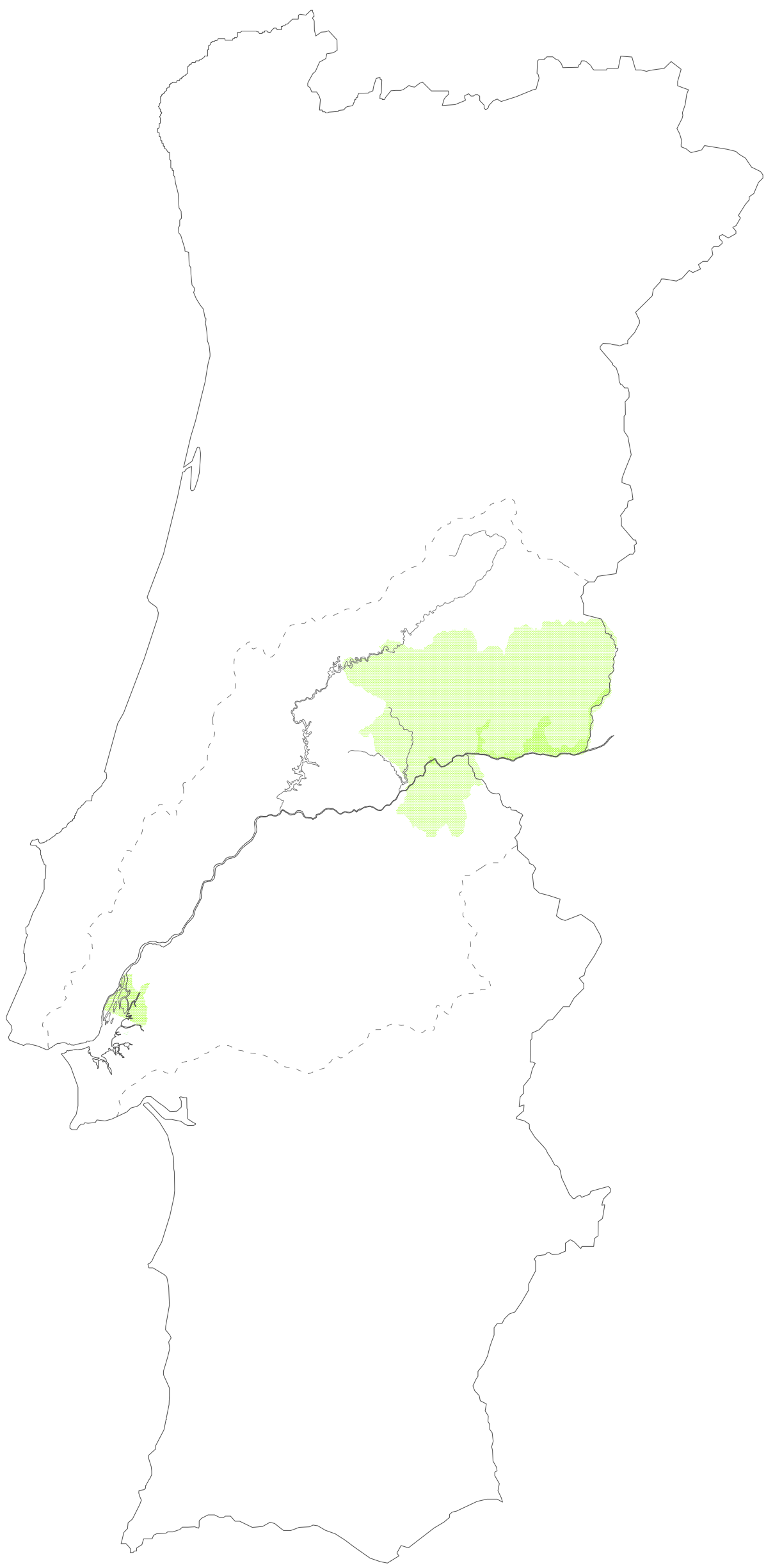
Fig. 60 | 65
Mapear, caminhar e fotografar, a metodologia de trabalho de Duarte Belo: antes de iniciar uma viagem, o fotógrafo delinea sobre um mapa o percurso a fazer; ao longo deste, fotografa os diferentes aspectos com que se depara e cataloga-os, tirando algumas notas sobre os mesmos, nos seus cadernos de campo. Posteriormente faz a revelação das fotografias e escolhe as provas finais, que poderão constituir os seus trabalhos no futuro. Por fim todas as imagens recolhidas, são arquivadas, no seu arquivo pessoal que já contém mais de 900 mil fotografias sobre o espaço português.





Fig. 66
Horizonte Portugal . Os sete itinerários
propostos por Duarte Belo

【 RIO TEJO . POR ENTRE MARGENS DE HISTÓRIA 】
CAPÍTULO III



ENQUADRAMENTO GEOGRAFICO E CARACTERIZAÇÃO MORFOLOGICA

A nascente do rio Tejo, localiza-se nas imediações da localidade espanhola Frías de Albarracín, num local conhecido por Fuente García, na Serra de Albarracín. Este atravessa ambos os países, numa extensão de aproximadamente 1070Km, onde cerca de 270Km, são percorridos em Portugal e parte destes – entre a foz do rio Erges e a Barragem de Cedillo – faz de fronteira entre ambos os países. Em território nacional, a sua bacia hidrográfica abrange uma área de sensivelmente 25 000 Km2; esta é delimitada a Norte e a Oeste, pelas Serras do Açor, Lousã e Estrela, e a Sul, pelas Serras de São Mamede, Monfurado e Arrábida. A orientação do seu curso é Este – Oeste; ao longo deste, atravessa diferentes unidades morfológicas que o dividem em três sectores, desde a nascente à sua foz, em Lisboa:

O sector superior (Fuente García – Aranjuez): a nascente do Tejo localiza-se no sistema montanhoso dos Montes Universais, a uma altitude de 1590m. Surge inicialmente como uma pequena linha de água, que ao descer as serras vai obtendo volume, ao encontrar os seus primeiros afluentes, e ganha velocidade, ao atravessar uma topografia bastante severa, marcada por grandes declives. Aqui o seu leito caracteriza-se por ser bastante estreito e rochoso.

O sector médio (Aranjuez – Rodão): Trespasada a área montanhosa, o rio assume uma postura diferente: o seu leito alarga, a sua velocidade diminui e o seu caudal aumenta, derivado aos novos afluentes que a ele se juntam, e aos aquíferos subterrâneos. Neste troço, o seu caudal começa a ser controlado e represado, pelas barragens.

O sector inferior (Rodão – Lisboa): Ao entrar em território nacional, o rio é marcado pelos afluentes portugueses e o seu caudal, controlado e represado, pelas barragens hidroeléctricas do Fratel e Belver. Neste sector, assume diferentes morfologias e atravessa distintas unidades de paisagem, onde se distinguem três troços:

Alto Tejo (Foz do Rio Erges - Belver):
O seu percurso é marcado por uma topografia exigente, de vales abruptos e estreitos; face a esta dificuldade, a sua paisagem é muito pouco povoada, imperando, quase em estado puro. Este troço internacional do Tejo é por isso, constituidor de dois parques naturais: o Parque Natural do Tejo Internacional e o Geopark Naturtejo da Meseta Meridional. Mais adiante, o seu leito natural altera-se, influenciado pela represa das suas águas, pelas barragens que o controlam. É ao atravessar as cristas quartzíticas, do Monumento Natural das Portas de Rodão, que o seu rumo inflete dirigindo-se para sudoeste.

Médio Tejo (Belver e Tancos ou Azambuja):
Após a passagem pela Barragem de Belver, a sua topografia torna-se menos severa, assumindo menores declives; as suas margens apresentam-se mais povoadas e cultivadas. O seu vale alarga, e o seu leito é caracterizado, por assoreamentos contínuos.

Baixo Tejo ou Tejo Marítimo (Azambuja Foz):
Nesta região o rio começa a percorrer as lezírias: o seu leito enleia-se, por entre esteiros, e por canais naturais e artificiais; é por entre uma dialética de conquista e reconquista, que o rio faz surgir algumas ilhas, os mouchões.

É na chegada a Vila Franca de Xira que o seu leito alarga-se, “tomando o aspeto de um golfo, ou de um mar interior, numa largura que pode andar, variavelmente, entre os cinco, os sete e os dez quilómetros” (Veiga, 2000)¹⁷. Conhecido como Mar da Palha, o estuário, encontra-se submetido a marés e representa a transição, entre o ambiente fluvial e o marinho. Detentor de características naturais e ambientais únicas, parte deste, pertence à Reserva Natural do Estuário do Tejo.

¹⁷VEIGA, João. Os mais Belos Rios de Portugal. 3ªed. Lisboa: Editorial Verbo, 2000. p. 153



Fig. 68
Enquadramento geográfico | Península Ibérica



Fig. 69
Albaracín | Nascente do Rio Tejo



Fig. 70
Belver | Alto Tejo



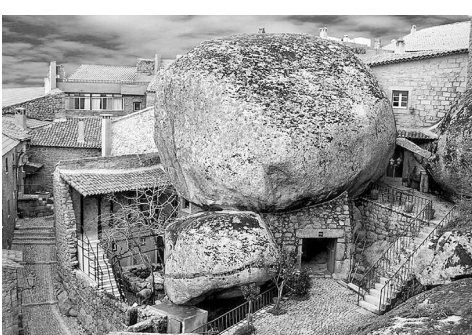
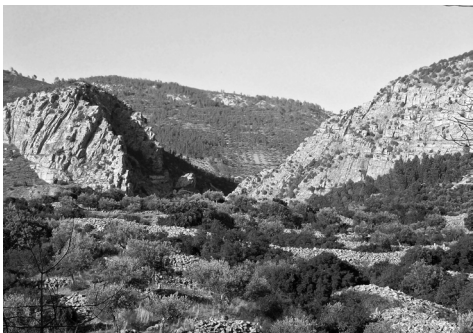
Fig. 71
Carregado | Médio Tejo



Fig. 72
Oeiras | Tejo Marítimo

Fig. 67
Esquema de enquadramento do Rio Tejo em território nacional e limites, da sua bacia hidrográfica





VALORES NATURAIS
RESERVAS E PARQUES NATURAIS

Como já referido, o Tejo em Portugal, é detentor de características naturais únicas, onde prosperam a fauna e a avifauna, própria do seu regime; dada a sua singularidade e, pela necessidade de proteção e reconhecimento, foram criados parques e reservas naturais, que atualmente o distinguem:

RESERVA NATURAL DO ESTUÁRIO DO TEJO

O estuário do Tejo é considerado a maior zona húmida em Portugal. A nível europeu, assume um elevado estatuto, concedido pelos seus diversos habitats, pela sua comunidade florística e, pela avifauna que nele habita. Localizada na área mais a montante do estuário, a Reserva contrasta com a cintura edificada, das áreas urbanas que a rodeiam. Esta é marcada pela presença de diversos canais, esteiros e campos de vasa - criados pelo avanço e recuo constante das águas estuarianas -, e evidencia-se na paisagem pela vegetação holofítica presente nas suas margens e nos mouchões, e ainda, pelos vastos campos agrícolas e de pastagem. A Reserva afigura-se na transição entre o meio aquático e o terrestre, entre o fluvial e o marinho; apresenta por isso, flora característica de ambos os ambientes, como a spartina marítima, gramata-branca, valverde-dos-sapais, entre outras; estas produzem, alimento e proteção, à avifauna que lhe confere o estatuto de área protegida: o alfaiate (recurvirostra avosetta), o flamingo (phoenicopterus roseus), pilrito-de-peito-preto, e o milherango.

Estão também integradas na reserva natural, as Salinas do Samouco; estas integram uma Zona de Proteção Especial, pois servem também de habitat a algumas espécies que aqui habitam. A maioria das salinas, encontra-se hoje desactivada.

GEOPARK NATURTEJO DA MESETA MERIDIONAL

Um Geopark, é uma área geográfica reconhecida mundialmente pelo seu valor, geológico e paisagístico, e por integrar, um conjunto de valores que tornam singular e caracterizam, o território onde se inserem, tais como, a biodiversidade, a história, a cultura e o património imaterial.

O Geopark da Naturtejo integra a rede europeia e mundial, de Geoparks da Unesco. A sua classificação advém da importância nacional e mundial, do património presente na região: o património geológico, geomorfológico, paleontológico e geomineiro mostrado pelos geosítios das Portas de Rodão e Almourão, os Icnofósseis e os Canhões Fluviais de Penha Garcia, e a mina de ouro romana do Conhal do Arneiro. A sua riqueza ecológica reside principalmente, no Parque Natural do Tejo Internacional e, nas respetivas áreas de proteção da avifauna, como a Rede Natura 2000 e as IBA -Important Bird Areas. O património arqueológico e cultural evidencia-se, pela importância histórica das regiões megalíticas de Nisa e Rosmaninhal, pelas diversas estações paleolíticas existentes e figuras Rupestres do Tejo e pelas ruínas de Alares, e Civitas Igaeditanorum Egitânia, em Idanha-a-Nova. O seu valor etnográfico, reside no conjunto das aldeias de xisto, e nas aldeias históricas de Monsanto e Idanha-a-Velha.



Fig. 104
Reserva Natural do Estuário do Tejo
Data de Classificação: 1976
Área: 14 000 ha
Concelhos: Alcochete, Benavente e Vila Franca-de-Xira
Centro de Interpretação Ambiental: EVOA - Espaço de Visitação e Observação de Aves (2009)
Áreas de Proteção Especial: Rede Natura 2000; IBA (Important Bird Areas); Salinas do Samouco

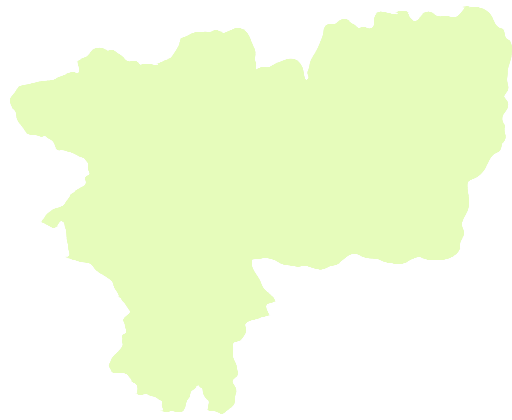
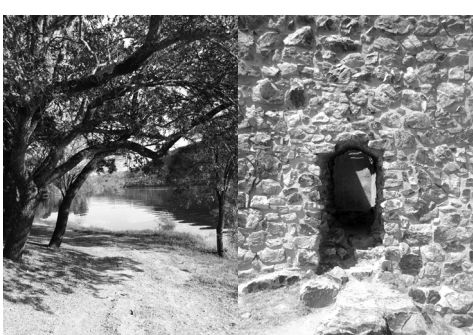


Fig. 105
Geopark Naturtejo da Meseta Meridional
Data: 2006
Área: 5000 km2
Conselhos: Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Penamacor, Proença-a-Nova, Nisa, Oleiros e Vila Velha de Rodão

Fig. 73 | 103
Fotografias da fauna, flora e elementos culturais, característicos de cada parque:
Reserva Natural do Estuário do Tejo (Fig. 73-87)
Geopark da Meseta Geopark Naturtejo da Meseta Meridional (Fig. 88-103)



PARQUE NATURAL DO TEJO INTERNACIONAL

Localizado no troço fronteiro do Tejo, entre Portugal e Espanha, este destaca-se pela sua paisagem natural quase primitiva, e onde a presença do homem, não se faz sentir; localizado numa das áreas de menor pressão demográfica do país, e numa região marcada, pela presença de uma topografia exigente, estes foram os fatores que ajudaram à sua preservação, e foram favoráveis, à proliferação da fauna e flora. A sua classificação, enquanto área protegida, resulta destes valores que se preservaram até hoje, e pela presença de um vasto património arqueológico e cultural, relacionado com as práticas rurais agrícolas e pela arquitetura vernacular.

No parque, destacam-se os seus vales encaixados e as suas escarpas inacessíveis, que proporcionam o isolamento necessário à formação e à manutenção de espécies de flora e fauna, que se encontram classificadas, como em perigo de extinção e protegidas, dada a sua singularidade: no seu cobro vegetal evidencia-se a presença de cravina brava e andryala ragusina - pela sua raridade -, e por montados de azinho, de sobro, de freixais e salgueiros, junto às linhas-de-água. Na fauna, tem especial importância a presença do gato-bravo (felis silvestiris), a cegonha-preta (ciconia nigra), o abutre-preto (aegyptius moncam) e a águia-bonelli (aguila pennata).

MONUMENTO NATURAL DAS PORTAS DE RODÃO

A sua classificação enquanto Monumento Natural, reside na sua singularidade geomorfológica e paisagística, dada a importância das espécies de avifauna, e flora, que abriga; pela relevância arqueológica, do Geosítio do Conhal do Arneiro, e pelas estações arqueológicas de Vilas Ruivas e Foz do Enxarrique. As Portas de Rodão são um fenómeno geológico ocorrido há 250 milhões de anos. A sua presença no território, sobressai pela imponência das cristas quartzíticas, nas quais o Tejo escavou, e fez surgir, o estreito de 45m de largura que atravessa e lhe dá nome. As suas escarpas, revestidas por montados de azinho, sobro e povoamentos florestais de eucaliptos e estevais, são o habitat das maiores colónias de grifos (Gypos Fulvus) do país, e o refúgio de espécies mundialmente protegidas como a águia-real (aquila choryseo). As Portas Rodão integram por isso a Rede Natura 2000 e as IBA.

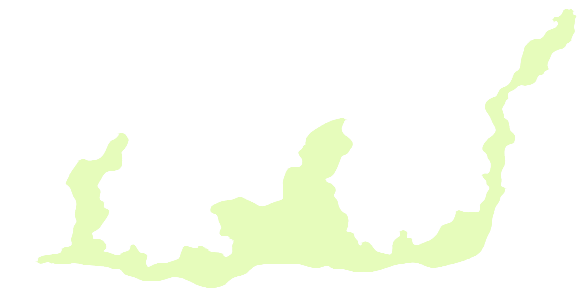


Fig. 139
Parque Natural do Tejo Internacional
Data: 2000
Área: 26 484 ha
Conselhos: Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Vila Velha de Rodão

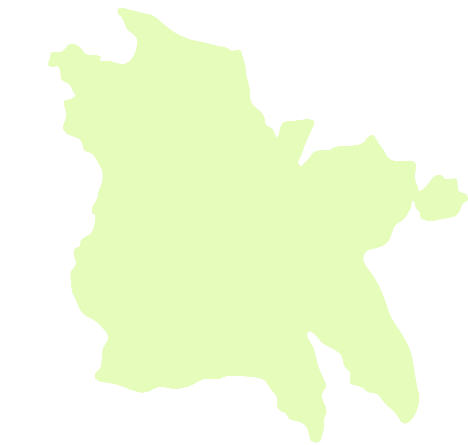
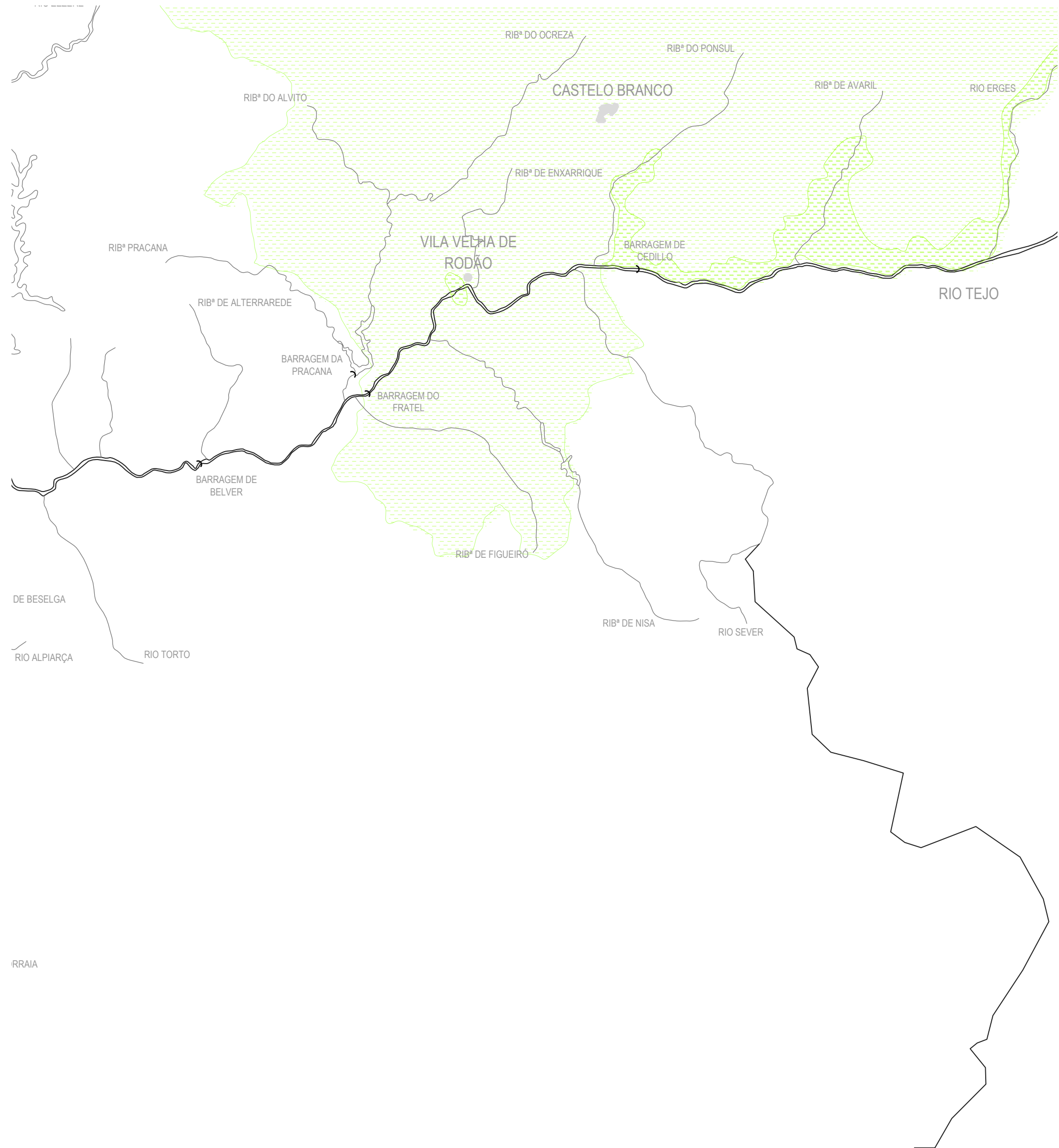


Fig. 140
Monumento Natural das Portas de Rodão
Data de Classificação: 2009
Área: 965,34 ha
Conselho: Vila Velha de Rodão

Fig. 106 | 138
Fotografias da fauna, flora e elementos culturais, característicos de cada parque:
Parque Natural do Tejo Internacional (Fig. 106-121)
Monumento Natural das Portas de Rodão (Fig. 122-138)





ESQUEMA DO RIO TEJO E AFLUENTES

-  Geopark Naturtejo da Meseta Meridional
-  Parque INatural do Tejo Internacional
Monumento Natural das Portas de Rodão
-  Reserva Natural do Estuário do Tejo
-  Barragens







Fig. 146
Decalque da Rocha 11 de Gardete (submersa)
Só nesta rocha foram catalogadas 212 figuras



Fig. 147 | 148
Recorte de jornais de 1973

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

“A água é para o homem a maior riqueza que a hulha ou o ouro. Ela é, para um estado ou para um povo, a riqueza das riquezas. É alimento. É adubo. É força. É via de comunicação.” Jean Brunhes¹⁸

POVOAMENTO

O rio Tejo fez parte da construção da história de Portugal, ao assumir em distintas épocas históricas, um papel importante na atração de diversos povos que se instalaram, nas suas margens. Não só impunha-se como um forte recurso natural, como proporcionava uma vasta variedade de aproveitamentos, beneficiando aqueles que dele se serviram, desde a pré-história até aos dias de hoje. É ao longo do Tejo, que estão presentes vários testemunhos materiais, que documentam e retratam, a sua ocupação.

“O Tejo como qualquer grande rio, sempre constituiu um poderoso fator aglutinador das diferentes estratégias de movimentação e fixação territorial desenvolvidas pela Humanidade pré-histórica”

Luís Raposo¹⁹

É na região de Vila Velha de Rodão que se encontram, as primeiras ocupações do leito do Tejo; referentes ao Período Paleolítico – considerado o mais antigo da história da humanidade – estas, manifestam-se em diversas representações de arte rupestre, descobertas aquando, da construção da Barragem do Fratel em 1971. As representações abrangiam todo o vale do Tejo, entre Rodão e o rio Ocreza: “durante mais de cinco mil anos, o rio Tejo desempenhou um importante papel civilizador, constituindo perto de 50km do seu curso médio e dois dos seus afluentes (Ocreza e Pracana), não só o maior santuário peninsular, como um importante ciclo de arte pré-histórica europeia” (GOMES, 1987)²⁰.

Estas figuras encontravam-se picotadas nas rochas, e afiguravam diversos motivos zoomórficos, antropomórficos e astrais, que representavam algumas narrativas. Durante os dois anos que dispuseram, até ao encerramento das comportas, um grupo de arqueólogos e investigadores – conhecidos por Geração do Tejo - vieram palmilhar as margens do rio, e descobriram milhares de figuras (cerca de 90 mil) que foram exaustivamente documentadas, inventariadas, topografadas, fotografadas e decalcadas para mais tarde, poderem ser reproduzidas e consultadas. Mais de 90% do Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo encontra-se submerso, as figuras que prevalecem visíveis, localizam-se junto à foz do rio Ocreza e nas margens do Tejo, junto a Gardete.

A presença romana também se faz sentir, um pouco por toda a região junto ao Tejo, nele encontram-se disseminados vestígios da sua presença, materializados em pontes, troços de vias romanas, vilas, teatros, fundeadores, minas que hoje constituem um vasto conjunto de núcleos arqueológicos. Ao longo do rio, também persistem marcas da luta dos cristãos contra as invasões muçulmanas, materializadas em castelos, fortes e baterias. Após a fundação da nossa nacionalidade e a conquista de Lisboa, o rio assumiu um novo papel enquanto via principal de comunicação, na ligação entre o interior e o litoral do país, permitindo o desenvolvimento das regiões interiores.

Fig. 142
Pormenor da Rocha F-155 do Complexo do Fratel
(atualmente submerso)

Fig. 143
Anta de S. Gens . Nisa

Fig. 144
Mourões . Rossio ao Sul do Tejo . Abrantes
(IIP- Imóvel de Interesse Público)

Fig. 145
Ponte Medieval sobre a Ribeira de Figueiró . Nisa
(IIP- Imóvel de Interesse Público)

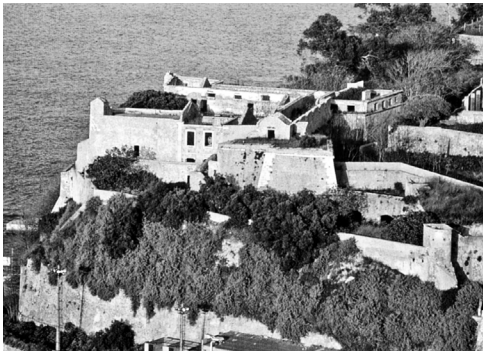
¹⁸Jean Brunhes (1869-1930) geógrafo e professor catedrático francês, os seus estudos centraram-se na Geografia Humana, no posicionamento do homem face aos lugares que habita.

Cit. por VEIGA, João. Ibidem, p. 139

¹⁹Luís Raposo (....) arqueólogo português; presidente da comissão portuguesa do Conselho Internacional de Museus (ICOM) e representante do sector no Conselho Nacional de Cultura.

Cit. por NABAIS, António. O Tejo na História: Introdução. In Navegando no Tejo. Lisboa: Minerva do Comércio, 1996. p. 15

²⁰GOMES, Mário. Arte Rupestre do Vale do Tejo, Arqueologia no Vale do Tejo. Lisboa: IPPC, 1987. p.27



A LINHA DEFENSIVA DO TEJO

“O rio assistiu e auxiliou todos os grandes acontecimentos da vida nacional” Araujo Correia²¹

O Tejo enquanto via de entrada, de diferentes povos e culturas, desempenhou um papel importante na defesa e na conquista do território português. Operando enquanto fronteira natural, na divisão do Norte e Sul do país, a depressão do vale do Tejo representava um dos maiores obstáculos físicos, à conquista e à dominação árabe. Estrategicamente, a sua posição geográfica permitia controlar uma vasta área do território, impedindo o avanço dos invasores para Norte, estabelecendo-se enquanto apoio, para a reconquista do Sul.

No entanto, foi necessário construir a defesa do território e consolidar o Tejo, enquanto eixo defensivo. Foi então determinada a construção, de “uma sólida linha de defesa que deu vida e vigor às margens abruptas e escarpadas do rio” (Correia, 1967)²². Esta tornou-se numa linha de fortificações, destacada pela presença de vários castelos, fortes e baterias, ao longo das margens do Tejo entre Lisboa e Vila Velha de Rodão. Edificados em diferentes períodos da história, a sua maioria localiza-se em pontos elevados juntos ao rio, como é o caso dos castelos de Santarém, Abrantes, Belver e Rodão, sendo o Castelo de São Jorge integrado também na cintura defensiva do estuário. O castelo de Almourol é o único com uma localização particular, ao encontrar-se numa ilha. Ainda que afastados do rio, os castelos de Nisa, Tomar e Torres Novas também foram pontos-chave, na defesa deste território.

A cintura defensiva do estuário era constituída, pelas fortalezas abaluartadas do Forte de S. Julião da Barra (ou Forte da Ponta de S. Gião), Forte de S. Lourenço do Bugio (actualmente, Torre do Bugio), Forte da Nª Srª da Luz de Cascais, Forte de S. Sebastião da Caparica ou Torre Velha da Caparica e, pela Torre de Belém, entre outras. Muitas destas estruturas militares, foram reerguidas sobre outras fortificações mais antigas, é o caso do Castelo de Rodão, cuja edificação primitiva é atribuída aos visigodos, e o Castelo de Abrantes, que foi reerguido por D. Afonso Henriques (séc. XII), sobre antigas estruturas militares romanas. De alguns, pouco chegou aos nossos dias, como é o caso do Castelo de Santarém (apenas permanecem troços de muralha, junto às Portas do Sol e Santiago, e o recinto fortificado da Alcáçova) e o Castelo de Nisa. Actualmente, classificados como Imóveis de Interesse Público e Monumentos Nacionais, foram alvo de requalificações e ampliações, albergando novos programas relacionados com a hotelaria, espaços museológicos, entre outros.

Fig. 146 | 160

DEFESA DO ESTUÁRIO DO TEJO:

Torre de S. Sebastião da Caparica . Almada
Imóvel de Interesse Público . 1993

Torre de Belém . Lisboa
Imóvel de Interesse Público . 1993
Património Mundial - UNESCO . 1983

Forte de S. Lourenço do Bugio ou Torre do Bugio
Imóvel de Interesse Público . 1957

Forte de S. Julião da Barra . Oeiras
Monumento Nacional . 1922

Forte da Nª Srª da Luz . Oeiras
Monumento Nacional . 1922

LINHA DE DEFESA DO TEJO

Castelo de Sº Jorge . Lisboa
Monumento Nacional . 1992

Muralha das Portas do Sol . Santarém
Imóvel de Interesse Público . 1993

Castelo de Torres Novas . Torres Novas
Monumento Nacional . 1910

Castelo de Tomar. Tomar
Monumento Nacional . 1910

Castelo de Almourol . Vila Nova da Barquinha
Monumento Nacional . 1910

Castelo de Abrantes . Abrantes
Imóvel de Interesse Público . 1957

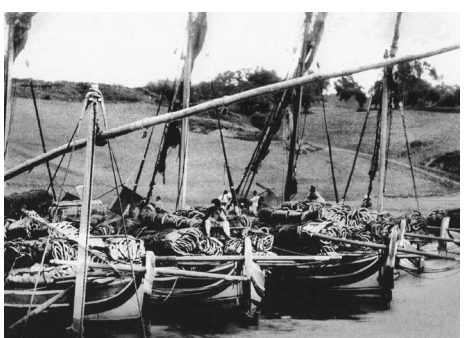
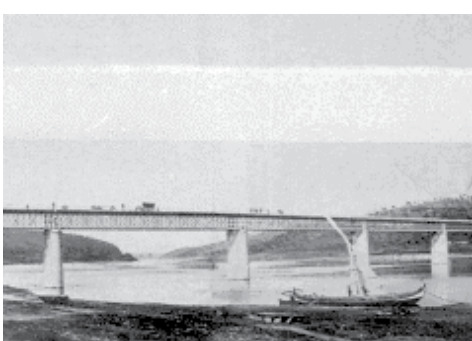
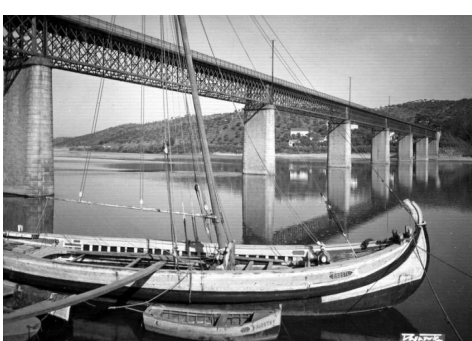
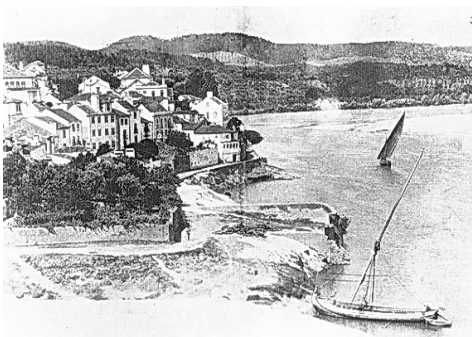
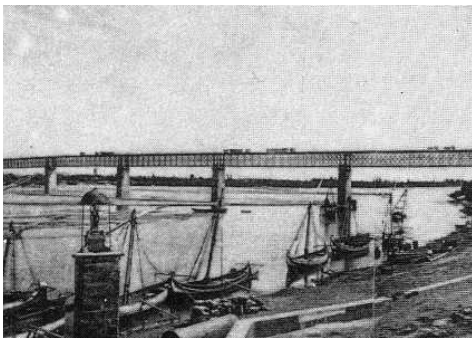
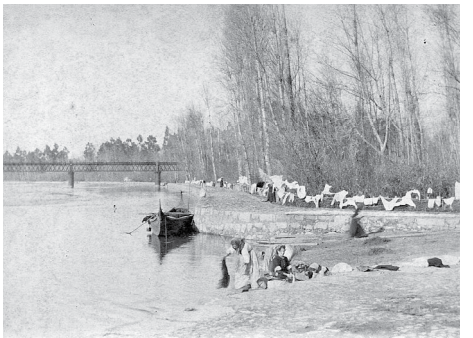
Castelo de Belver . Gavião
Monumento Nacional . 1910

Castelo da Amieira do Tejo . Nisa
Monumento Nacional . 1922

Castelo de Rodão . Vila Velha de Rodão
Imóvel de Interesse Público . 1993

²¹CORREIA, Araujo. O Tejo. Lisboa: Editorial Verbp, 1967. p. 37

²²ibidem, p. 31



A NAVEGAÇÃO E OS PORTOS FLUVIAIS DO TEJO

“Pelo Tejo, o Portugal marítimo abraça o Portugal agrícola, fundindo numa nação as duas fisionomias típicas da Nação” Oliveira Martins²³

Os rios navegáveis sempre se estabeleceram no território, enquanto importantes eixos de comunicação e desenvolvimento económico. As suas margens tornaram-se atractivas para a ocupação humana, sendo que ao longo delas, se foram fixando pequenos povoados. A sua navegabilidade permitia, serem meios de comunicação entre as diferentes regiões, proporcionando o movimento de pessoas e mercadorias. O rio Tejo constituiu-se desde cedo, como uma artéria principal do território português, quer pela sua localização geográfica e extensão, como pela sua navegabilidade; revelou ser importante para o desenvolvimento do território, influenciando o assentamento de novas povoações e a expansão das suas atividades económicas. Como refere Oliveira Martins, o Tejo uniu as duas fisionomias típicas da nação: o Portugal marítimo (litoral) e o Portugal agrícola (interior); esta ligação, entre as duas economias díspares, permitiu a saída dos produtos agro-florestais para os circuitos económicos internacionais, e a entrada dos produtos vindos do exterior, para o interior do país (Magalhães, 1996)²⁴.

“Desde a Pré-história até à Idade Contemporânea que se encontram vestígios do aproveitamento económico de todo o vale do Tejo e da influência do rio no povoamento e no desenvolvimento económico desta vasta área geográfica.” (Magalhães, 1996)²⁵

A sua navegação, começou ainda antes de surgir a nacionalidade portuguesa, foram os romanos e os muçulmanos, que primeiro o navegaram, e só depois os portugueses; segundo Jorge Gaspar²⁶, o cais de Tancos, que data do século XVI, foi construído sobre um anterior, referente à época romana, e Santarém, serviu de porto de mar no período dos romanos, dos muçulmanos e ainda, nos primórdios da Monarquia Portuguesa. Foi com a conquista do território algarvio em 1253, e mais tarde, por Lisboa se tornar a capital do reino, que o Tejo ganhou importância enquanto eixo de comunicação. No século XVI, Lisboa, Almada e Montijo, constituíam os principais portos fluviais do Estuário do Tejo, mais a montante no Médio Tejo, os portos igualmente relevantes eram: Santarém, Constância e Abrantes, sendo este último o principal; acima deste – no Alto Tejo – as ligações fluviais eram menos frequentes até à fronteira, devido às dificuldades de navegação, no entanto o Porto do Tejo em Vila Velha de Rodão, era considerado o mais significativo neste troço.

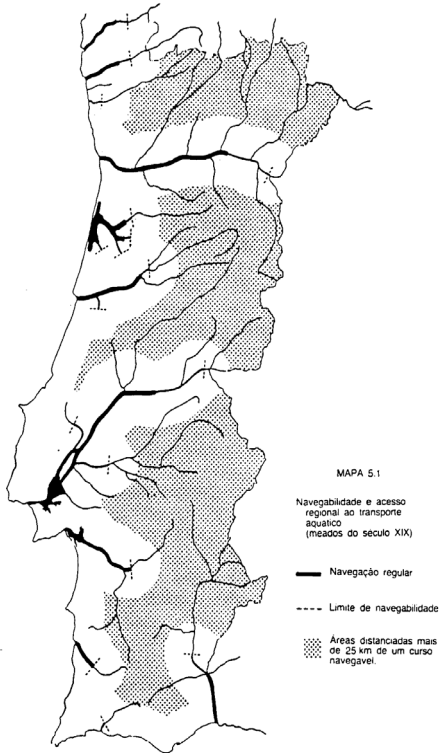


Fig. 187
Esquema da navegabilidade e acesso regional ao transporte fluvial em meados do séc. XIX

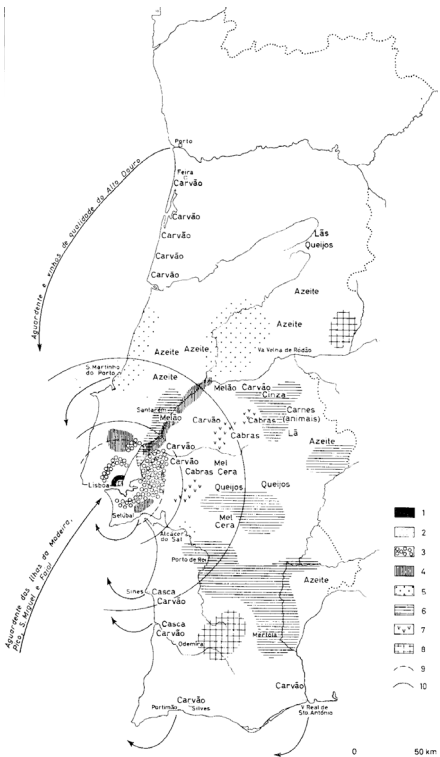
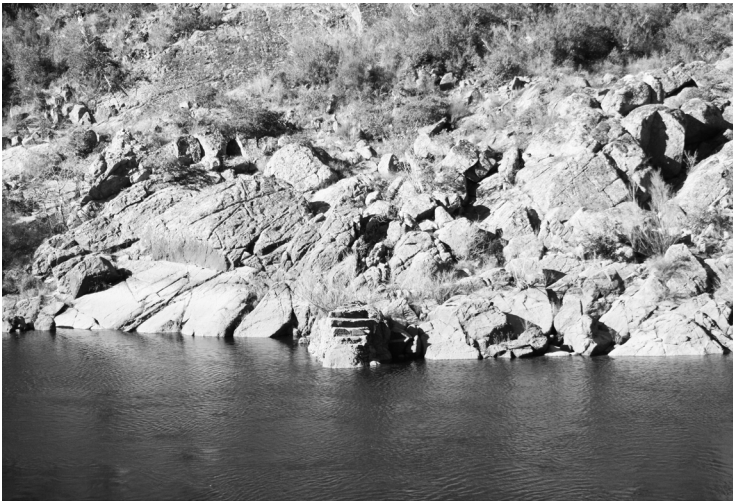


Fig. 188
Esquema da organização da economia do solo a partir de Lisboa . Período anterior ao caminho-de-ferro

²³Oliveira Martins (1845-1894) Político e Cientista Social português.
MARTINS, Oliveira. História de Portugal [Em linha]. Braga: Edições Vercial, 2010. [Consult. 22 Out. 2014]. Disponível na internet:< URL: <http://pt.scribd.com/doc/191126256/Historia-de-Portugal-Oliveira-Martins-pdf> >. p.35
²⁴MAGALHÃES, Fátima. O Tejo na organização do espaço: Introdução. In Navegando no Tejo. Lisboa: Minerva do Comércio, 1996. p. 44
²⁵Ibidem, p.13
²⁶Jorge Gaspar (1942-) Geógrafo e Professor Catedrático português.
GASPAR, Jorge. Os Portos Fluviais do Tejo. Finisterra [Em linha]. Volume 5, nº 10 (1970), p. 153-204. [Consult. 18 Set. 2014]. Disponível na internet:<URL: http://www.ceb.ul.pt/finisterra/numeros/1970-10/10_01.pdf >. p. 157

Fig. 161 | 186
As vivências do rio e os seus portos fluviais, de Lisboa a Vila Velha de Rodão



PROJETOS E ESTUDOS PARA A NAVEGABILIDADE DO RIO

Foi no reinado filipino, que se concretizaram obras importantes no rio: o Rei Filipe II (1527-1598) ao compreender a importância do eixo do Tejo, na ligação entre o litoral português e Espanha, promoveu obras para melhorar, e a aumentar, a sua navegabilidade, com o intuito de tornar possível esta ligação. O estudo, a cargo do engenheiro Juan Bautista Antonelli²⁷ e continuado mais tarde, em 1641, pelos engenheiros Luíz Carduchi e Julio Martelli²⁸, consistiu na desobstrução do leito do rio e na construção de sirgadouros, nos pontos mais difíceis da navegação. Na sequência destas intervenções, a navegabilidade do Tejo alargou-se até Alcântara, levando ao crescimento da ligação fluvial entre Abrantes, Porto do Tejo e Espanha. No entanto, com as guerras da Restauração entre 1640-1668, esta ligação quase desapareceu, e o leito do rio, foi ocupado por pesqueiras e açudes, que dificultaram a navegação até à fronteira; só mais tarde, em 1828, que se voltou a repensar na navegação do rio. Neste mesmo ano, surgiram duas novas propostas para a nova ligação entre Portugal e Espanha, a mais relevante, da autoria de D. Francisco Xavier Cabanes²⁹, consistia na ligação fluvial a vapor entre Aranjuez e Lisboa.

Para além destes projetos, foram realizados outros, complementares à navegação no Baixo Tejo: foram escavadas valas de drenagem para os campos, e canais, que permitiam a ligação entre o rio e as localidades ribeirinhas mais afastadas; alguns exemplos destas construções: são a Vala-Real da Azambuja (1748), a Vala Travessa (em Muge) e a Vala de Alpiarça. Foram também erguidos diques de contenção, para salvaguarda das margens, face às cheias do Tejo, como são exemplo: os diques de Valada e o da Tapada (em Alpiarça); estes constituem, parte dos 60Km de diques e muros de protecção, erguidos ao longo Vale do Tejo, e que persistem ainda hoje. Alguns constituem-se agora como novas vias de circulação viária, e outros, foram reconvertidos em vias de circulação pedonal; para além de protegerem as margens do rio, apresentam-se também como um meio de ligação, entre as localidades ribeirinhas.

Em 1852, procedeu-se a um detalhado reconhecimento do rio, entre Lisboa e Vila Velha de Rodão. Este trabalho orientado pelo engenheiro Manuel Guerra³⁰, teve como objetivo, melhorar a navegação e a ligação entre os portos do Alto Tejo, realizar novas obras, para proteção das margens nas áreas susceptíveis às cheias, e requalificar as estruturas já existentes. Paralelamente a este reconhecimento, era realizado um levantamento das povoações contíguas ao rio, e uma análise, ao tráfego fluvial entre os portos do Alto Tejo, para mais tarde se compreender, se as obras realizadas – os diques, as valas e os sirgadouros - facilitaram a navegação ascendente e descendente do rio, e se estas, contribuíram para o desenvolvimento económico e social dos portos fluviais e das povoações. Iniciou-se assim, o estudo das correntes e dos caudais do rio, e à identificação dos obstáculos naturais e artificiais, a serem destruídos. No Baixo Tejo foram erguidos novos diques, e propostos novos canais; no Alto Tejo, o maior obstáculo a transpor era a própria topografia, entre Belver e Vila Velha, aqui o rio, ao passar por entre vales estreitos, e abruptos, ganha velocidade; as suas margens, e o seu leito, adornados por rochedos e inúmeros cachões, tornaram-no no troço mais difícil de navegar. Ergueram-se mais sirgadouros, que facilitaram a navegação gerando assim “um movimento incomparavelmente maior do que havia até então” (Guerra, 1861)³¹.

Até ao fim do séc. XIX e início do séc. XX, realizaram-se mais estudos e melhoramentos ao nível da navegabilidade do Tejo, de forma a regularizar o seu curso. O Tejo português dispunha já de 26 700m de correntes de sirgadouros em alvenaria, mas isso já não bastava, “eram necessárias barragens, diques, em suma, grandes obras” (Gaspar, 1970)³².

²⁷Juan Bautista Antonelli (1527-1588) foi um engenheiro militar e arquitecto italiano que esteve ao serviço da Monarquia Espanhola. Foi o Rei Filipe II que o encarregou dos estudos para a navegabilidade do rio Tejo entre Alcântara e Lisboa; foi a 1 de Abril 1581 que obteve licença para fazer a primeira viagem fluvial entre Abrantes e Alcântara para “ (...) reconhecer y ver el río Tajo desde la villa de Abrantes en estos nuestros reinos de Portugal, hasta la dicha villa de Alcántara, para ver cómo se podría hacer navegable (...)” (citado por Graziano Gasparini)³. Ao longo desta viagem procedeu ao levantamento do leito do rio e de todas as condicionantes que impediam a sua navegação, mais tarde a 22 de Março de 1581, regressou novamente a Portugal pela mesma via para apresentar o seu levantamento.

²⁸GASPARINI, Graziano- Juan Bautista Antonelli. Gatteo 1527 - Toledo 1588 - La navegación fluvial en España. Los Antonelli, arquitectos de Gatteo. [Em linha]. [Consult. 8 Jan. 2015]. Disponível na internet:<URL: <http://www.provincia.fc.it/cultura/antonelli/ESP/StoriaAttivita/GiovanniBattistaAntonelli.html> >

²⁹Os Engenheiros Luíz Carduchi (?-1674) e Julio Martelli (?) elaboraram a Corografia del Rio Tejo em 1641; este representa o primeiro levantamento do rio Tejo entre Toledo e Alcântara (Espanha), com o objectivo de estudar o melhoramento da navegação do rio e ligação a Portugal.

³⁰D. Francisco Xavier Cabanes (1781-1834) militar e historiador espanhol. A sua proposta de ligação fluvial a vapor entre Portugal e Espanha foi testada pelo seu colaborador o arquitecto D. Augustín Martín, que demorou de Aranjuez a Alcântara 31 dias e daqui a Lisboa 9 dias.

³¹ Manuel José Júlio Guerra (1801-1869) engenheiro e inspector das Obras Públicas português, encarregue do estudo físico e hidrográfico da bacia do rio Tejo entre Lisboa e a fronteira

GUERRA, Manuel José Júlio. Estudos Chorographicos, Physicos e Hydrographicos da Bacia do Tejo comprehendida no Reino de Portugal acompanhados de projectos e descrição das obras tendentes ao melhoramento da navegação d'este rio e dos campos adjacentes [Em linha]. Lisboa: Imprensa Nacional, 1861. [Consult. 21 Fev. 2015]. Disponível na internet:< URL: <http://purl.pt/21846/4/> > p. 39

³²ibidem, p. 163

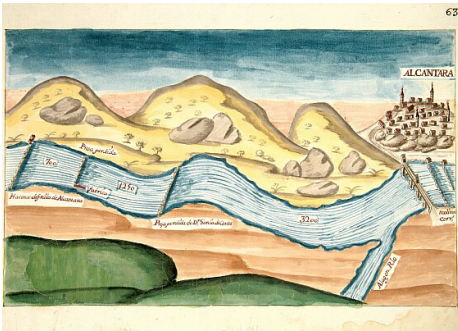
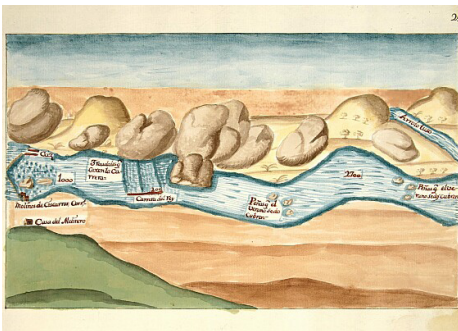
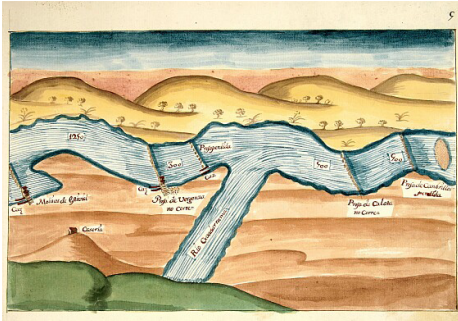
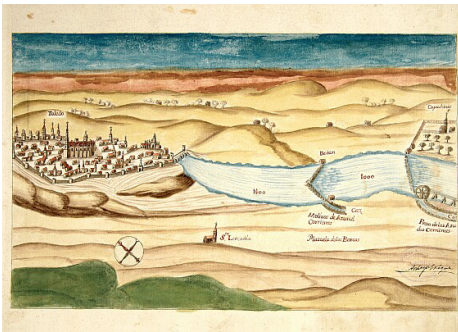


Fig. 195
Corografia del Rio Tajo
Levantamento realizado em 1641 entre Toledo e Alcântara

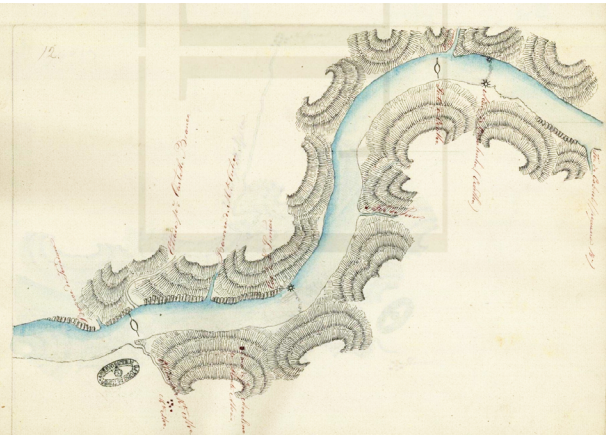
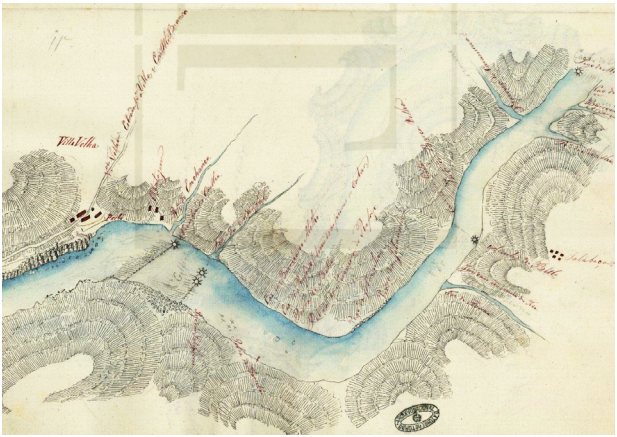
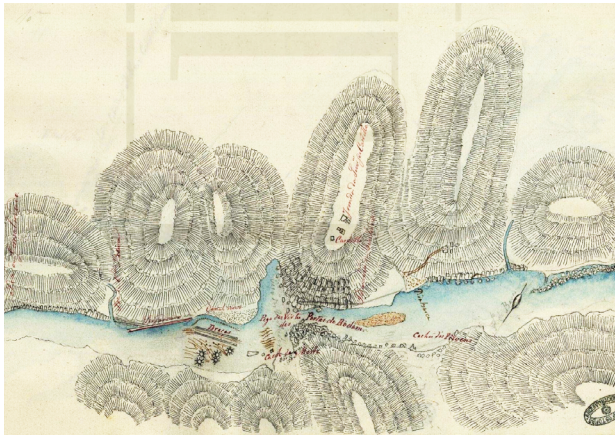
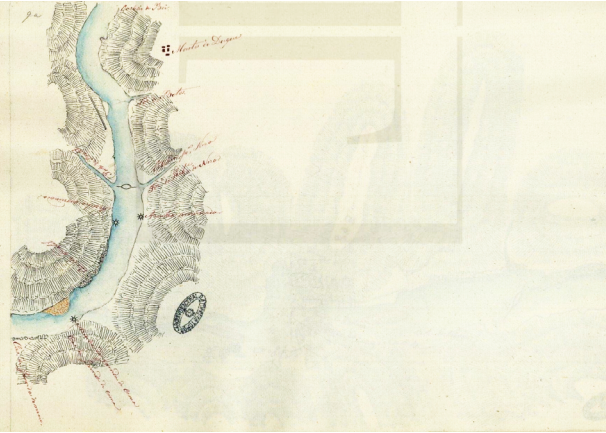
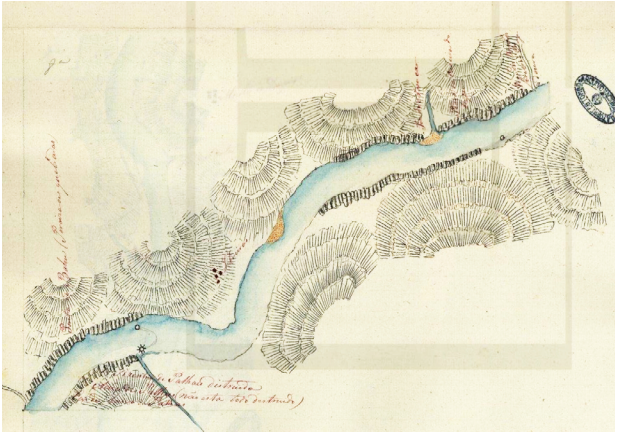
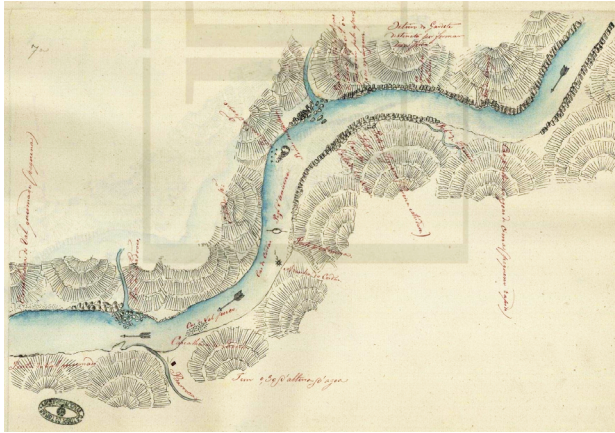
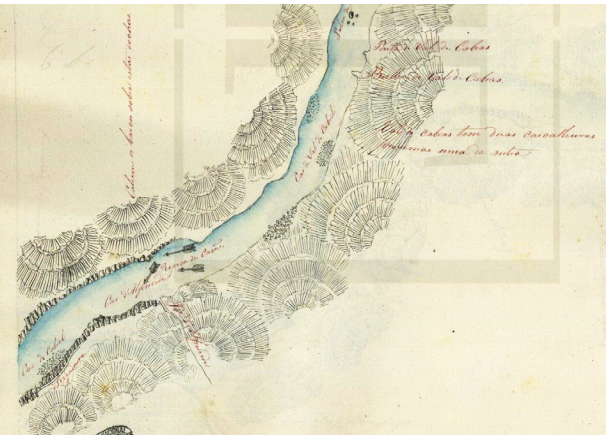
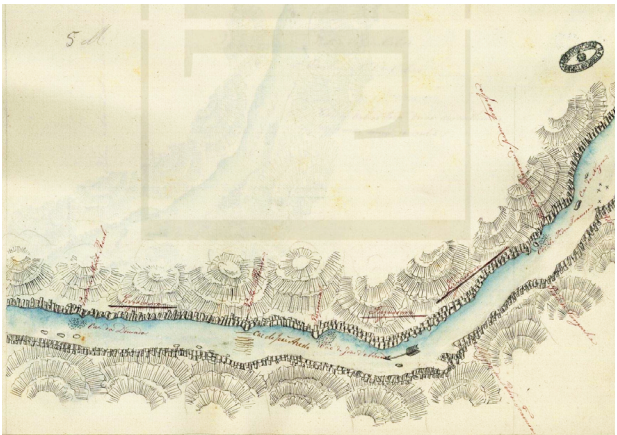
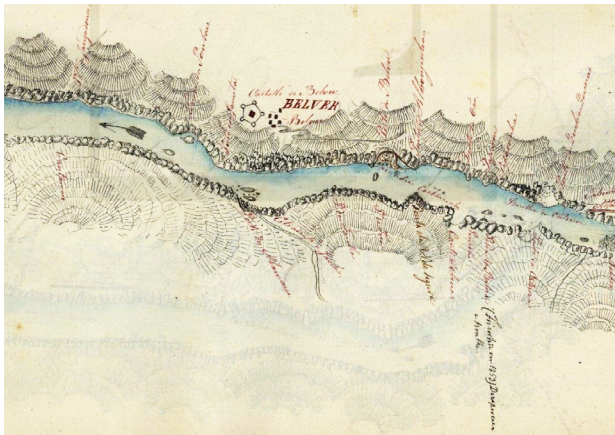


Fig. 196
Mapa do Tejo . 1853
Levantamento do Rio Tejo, entre Belver e Vila Velha de Rodão

Neste levantamento, encontram-se assinalados alguns muros de sirga (a vermelho) e os obstáculos que se encontravam no rio como, grandes rochedos, açudes e pesqueiras.

Fig. 189 | 190
Muro de Sirga da Amieira | Pesqueira do Tejo . Nisa

Fig. 191 | 192
Dique de Valada . Valada | Dique da Nª Srª das Dores Chamusca

Fig. 193 | 194
Vala de Alpiarça | Vala da Azambuja

PERFIL LONGITUDINAL

==

RIO TEJO

DESDE

A FOZ DO RIBEIRO DO ENCHARRICO

até a testa da Cascalheira 150,0 a jusante

do

DO PORTO DA BARCA DA AMIEIRA

M. O nivelamento foi referido á estagiem, marcando o Hydrometro de Villa Velha 6,22 em o anno de 1851

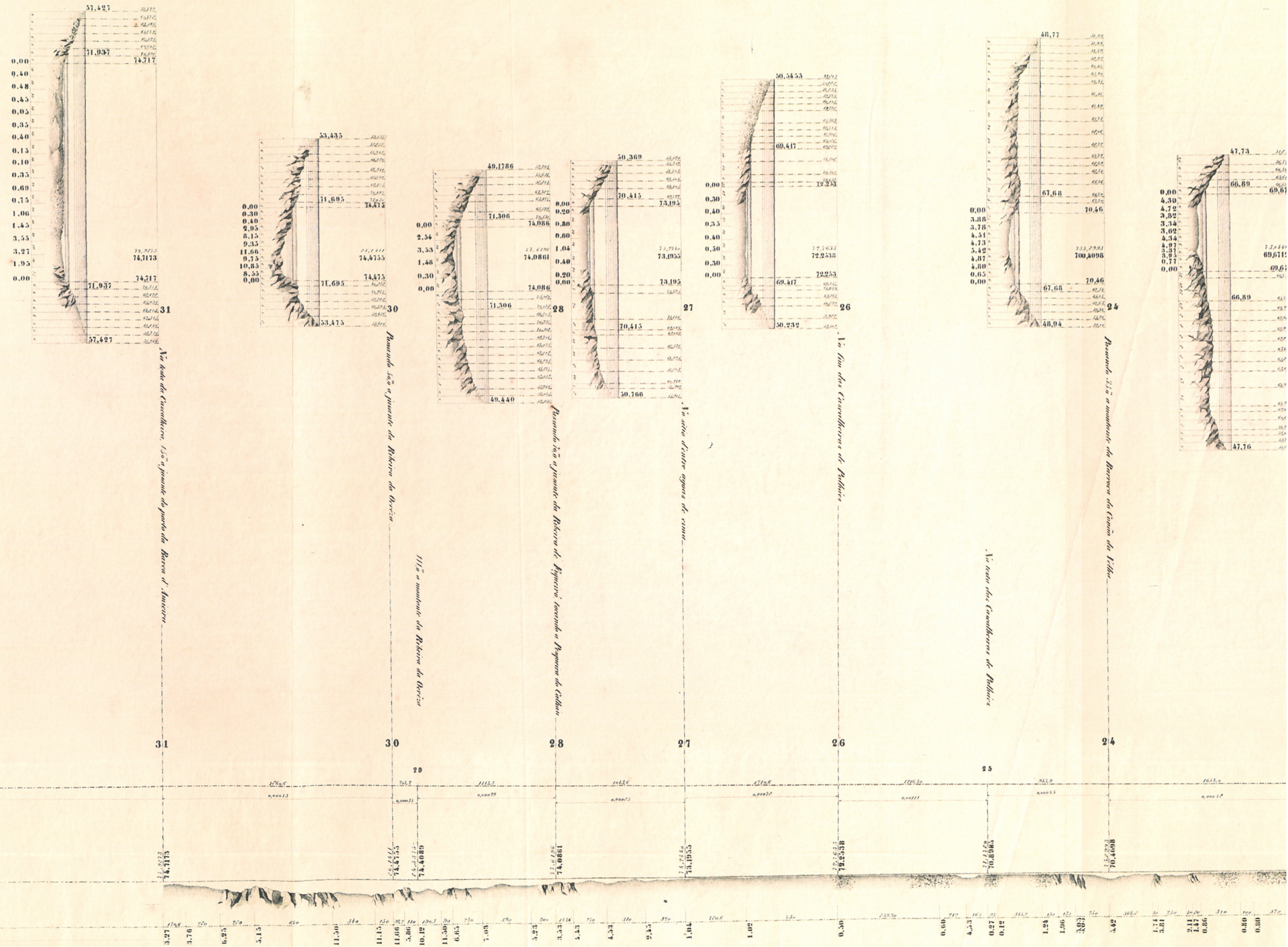
O Plano de comparação passa acima 40,0 d'uma pedra que se acha 316,5 a jusante do Ribeiro do Aqual na qual se fez zero e foi ponto de partida para o nivelamento geral

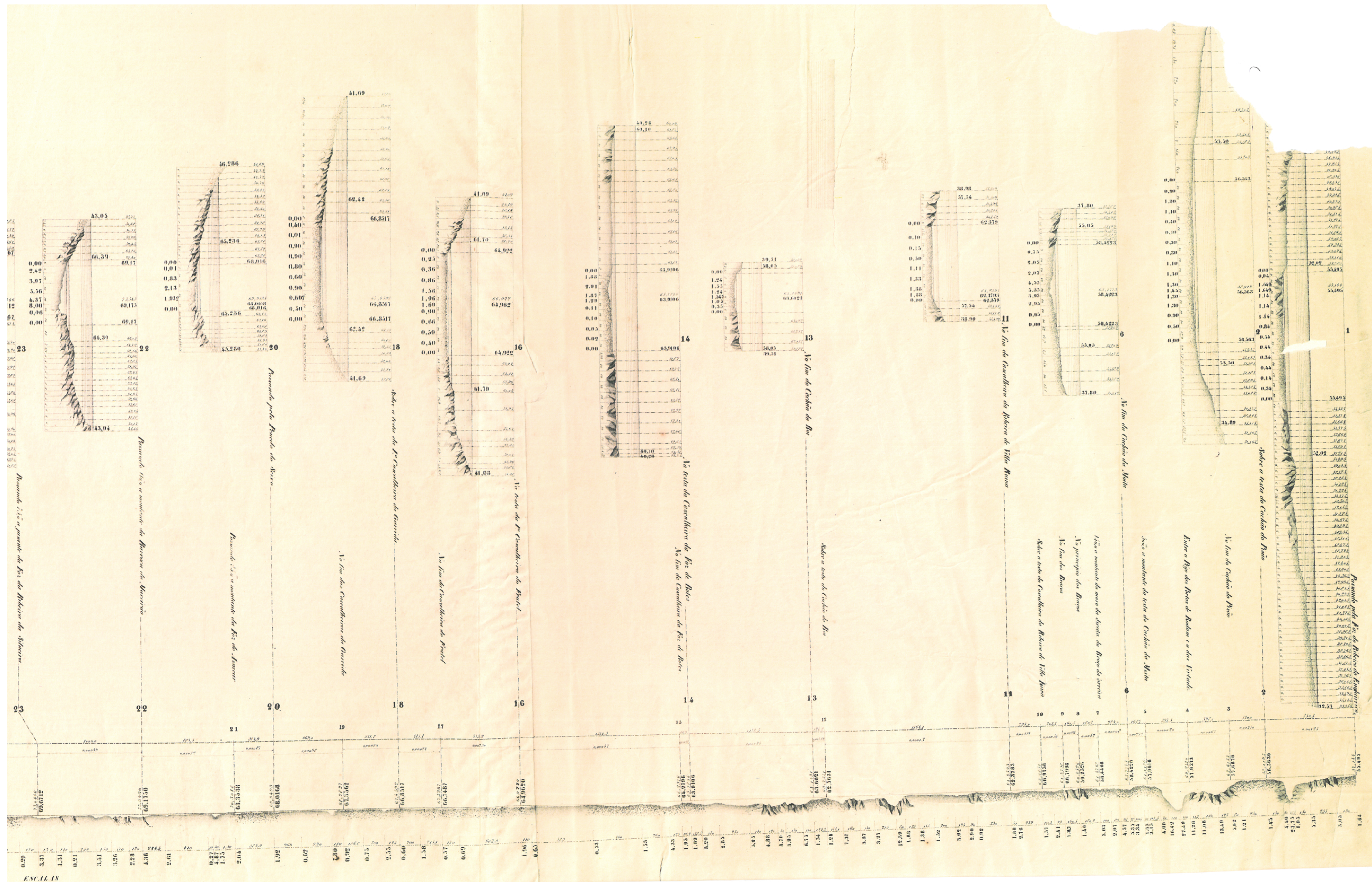


Linha do plano de Comparação e distancias entre os perfis
Declive parcial por metro entre os perfis

Linha do nivel na agua na Estagiem

Distancias entre as Ondas
Ondas correspondentes





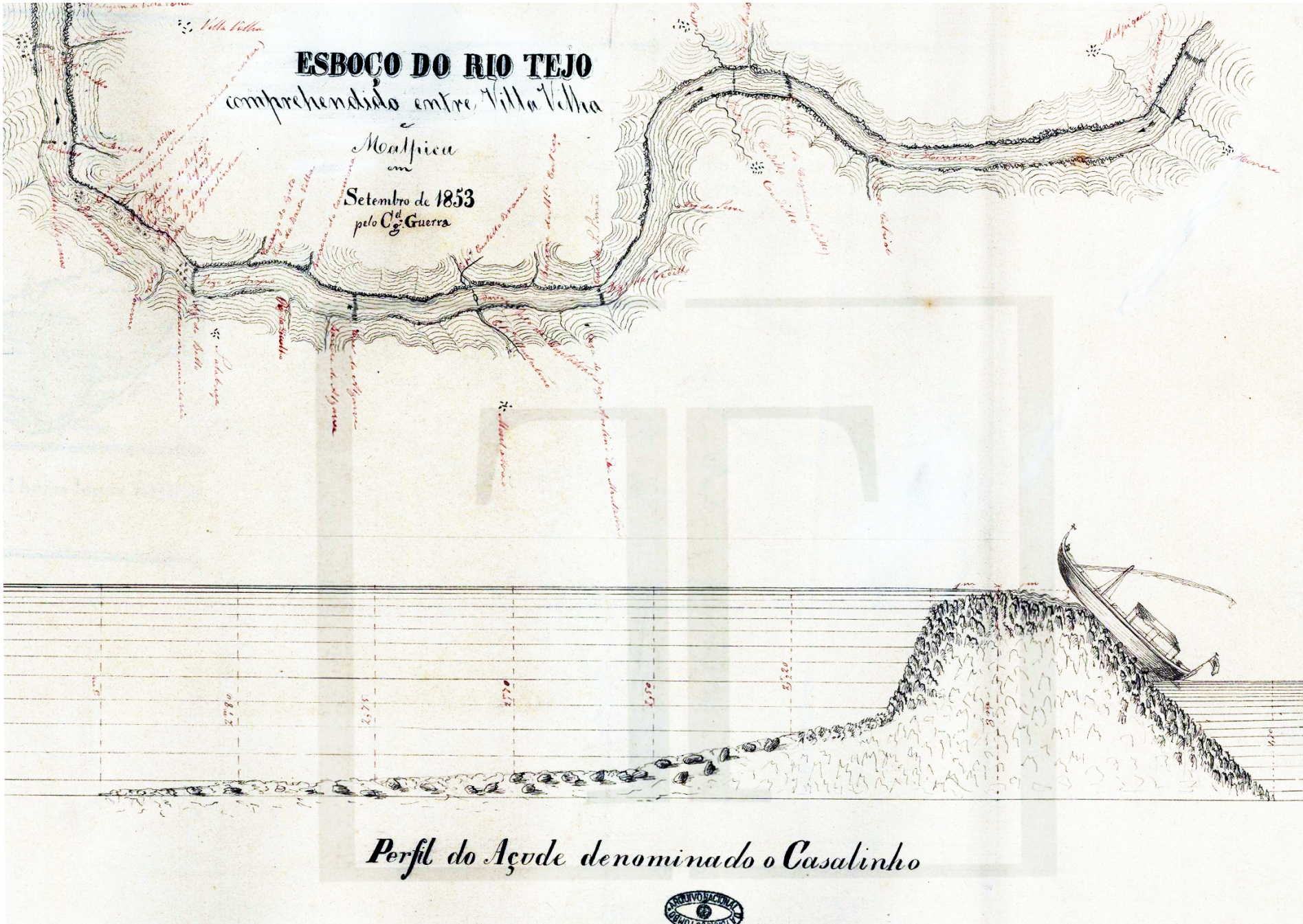
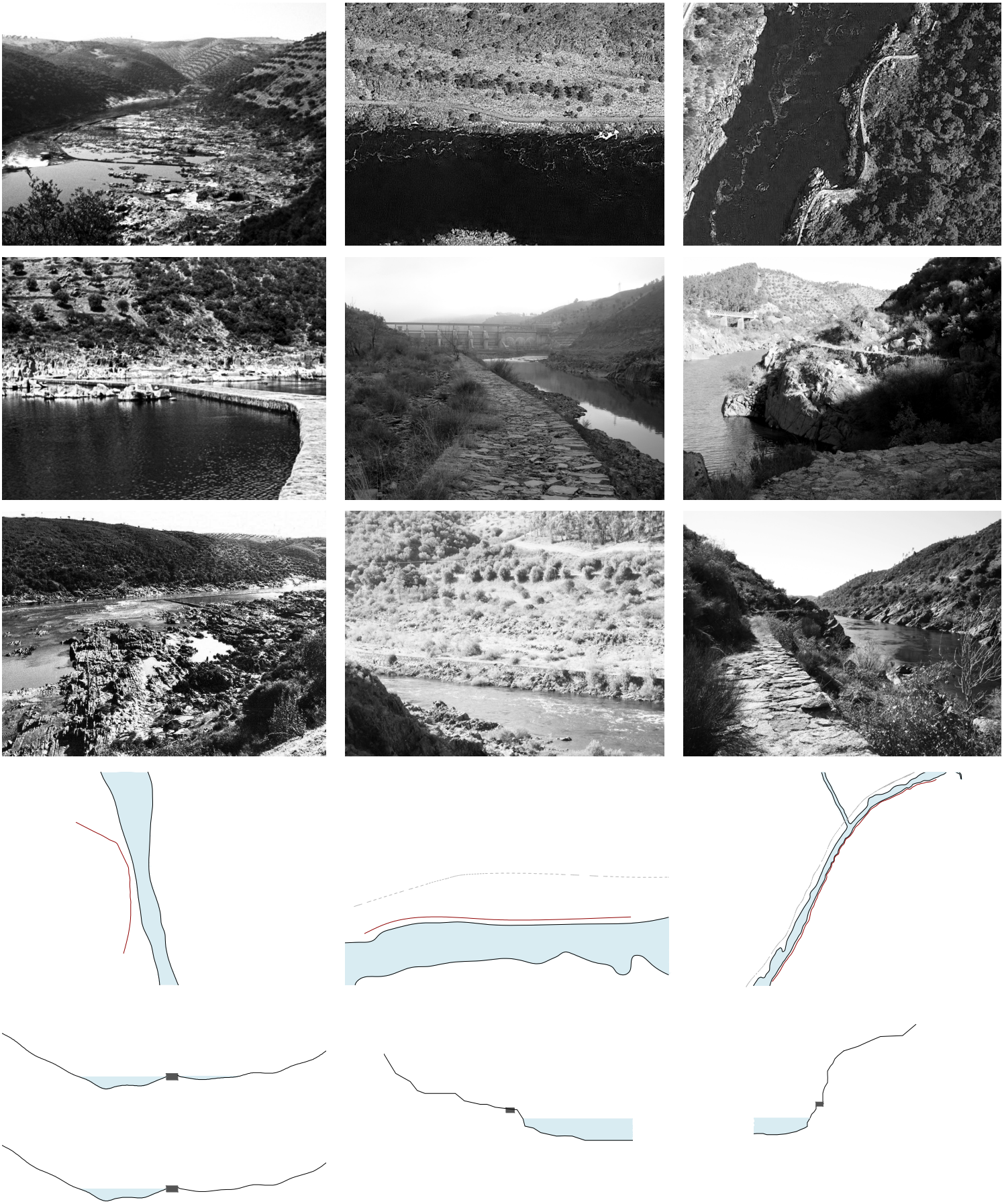


Fig. 098 | 103
Mapa do Tejo . 1853
Troço do rio entre Vila Velha de Rodão e Malpica do Tejo
Perfil do açude do Casalinho



SIRGADOUROS

“Gestos empilhados, argamassados, inteiros, derrocados, desolados (...) - traços que como rios serpenteiam na paisagem seca da história imprimindo aos lugares o silêncio habitado que a ausência humana sempre deixa” Gabriella Casella³³

Na história da navegabilidade do Tejo, os sirgadouros - ou muros de sirga - desempenharam um papel fulcral na navegação do Alto Tejo. Erguidos ao longo das margens, com o propósito de auxiliar a navegação entre Abrantes e o porto fluvial de Vila Velha de Rodão - Porto do Tejo - eram utilizados, por homens e animais no reboque das embarcações, quando a navegação à vela não era possível devido à forte corrente do rio, ou dificultada pelos cachões. Estas estruturas longilíneas, estabeleceram-se como um meio de comunicação ao longo das margens, permitindo uma ascensão rápida e segura do rio, na passagem dos obstáculos naturais e artificiais (como as pesqueiras e os açudes).

Estes caminhos empedrados, construídos estrategicamente, redesenharam as margens e edificaram-se enquanto um novo limite entre o rio e a terra. A sua forma, respeitava a morfologia da margem onde se inseriam, variando na sua largura, na sua altura - alcançando até oito metros acima do nível da água, de forma a serem transitáveis mesmo com grandes caudais – e no seu comprimento: nos locais onde as margens eram interrompidas por ribeiros, o muro era continuado através da construção de pontes de madeira ou pedra, de maneira a ser sempre contínuo, alcançando assim vários quilómetros. A sua estrutura autoportante, era constituída em alvenaria de pedra seca, sendo que por vezes, alguns troços do próprio muro, eram talhados nas rochas existentes nas margens.

Com o declínio da navegação fluvial do Tejo, estas estruturas perderam utilidade, ficando inscritas na paisagem enquanto gestos perpétuos da ocupação, e transformação do homem, no território. Com a construção das barragens de Belver (1952) e do Fratel (1973), a grande maioria destas construções ficou submergida, pelas albufeiras das respetivas barragens, só a jusante desta última, ainda subsistem dois troços dos muros de sirga: um troço na margem norte com 3Km de comprimento - entre a Barca da Amieira e a foz da Rib.^a de Figueiró - e outro, localizado na margem esquerda - com cerca de 90m junto à barragem do Fratel - encontra-se entre o rio, e a linha de comboio da Beira-Baixa.

A VIAGEM DE PORTUGAL A ESPANHA PELO TEJO

A dificuldade da navegação rio acima, dificultou muitas vezes a comunicação dos portos fluviais no Alto Tejo; através dos muros de sirga, a sua navegabilidade melhorou, no entanto, o seu trajeto não deixou de ser árduo. Esta difícil viagem foi relatada e imortalizada, através de um artigo escrito em 1909, sobre uma viagem de barco que ligou Portugal e Espanha, pelo Tejo. Esta realizada pelos navegadores Raul Gilman e Henrique Canuto, foi concretizada com o intuito de dar a conhecer o país. O “excursionismo”, ou o modo de viajar, já era considerado como um meio de conhecimento, e uma forma de nos educar a nós, e aos nossos olhos, às culturas e às paisagens que nos envolvem. Estes navegadores viam na ideia de excursionismo, uma forma de crescer, física e moralmente (ao enfrentarem os perigos a que poderiam ser expostos); e a educarem-se, perante as culturas, os modos de vida de cada região que atravessariam. Na altura já viam Portugal, como um país pouco conhecido por muitos; começava-se a olhar para o interior do país, com vontade de o dar a conhecer, e viram no Tejo, um meio para um novo “excursionismo”.

A viagem que se propuseram realizar, teve início na foz do rio Alviela, e a bordo de uma bateira seguiram rio acima, passando pelas aldeias avieras, rumo a Santarém, Constância, Almourol, Abrantes, Belver e Vila Velha de Rodão; ao transporem a fronteira navegaram por entre os dois países até ancorarem em Alcantara. Fizeram um relato bastante detalhado, das paisagens e das pessoas, que habitavam as margens do rio; durante a viagem, fizeram diversas paragens nas povoações contíguas ao Tejo, onde comunicaram e partilharam histórias da navegabilidade, com quem o conhecia de lés a lés, e fazia dele um meio de subsistência; o esforço empregue por eles, na navegação à vara, e à sirga: a luta contra as fortes correntes do rio, e as fintas realizadas aos açudes, às pesqueiras e às rochas escarpadas que no seu leito surgiam. A paragem nas margens escarpadas, e isoladas do rio, são descritas pela presença de uma forte paisagem natural, onde o silêncio era quebrado apenas, pelo ribombar da água nos cachões. Entre a Amieira do Tejo e Vila Velha de Rodão atravessaram 36 cachões, indo quase sempre pelas margens, ora cobertas de rochas e cascalhos, ora atravessadas sobre os longos muros de sirga. Até chegarem à fronteira, demoraram onze dias, sendo que no regresso a Lisboa, a viagem demorou apenas um dia. No fim, esta viagem contabilizou um total de 149h20 min, empregues ao longo de 20 dias.

³³CASELLA, Gabriella. Gramáticas de Pedra – Levantamento de tipologias de construção murária. Porto: Centro Regional de Artes Tradicionais, 2003. p. 10



Fig. 210
Esquema da localização de alguns troços de muros de sirga entre a Barca da Amieira e Vila Velha de Rodão

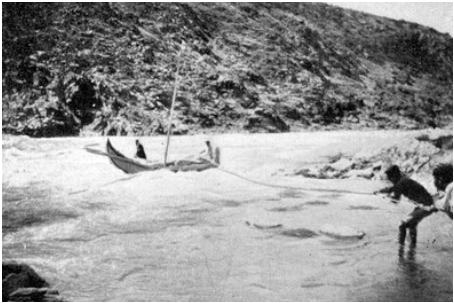
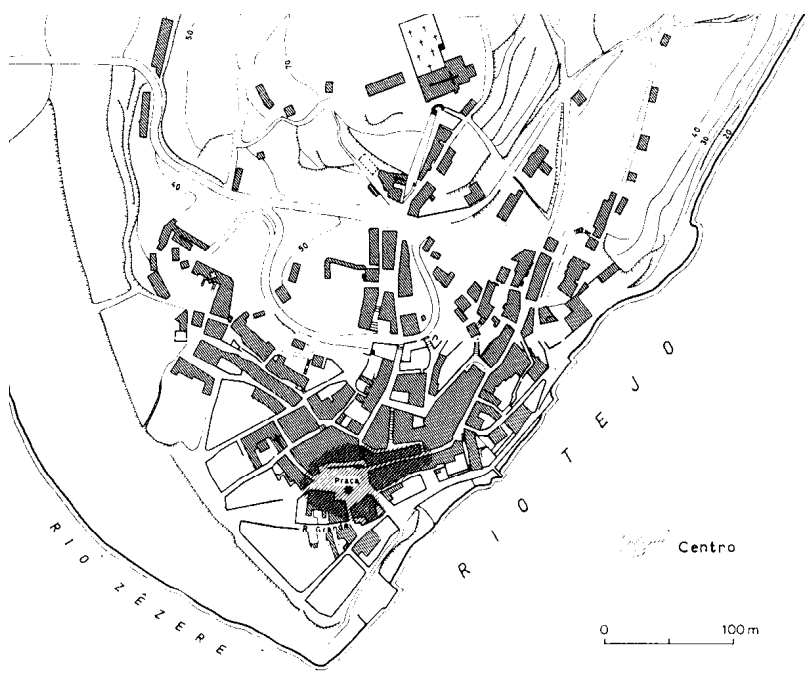
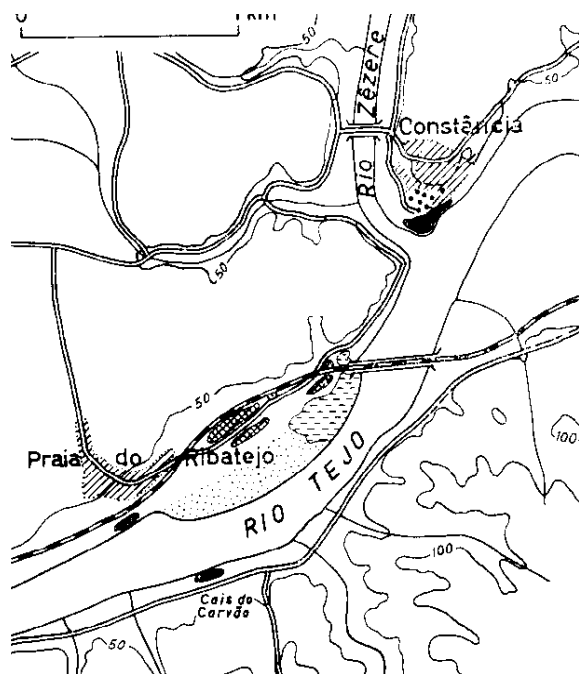
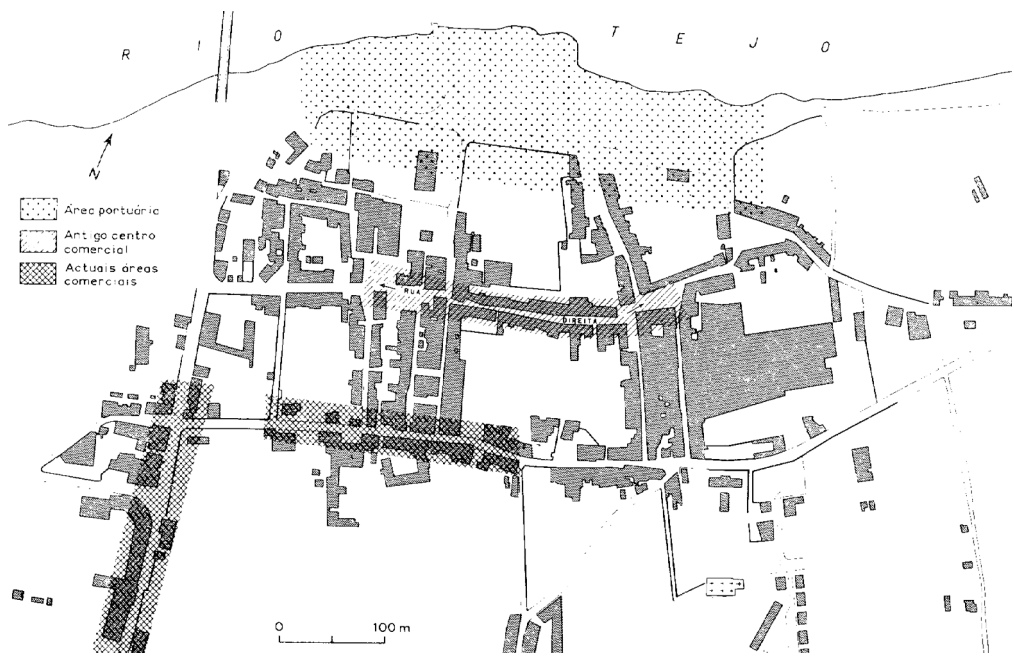
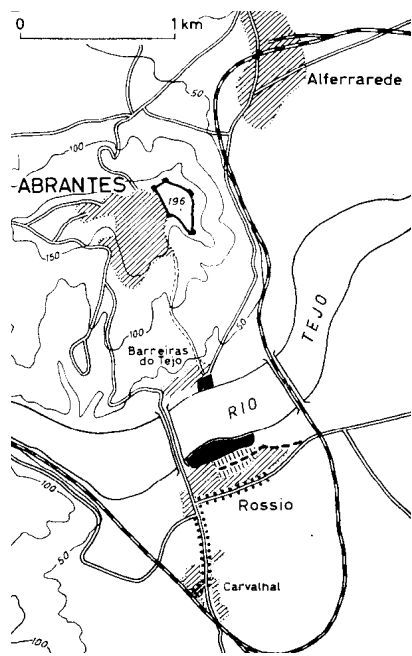


Fig. 211 | 213
De Portugal a Espanha pelo Tejo . 1909
A viagem realizada entre Lisboa e Alcantára, teve como intuito dar a conhecer a região interior do país a partir do Tejo, como ponto impulsionador do conhecimento do território português.
A viagem demorou no total: 149h e 20m
De Vila Franca a Abrantes - 43h40m
De Abrantes a Alcantara - 63h20m

De Alhandra a Abrantes - 20h30m
De Alcantara a Vila Franca - 21h50m

Fig. 199 | 209
Fotografias dos muros de sirga do cachão do Algarve, Barca da Amieira e Fratel; e esquemas da sua integração no território e ligação com o rio



PORTOS FLUVIAIS DO TEJO

Durante séculos, o Tejo constituiu-se como um importante eixo de comunicação no território. De Lisboa à fronteira, a sua importância motivou a fixação de várias povoações nas suas margens, e à construção de portos fluviais. Estes portos distribuíram-se ao longo do rio, sendo a sua localização, determinada pelas povoações e pelas áreas que estas serviam. Em alguns casos, a sua localização foi ditada por particularidades do local, como os vaus de passagem – são os casos de Porto do Tejo, Chamusca e Vila Nova da Barquinha; troços de maior profundidade, locais de fácil navegação ou na convergência de rios, como é o caso de Constância. A situação geográfica de algumas povoações face ao rio, fez com que alguns portos do Alto e Baixo Tejo, assumissem algumas particularidades na forma de como se fixaram nas margens, e se desenvolveram, em consonância, com as povoações que serviam.

As localidades como Abrantes, Santarém e Vila Velha de Rodão, apresentam uma ocupação do território semelhante entre si, todas foram erguidas em locais elevados, relativamente próximos do rio; os seus portos fluviais, desenvolveram então, pequenos arrabaldes que vieram a estabelecer-se, enquanto unidades autónomas das vilas. Abrantes é um caso particular, ao ter desenvolvido dois portos fluviais e respetivos arrabaldes: Barreiras do Tejo e o Rossio de Abrantes. O primeiro, foi o porto primitivo da povoação, ligando-se diretamente a ela, pelo “caminho da barca”, contudo, este encontrava-se na margem menos profunda do rio, o que o impedia de ser um cais acostável durante o verão, devido ao fraco caudal do rio. Foi construído então na margem oposta - e mais profunda – o Rossio de Abrantes, que se tornou mais tarde, no seu porto principal. Santarém e Rodão, ao contrário deste último, desenvolveram apenas um porto principal, que deu origem a outros arrabaldes: Ribeira de Santarém e Porto do Tejo, respetivamente.

Em Constância houve também uma duplicação de portos, apesar da sua localização distinta, na confluência dos rios Tejo e Zêzere, o seu porto principal instaurou-se junto da povoação, no ponto de confluência dos dois os rios. A jusante da foz do Zêzere, e já no rio Tejo, foi erguido um porto secundário – Praia do Ribatejo - com o intuito de receber as madeiras que desciam o Zêzere. Os portos fluviais em Vila Nova da Barquinha, Chamusca e Tancos, assumem as mesmas características: apenas possuíam um porto fluvial, que se localizava junto às povoações, que fez com que estas se desenvolvessem paralelamente ao rio e de acordo com o porto. Os portos de Valada, Salvaterra de Magos e Benavente, adotam características de portos de maré, pois é aqui, que o Tejo muda de regime ao ser influenciado por elas. Estes portos, desenvolveram-se em topografias planas, e ligavam-se ao rio, através de canais artificiais que se escavaram nas suas margens e dos seus afluentes.

No geral, os portos fluviais do Alto e Baixo Tejo, assumiam uma morfologia urbana assente sobre quatro constituintes: os cais, os largos, as travessas e as ruas principais. Os cais estendiam-se paralelamente ao rio, junto a eles, erguiam-se armazéns, estalagens e alfândegas; a partir dos cais, emergiam as travessas que cursavam perpendiculares ao rio e ligavam à rua principal; esta rua, desenvolvia-se sempre paralelamente ao rio, e percorria toda a extensão do porto, ou da povoação, unindo os diferentes espaços públicos entre si.

No estuário do Tejo, as suas condições naturais favoráveis à navegação, cedo ditaram a sua ocupação: ao longo da faixa ribeirinha, constituíram-se inúmeros cais, docas, armazéns e estaleiros de barcos, por entre as diferentes localidades que o marginam. Vila Franca de Xira, Alhandra, Póvoa de Santa Iria, Sacavém, Lisboa, Almada e Alcochete, entre outros, eram as grandes forças portuárias, vivendo um regime próprio de portos de maré, indiferentes ao regime do rio, do qual os outros portos a jusante dependiam. Em torno do estuário, começou a surgir a grande cintura portuária e industrial que hoje conhecemos, quase ininterrupta, esta adulterou os limites primários das margens, com a construção consecutiva de aterros, docas e cais; hoje em dia, algumas destas construções e os caminhos-de-ferro, constituem-se muitas vezes como um limite entre a cidade e o rio.

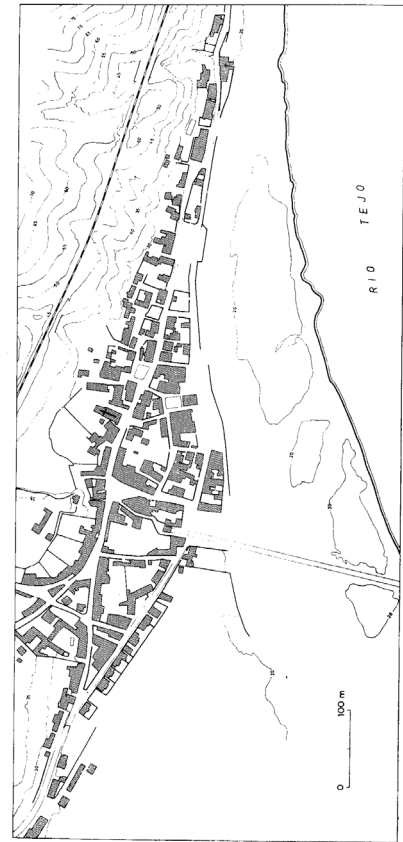
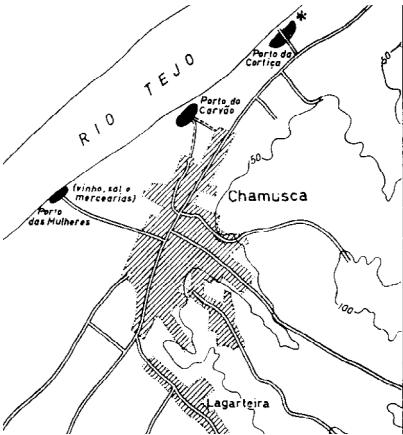


Fig. 214 | 215

Abrantes constituiu dois arrabaldes em margens opostas: Rossio do Tejo e Barreiras do Tejo

Fig. 216 | 217

Constância também teve uma duplicação de portos ao gerar o pequeno porto que recebia as madeiras que chegavam pelo Zêzere, a Praia do Ribatejo





Fig. 224
Ribeira das Naus . Frente Ribeirinha de Lisboa



Fig. 225
Parque Linear Ribeirinho do Estuário do Tejo
Frente Riberinha da Póvoa de Stª Iria



Fig. 226
Caminho Ribeirinho Pedonal Alhandra - Vila Franca de Xira . Frente Riberinha de Alhandra e Vila Franca



Fig. 227
Passadiços de Belver . Margem Sul do Tejo
Belver e Praia Fluvial do Alamal

Fig. 220 | 221
Casas Avieiras construídas em caniços
Mouchão de Sº Brás . Chamusca
Aldeia Avieira de Obras . Azambuja . 1941

Fig. 222 | 223
Povoado palafítico . Avieiros do Tejo
Póvoa de Stª Iria . 2015

“Ciganos do tejo, de porto em porto, de vala em vala, singrando neste rio tao bom e tao traiçoeiro – tao bom e traiçoeiro e tao bom que pelas suas margens só o conhecem por mar.” Alves Redol³⁴

A dinâmica económica gerada em torno da navegação, e a variedade ictiológica do rio, atraiu o interesse de algumas comunidades piscatórias do Norte do país. Foi no fim do séc. XV, e face às dificuldades sentidas na pesca no Litoral Centro, que se iniciaram os primeiros movimentos migratórios rumo ao Tejo; aqui, implementaram os seus costumes e estabeleceram uma forma distinta de habitar as margens, que se vê, na arquitetura que produziram nas margens do rio.

Estas comunidades oriundas de Ovar, Ílhavo e da praia de Vieira de Leiria conhecidas por Varinos e Avieiros, ocupavam as margens do Tejo sazonalmente no Inverno, e na Primavera, entre Lisboa e Santarém. Estes habitaram inicialmente nas suas embarcações, e só mais tarde, quando a sua presença se tornou menos sazonal, começaram a erguer abrigos temporários, construídos em caniços, que deram origem a pequenos aglomerados palafíticos. As casas que ergueram, eram réplicas dos palheiros da Costa Ocidental Portuguesa: casas de tabuado, assentes em estacas de madeira, com portas e janelas pintadas com cores fortes; contudo, estas construções foram perdendo identidade, devido à substituição dos materiais primitivos, usados na sua construção: a sua maioria apresenta agora, coberturas em chapa de zinco, ou de telha marselha; em vez da madeira, usam agora o cimento e o betão para as estruturas e fundações. Estas comunidades permanecem até hoje na orla do Tejo, onde agora vivem permanentemente. São as comunidades de Escaroupim e Palhota, que menos transformações sofreram, ao preservarem ainda, parte da sua tradição, quer nas actividades ligadas ao rio, quer na arquitetura que produzem.

Antes da construção das ferrovias, e do melhoramento do sistema rodoviário, os eixos basilares dos transportes portugueses, resumiam-se à navegação fluvial e marítima. No Tejo, a acessibilidade fluvial foi um importante meio, para o desenvolvimento das suas regiões adjacentes; as suas vantagens traduziram-se no crescimento populacional e económico, que transformou os seus portos fluviais e povoações, em importantes entrepostos comerciais. Foi a atividade fluvial, que geriu e organizou, a morfologia da frente ribeirinha das povoações durante séculos. Com o advento do caminho-de-ferro, o desenvolvimento rodoviário e a construção das pontes sobre o Tejo, o tráfego fluvial existente decresceu, e a sua importância entrou em declínio. Os portos fluviais deixaram de exercer a primazia comercial, ao passarem para um plano cada vez menos relevante.

Hoje, a maioria destes lugares portuários, extinguiram-se da face das margens do rio. Alguns apenas persistem, na memória das gentes ligadas a ele, e outros são, lembrados pelas referências toponímicas do lugar, ou pela presença das ruínas de equipamentos, como armazéns, estalagens e docas, que foram desenvolvidos pelas localidades, em ligação com a vida do rio, e que refletem hoje, a atividade e a vivência destes lugares.

Das margens, onde os barcos acostavam, as mercadorias e madeiras se amontoavam, e os pescadores descarregavam o peixe, dão agora lugar a parques urbanos ribeirinhos. Nos últimos anos temos assistido, a uma política de revitalização das margens do Tejo, um pouco por todas as localidades que o marginam. Estes lugares, outrora esquecidos e descaracterizados pelo tempo, voltam a ter significado e fazem com que o Tejo volte a desempenhar um papel, na vivência das povoações. O Tejo é atualmente navegável até Valada, no entanto é no estuário que o tráfego fluvial e a atividade portuária ainda se desenvolvem, e se constituem, como um dos motores de desenvolvimento do país.

³⁴Cit. Por VEIGA, João. Ibidem, p.122



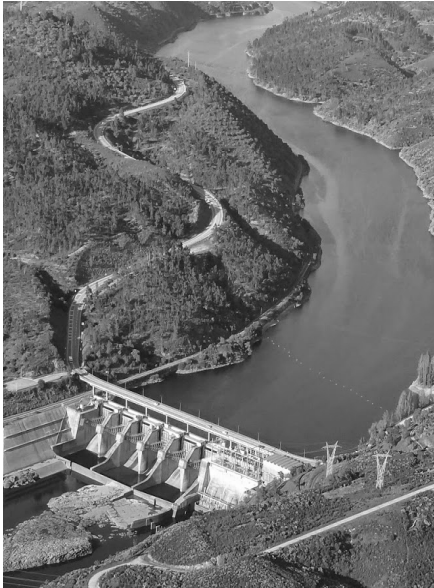
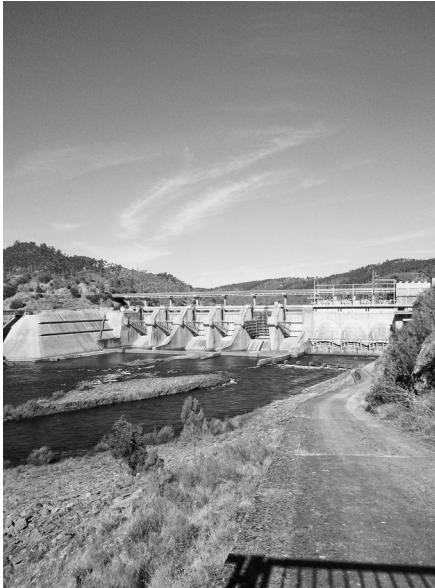
CAMINHO-DE-FERRO: LINHA DA BEIRA-BAIXA

Num país onde os eixos principais de circulação interna, se resumiam a um precário e limitado alcance rodoviário, e onde o sistema fluvial, era muitas das vezes o melhor meio de comunicação, a construção dos caminhos-de-ferro em Portugal, teve como finalidade unir o país à Europa, e promover o desenvolvimento das regiões interiores por onde estes passavam.

A linha da Beira-Baixa é uma ligação ferroviária, que une as cidades do Entroncamento e da Guarda; é nestas, que esta faz ligação com a Linha do Norte e a Linha da Beira-Alta respetivamente. A sua construção partiu inicialmente da intenção, de criar uma ferrovia internacional entre Portugal e Espanha. Até 1885, foram elaborados estudos, e lançadas diferentes propostas, sobre o seu traçado e o seu término, no entanto, esta ligação não se concretizou, devido a alterações do traçado ferroviário espanhol, junto à fronteira em Cáceres, alterando assim, o projeto ferroviário português que idealizava a ligação, entre os dois países, num percurso entre Abrantes, Castelo Branco e Monfortinho. O que seria uma ligação internacional, tornou-se num novo traçado nacional, que apenas se resumiu “a um percurso pelo interior, centro, unindo as beiras entre si” (Ribeiro da Silva, 2007) ³⁵.

Esta foi construída em duas fases, a primeira executada entre Abrantes e a Covilhã - concluída 1891- veio a ser o trajeto inaugural da linha, ocorrido nesse mesmo ano; a segunda fase, compreendida entre a Covilhã e a Guarda, foi concluída em 1893. Parte do seu trajeto ocorre paralelamente junto ao Tejo, entre o Entroncamento e Vila Velha de Rodão; é após a passagem pelas Portas de Rodão, que ela inflete e se afasta do rio em direção à Covilhã, circundando a Serra da Estrela até à Guarda. Com a sua construção houve uma maior facilidade, e rapidez, no transporte de mercadorias e pessoas, permitindo o desenvolvimento económico das povoações contíguas a ela, inclusive daquelas, em que a navegação do rio era o principal motor de desenvolvimento. As povoações que viviam para o rio, rapidamente se afastaram deste, e voltaram-se para as imediações da ferrovia e das suas estações.

A linha mudou a paisagem do vale do Tejo: marcando a sua face norte, nela inscreveu-se obedecendo à topografia, num percurso sinuoso de curvas e contracurvas, em vales abruptos e estreitos; por entre sessenta pontes – de pedra e ferro – e nove túneis, atravessamos a paisagem. A ferrovia impôs-se enquanto limite, junto ao rio; é uma das maneiras que possuímos, para contemplar e experienciar a paisagem, que de outra forma, é inacessível de vermos, que não a pé.



BARRAGENS: BELVER E FRATEL

“O Tejo é um cavalo selvagem, indómito, impetuoso, cheio de vida, destruidor. Domesticado, pode ser, na Península Ibérica, um servidor leal, paciente, utilitário, produtor de bem-estar das populações ribeirinhas e valioso auxiliar nas economias nacionais.” Araujo Correia³⁶

Desde a sua nascente à foz, o Tejo é represado por várias barragens ao longo do seu curso sendo, no território português, contido por duas: a Barragem de Belver, localizada no distrito de Santarém, construída em 1952; e a Barragem do Fratel, localizada na fronteira entre os distritos de Portalegre e Castelo Branco, edificada em 1973. A construção de ambas teve como intento, represar e controlar o caudal do rio, para proceder ao armazenamento de água para irrigação, e produção de energia elétrica.

A sua construção transformou todo um território, ao criar uma paisagem significamente alterada; estas modificaram as condições biofísicas do rio e a sua morfologia – o seu leito alterou-se, e modelou novos limites nas margens, e no encontro das povoações ribeirinhas com o rio. A contenção das águas do rio, e consequente subida do caudal, levou à submersão de parte do património cultural do Tejo: os muros de sirga e grande parte do Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo localizado, a montante da barragem do Fratel. Em alturas, em que o caudal das albufeiras decresce, é possível ver à superfície da água, troços dos muros de sirga e reveladas algumas das figuras rupestres.

Fig. 260 | 263
Barragem de Belver, 2015
Fig. 264 | 267
Barragem do Fratel, 2015

³⁶ibidem, p. 48



É nas margens do Tejo, que se refletem memórias da sua história; percorremos por entre margens, os diferentes tempos que o constituem: observamos vestígios desde a sua ocupação no Paleolítico, às culturas que nele habitaram, e começaram por edificar as suas margens. Foi enquanto eixo defensivo que se impôs, mas foi a sua navegação, que lhe atribuiu relevância no território nacional “e o tornou depois numa confluência de gentes” (Veiga, 2000)³⁷. Estas comunidades, instalaram-se nas margens e constituíram as cidades, e os pequenos povoados, que hoje lhe conhecemos, alguns preservam ainda a sua identidade, quer nos seus costumes, quer na construção e no desenvolvimento das atividades ligadas ao rio. Apreendemos a multiplicidade de paisagens, e lugares, que lhe atribuem estatuto e o caracterizam a nível mundial. Por vezes, foi a própria topografia que conferiu, e preservou, a identidade de um lugar ao contribuir para a preservação de paisagens, que prevalecem ainda, num estado quase puro; no entanto, até nestas, o gesto humano se faz sentir, nem que seja pela presença dissimulada de pequenas construções vernaculares que povoam o território - algumas em estado de ruína e dominadas pela natureza, diluem-se na paisagem, pertencendo-lhe. Por entre estes gestos, há outros mais perpétuos que alteram toda a morfologia do território, e da paisagem; é a construção sucessiva do espaço urbanizado, da cidade e dos equipamentos que construímos, face às necessidades do presente (são exemplo disso as barragens). Estas são as marcas que permanecem, os gestos que alteram e que suprimimos, esta é a nossa ação transformadora perante as ações do passado, no presente e para o futuro.

Ainda que no Tejo, se pressintam algumas das suas vivências passadas, é nos dias de hoje, em torno do seu estuário, que este assume importância marginada pela capital do país, Lisboa. Esta “é indissociável do Tejo. É ele que a envolve, que lhe dá forma, que recebe quem nos visita, que vê partir quem nos deixa. Mas o Tejo é muito mais que Lisboa” (Sá Fernandes, 2013)³⁸. Foi das suas margens, em Lisboa, que no século XVI partiram as primeiras naus, à descoberta de novas culturas e territórios, levando a cultura portuguesa mais além. É a partir destas, que se pretende criar uma estratégia de conhecimento do território português, que leve à sua redescoberta: é ao restabelecer a ligação outrora perdida com o interior do país, que se ambiciona evidenciar todo este território, e reativar os seus lugares e paisagens. Na viagem pelo rio constata-se uma realidade, um país que se desenvolve a velocidades distintas e parece viver a dois tempos: marcado por um litoral densamente povoado, onde se localizam as grandes metrópoles e onde parece, que tudo se desenvolve e constrói, encontramos um interior desertificado e delimitado à sua condição rural e secundária do país, onde há cada vez mais menos oportunidades para evoluir, e permanecem apenas as memórias do seu passado.

“Tudo se centra em Lisboa. Este é um projeto descentralizado que visa a formação e sensibilização de públicos.” Rui Silveira³⁹

A proposta para o Centro de Investigação do Território Português é por isso, descentralizada, e longe das grandes cidades, onde a sua informação facilmente poderia passar despercebida; a sua localização, no interior do país, visa a evidenciar a região e a ajudar, no desenvolvimento do local onde se insere. Desta intenção, surgiram algumas questões que estruturam e ajudaram ao desenvolvimento deste trabalho: como podemos ligar todo o território do Tejo, dando-o a conhecer, e reativando as suas paisagens; como pode esta ligação, relacionar-se com as comunidades que o habitam; como pode a arquitetura, articular-se com esta ligação pretendida, e com o conhecimento do passado; pode a arquitetura, ser um fator potenciador da própria descoberta do território? Destas e outras questões, definiram-se os princípios que irão compor a proposta. É a viajar, e levando na bagagem algumas fotografias de Duarte Belo, que tomaremos paisagens e novos caminhos, na descoberta de um novo horizonte para Portugal.

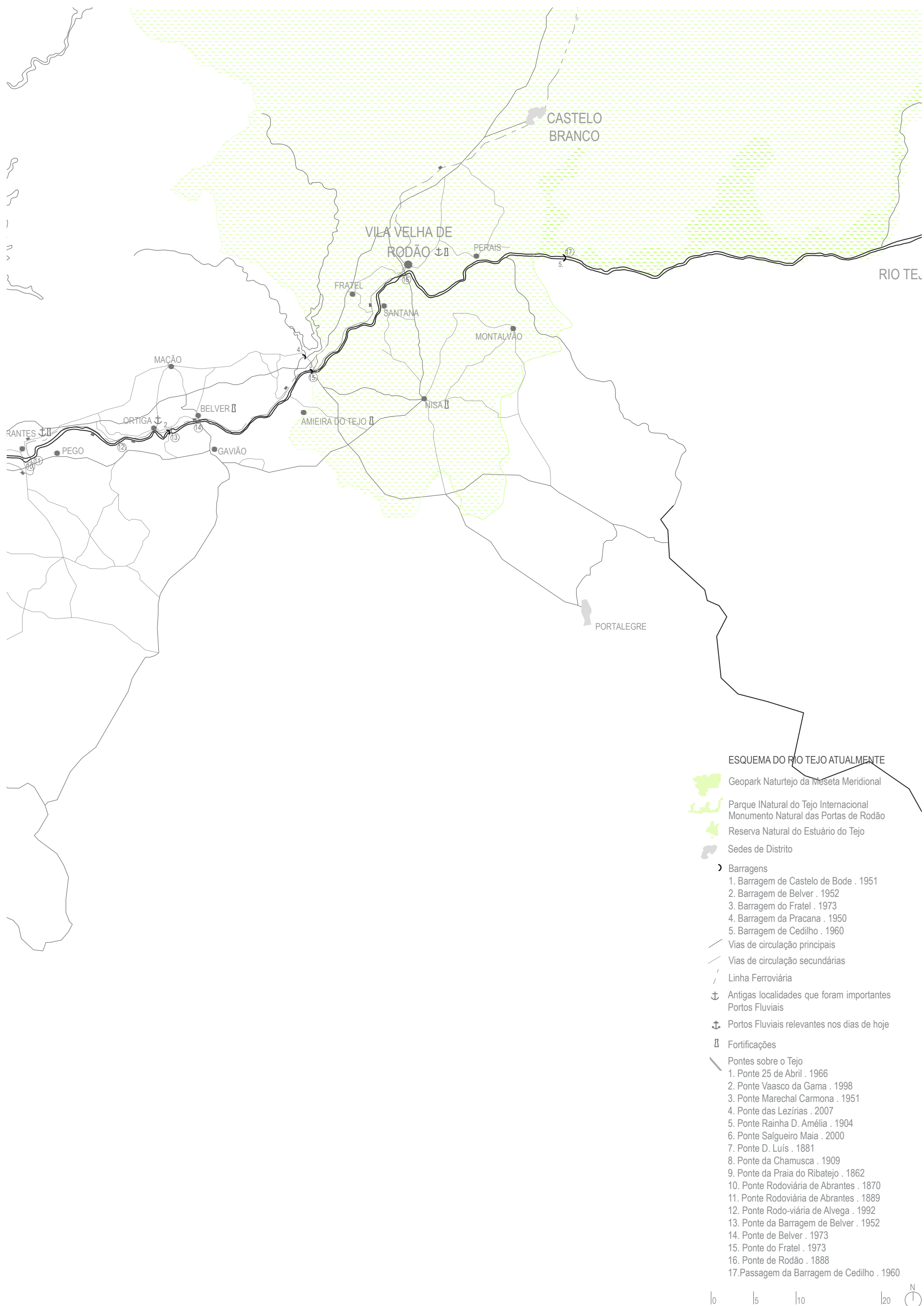
“As fotografias eram o ponto de partida. Eram descodificações de lugares, interpretações, momentos de afastamento e reflexão das paisagens que elas próprias representavam. Eram pedaços de um mundo que imaginava e paulatinamente ia construindo. Eram o continuar das viagens. Num laboratório de linguagem ou formas de comunicar para a leitura de territórios futuros. Estava assim mais perto de nunca ter feito viagem nenhuma e de eternamente andar por lugares inomináveis. Na impossibilidade de transmitir o sentir provocado pelo espanto, trabalhava na descrição de uma viagem que se propunha realizar – o infindável caminho de um habitar diferente” (Belo, 2002)⁴⁰.

³⁷Ibidem, p. 121

³⁸SÁ FERNANDES. Introdução. In Guia do Tejo: Desde a Nascente à Foz. Lisboa: Camara Municipal de Lisboa, 2013. p. 7
³⁹Cit. por GOULART, Ana. Espaço do Tempo - Montemor-o-Novo acolhe artes performativas. [Em Linha]. nº 1712, 2010. [Consult. 17 Junho 2015]. Disponível na internet:<URL: <http://www.searanova.publ.pt/pt/1712/cultura/168/> >.

⁴⁰BELO, Duarte. O vento Sobre a Terra – Apointamentos de viagens. [Em Linha]. [Consult. 2 Nov.2014]. Disponível na internet:<URL: http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_16-dbt0090-vento_sobre_a_terra/dbt0090_3ft.html >.





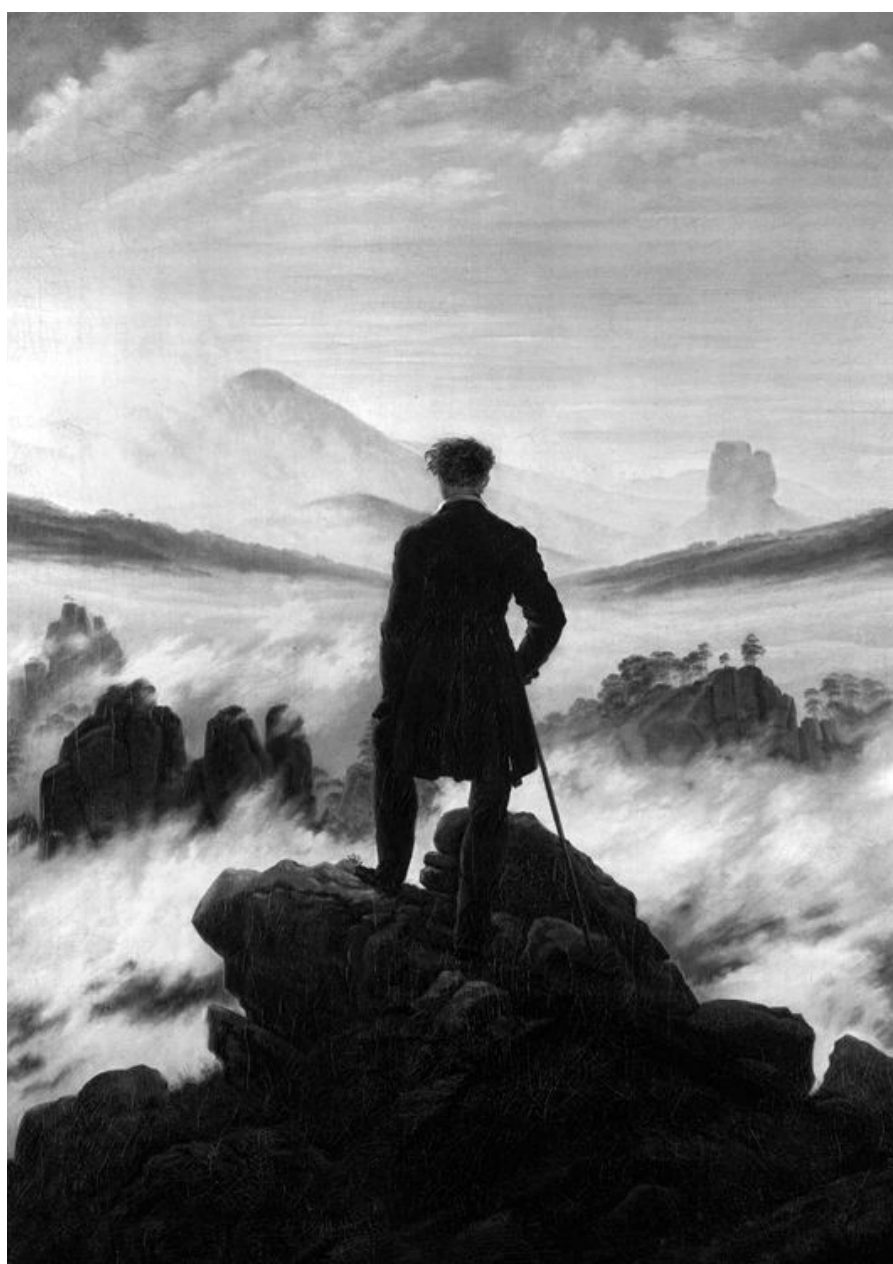
ESQUEMA DO RIO TEJO ATUALMENTE

- Geopark Naturtejo da Meseta Meridional
- Parque INatural do Tejo Internacional
Monumento Natural das Portas de Rodão
- Reserva Natural do Estuário do Tejo
- Sedes de Distrito
- Barragens
 - 1. Barragem de Castelo de Bode . 1951
 - 2. Barragem de Belver . 1952
 - 3. Barragem do Fratel . 1973
 - 4. Barragem da Pracana . 1950
 - 5. Barragem de Cedilho . 1960
- Vias de circulação principais
- Vias de circulação secundárias
- Linha Ferroviária
- Antigas localidades que foram importantes Portos Fluviais
- Portos Fluviais relevantes nos dias de hoje
- Fortificações
- Pontes sobre o Tejo
 - 1. Ponte 25 de Abril . 1966
 - 2. Ponte Vasco da Gama . 1998
 - 3. Ponte Marechal Carmona . 1951
 - 4. Ponte das Lezírias . 2007
 - 5. Ponte Rainha D. Amélia . 1904
 - 6. Ponte Salgueiro Maia . 2000
 - 7. Ponte D. Luís . 1881
 - 8. Ponte da Chamusca . 1909
 - 9. Ponte da Praia do Ribatejo . 1862
 - 10. Ponte Rodoviária de Abrantes . 1870
 - 11. Ponte Rodoviária de Abrantes . 1889
 - 12. Ponte Rodo-viária de Alvega . 1992
 - 13. Ponte da Barragem de Belver . 1952
 - 14. Ponte de Belver . 1973
 - 15. Ponte do Fratel . 1973
 - 16. Ponte de Rodão . 1888
 - 17. Passagem da Barragem de Cedilho . 1960



【 O DESENHO 】

[MARGENSE MEMÓRIA . O DESENHO DO TERRITÓRIO]
CAPÍTULO IV



A VIAGEM



Fig. 291
O imaginário do lugar para além da fotografia
Lauren Spencer King



Fig. 292
Hamish Fulton



Fig. 293
Passos de Australopiteco . Laetoli . Tanzânia
Marca de um caminhar feito há 3.700.000 anos, que se solidificou, no lodo vulvanico de Laetoli.

Fig. 290
O Viajante sobre um mar de neblina;
o homem participa no espaço ao contemplar
a paisagem que se apresenta diante dele,
desmaterializada pela neblina, sem pontos
de referência, mostra-se como uma espaço
desconhecido infinito.
Caspar David Friedrich . 1817

Através da fotografia podemos conhecer, e interpretar, o território e a paisagem até um certo ponto, e idealizar o espaço que se perpétua, além do seu enquadramento; é a percorrer estas duas entidades, que as compreendemos verdadeiramente, parafraseando Fernando Pessoa, afinal, a melhor maneira de viajar é sentir. É a partir da ideia de que o verdadeiro conhecimento provém da experiência física, que se sugere o retorno à viagem, como forma de apreendermos os diversos aspetos do território português, pois foi a viajar pelo país que sobre ele se escreveu, e se deu a conhecer.

A viagem pode desenvolver-se, através de diferentes meios de deslocação e a velocidades distintas; quer percorramos um trilho a caminhar, quer seja de carro, de comboio, de barco ou de avião, adquirimos noções diferenciadas sobre aquilo que observamos. Através destes meios, apenas assistimos ao desenrolar da paisagem, e tentamos assimilar o que dela entendemos, nos breves instantes em que a percecionamos. A via automóvel e a ferrovia têm um carácter mais formal e de maior imposição no território, marcando-o e surgindo, como um elemento de génese urbana ao atravessar a paisagem natural. Estas funcionam como vias principais de acesso, que tem como função ligar lugares, sendo assinaladas como percursos de passagem, desprovidos de qualquer olhar mais atento sobre o território e a paisagem, ao percorrê-los apenas olhamos e assistimos ao seu desenrolar. Estes são meios que se impuseram na face do território, que o transformaram, e o tornaram acessível, no entanto interferem no seu conhecimento, influenciando o que dele retemos e observamos.

“How the road, the path, and the railway line quite literally carve their way into the landscape and make it accessible. The route not only determines where we walk or drive but also what we see.”

(Larsen, 2012)⁴¹

O caminhar permite uma outra experiência, mais próxima e mais atenta; ao percorrer um caminho de pé posto, as pessoas sentem e observam, envolvendo-se com a paisagem. Estes possuem um carácter mais informal – ao contrário dos sistemas acima referidos - pertencem ao território. São experiências dissemelhantes, na forma de como nos relacionamos com o território e a paisagem. O caminhar foi a primeira ação do homem sobre o território, foi através deste ato, que começou a transformar a paisagem e a habitá-la. É a caminhar que se pretende ver, e percorrer o país.

“O caminhar mesmo sendo a construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e dos seus significados. A presença física do homem num espaço (...) é uma forma de transformação da paisagem que embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado de espaço e, consequentemente, o espaço em si, transformando-o em lugar. O caminhar produz lugares. Antes do neolítico e, assim, antes dos menires, a única arquitectura simbólica capaz de modificar o ambiente era o caminhar, uma acção que, simultaneamente, é acto perceptivo e acto criativo, que ao mesmo tempo é a leitura e escrita do território” (Careri, 2013)⁴²

⁴¹LARSEN, Janike Kampevoll. Views. Norway Seen from the Road 1733-2020.

Oslo: Press Publishing and The National Museum of Architecture. 2012

⁴²CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2013. p. 51



Das questões atrás enunciadas e perante o estudo realizado sobre o rio Tejo, surge a intenção de criar uma estratégia em grande escala, que integre os seus valores paisagísticos e culturais, atualmente desarticulados. É a partir Das intenções do trabalho Horizonte Portugal, que se pretende usar o rio enquanto plataforma de conhecimento do território, e observatório da paisagem. Face ao desconhecimento geral de muito do nosso património, das paisagens e lugares que formam o nosso país, esta proposta vê na viagem, uma forma essencial para apreender e conhecer estes valores; desenha-se assim um percurso que tudo articule, e que ao percorrê-lo, consigamos conhecer a história dos lugares que atravessamos, e compreender a sua realidade. A partir deste novo desenho sobre o território, propõem-se uma alternativa aos meios de circulação principais e sugere-se um contacto mais próximo, mais real, com cada local que atravessamos, sem entrar na “bolha” do carro.

O percurso proposto é o observatório da paisagem: inicia-se em Lisboa, na estação fluvial do Terreiro do Paço, e termina em Vila Velha de Rodão, dois lugares distintos, mas que tem em comum o Tejo, enquanto elemento caracterizador. Este está dividido em duas partes: começa por ser um percurso fluvial, e depois um percurso pedestre, permitindo assim, duas formas de ver e percorrer o território.

O percurso fluvial destina-se apenas à observação, não havendo qualquer ponto de atracagem, para a experiência do espaço. Este começa por transitar junto aos limites do estuário: margina a margem Norte até ao Bugio, e regressa pela margem Sul, em direção ao interior do país. Avancamos no rio por entre os mouchões, e observamos as desiguais ocupações das suas margens, uma fortemente edificada, contrasta com uma outra natural; esta distinção esbate-se à medida que avançamos para o interior, as comunidades ribeirinhas começam a ser menos populosas, e o espaçamento entre elas, maior. Contemplamos a paisagem da planura das lezírias, e dos campos agrícolas, até Constância. Aqui é o ponto de ancoragem, e de transição, entre a experiência do observar, e a experiência do território através do caminhar. A um ritmo mais lento e atento, percorremos o percurso pedestre por entre margens. Este atravessa os pequenos povoados e campos agrícolas, que marcam a paisagem até Abrantes; aqui, a topografia do vale do Tejo começa a ser abrupta, após a passagem pela Barragem de Belver, somos confrontados pelos fortes declives das margens e também, pela observação de uma paisagem rica, em flora e avifauna, até Rodão. Nesta região, as margens são menos habitadas e o acesso ao rio, por outros meios, que não a pé, é condicionado.

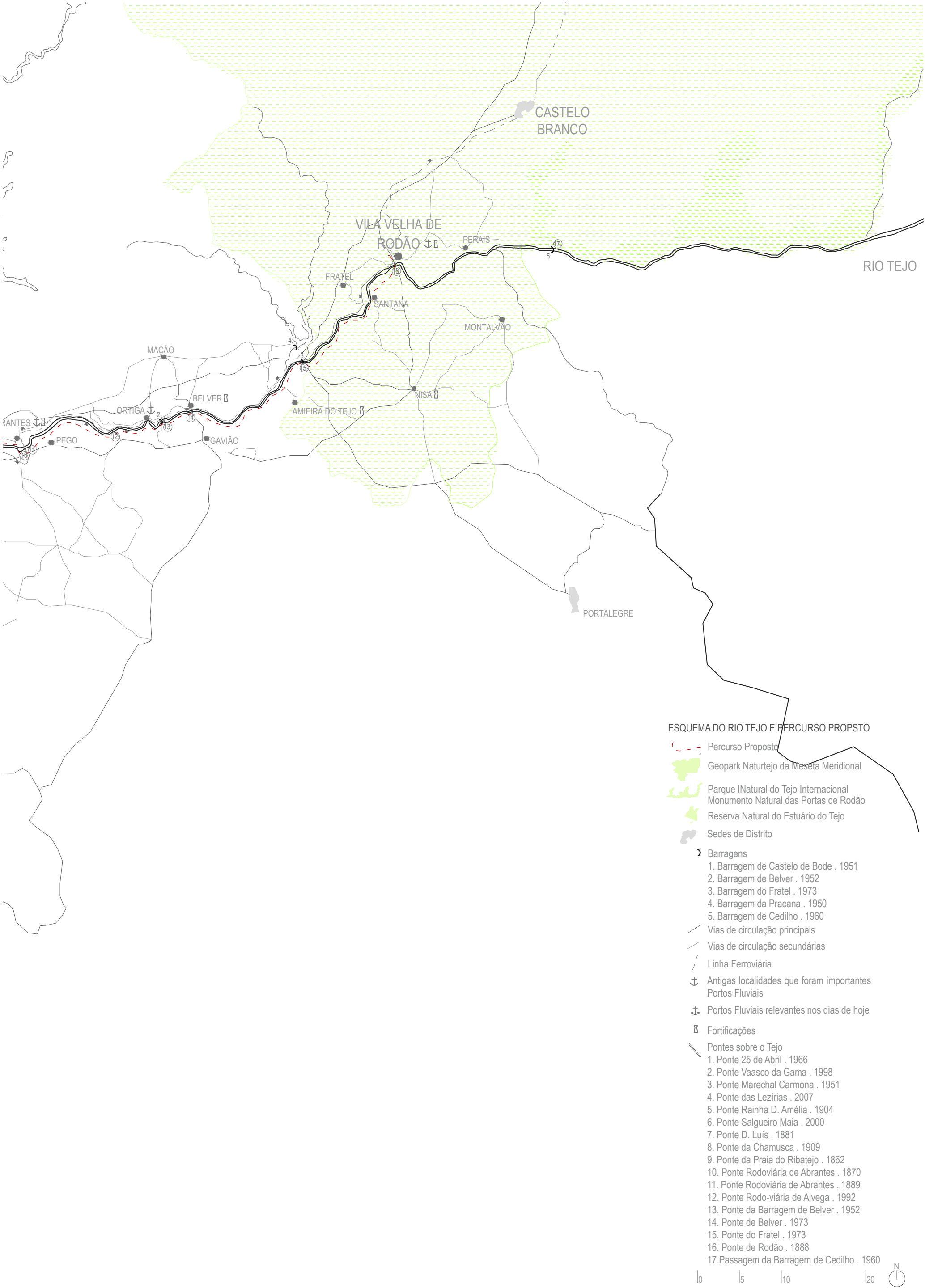
Perto da Barragem do Fratel, deparamo-nos com um troço dos sirgadouros do Tejo, é ao percorrê-lo, que observamos as marcas de um passado rural, revelado nas encostas pelas inúmeras calçadas de olival - agora em extinção devido à supremacia dos eucaliptais – e a presença de pequenas construções vernaculares em ruínas. Na chegada às Portas de Rodão, usufruímos de um novo ponto de vista onde somos confrontados pela imensidão do território que percorremos, tendo a linha de horizonte como fim. É em Vila Velha de Rodão, junto ao Castelo de Rodão, que o percurso termina. É no antigo porto fluvial da vila, Porto do Tejo, que se propõem instalar o Centro de Investigação do Território Português; este será, um novo elemento que funcionará, como um ponto impulsionador do conhecimento do restante território, assim como da região.

Esta foi uma breve passagem, pelas várias camadas históricas, e paisagens naturais, que se inscrevem neste rio, que o marcam, e o caracterizam. Após a análise e os levantamentos realizados, e o delinear da estratégia, é preciso agora o desenho, perceber como intervir e construir a base para as vivências futuras, sem que o carácter destes lugares fique comprometido, preservando a sua memória e identidade; compreender como podem coexistir, num mesmo plano, os novos elementos e as pré-existências do lugar, porque a “arquitectura lida sempre com a memória, porque um lugar nunca é de um tempo só” (Gomes da Silva, 2015)⁴³.

É aqui que a leitura do passado, se torna essencial para a compreensão, de como construir o futuro. Pretende-se que a base destas intervenções, sejam ancoragens na identidade local, quer na construção do novo edifício, quer seja na reutilização de elementos, que funcionarão de apoio ao percurso proposto.

⁴³Cit. por CANELAS, Lucinda. A arquitectura lida sempre com a memória, porque um lugar nunca é de um tempo só. In Público [Em Linha]. [Consult. 6 Maio 2015]. Disponível na internet:<URL: <http://www.publico.pt/n1694616> >.

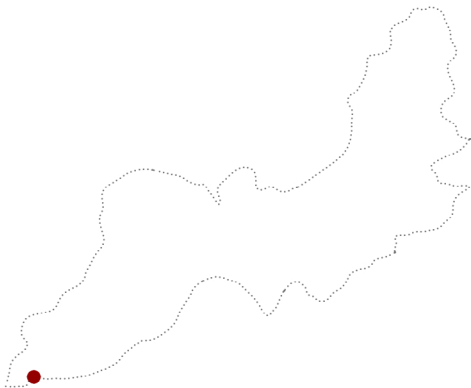






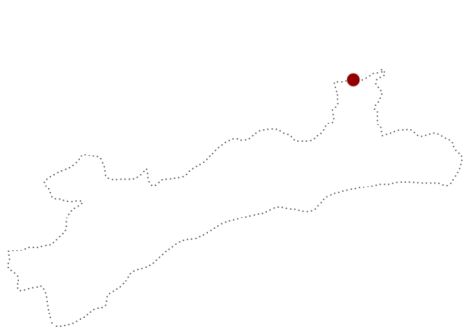
GR1 | Rota da Pedra e da Água

Início/fim do percurso: Rossio de Abrantes
Grau de defículdade: Difícil
Extensão: 27KM
Duração: 7h30



PR1 | Arribas do Tejo II

Início/fim do percurso: Alvega
Grau de defículdade: Médio
Extensão: 16KM
Duração: 4h00



PR 2 | Arribas do Tejo

Início /fim do percurso: Belver
Grau de defículdade: Médio
Extensão: 15KM
Duração: 4h00



PR 3 | Corredor Ecológico das Ribeiras de Alferreira e Moinhos de Água

Início/fim do percurso: Atalaia
Grau de defículdade: Médio
Extensão: 16 KM
Duração: 4h30



PR4 | Trilho das Jans

Início/fim do percurso: Amieira do Tejo
Grau de defículdade: Médio
Extensão: 12,6 KM
Duração: 3h30



PR5 | Descobrir o Tejo

Início/fim do percurso: Chão da Velha
Grau de defículdade: Fácil
Extensão: 4,25KM
Duração: 1h30



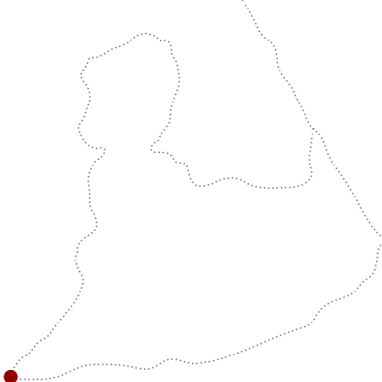
PR 6 | Olhar sobre a Foz

Início/fim do percurso: Central da Velada
Grau de defículdade: Médio
Extensão: 5,75 KM
Duração: 2h00



PR7 | Tejo

Início/fim do percurso: Vila Velha de Rodão
Grau de defículdade: Difícil
Extensão: 20KM
Duração: 6h00



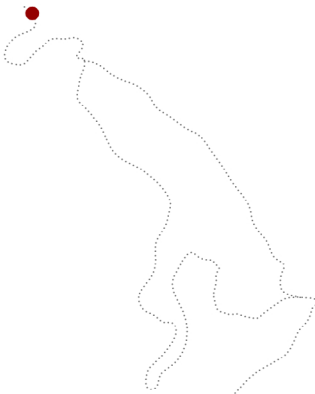
PR8 | Trilhos do Conhal

Início/fim do percurso: Arneiro
Grau de defículdade: Médio
Extensão: 9,8 KM
Duração: 3h30



PR 9 | Rota das Invasões

Início do percurso: Vila Velha de Rodão
Grau de defículdade: Médio
Extensão: 8 KM
Duração: 3h00



GR1 | Rota das Virtudes

Início/fim do percurso: Vilas Ruivas
Grau de defículdade: Médio
Extensão: 6 KM
Duração: 2h30



PR11 | Rota dos Açudes

Início/fim do percurso: Salavessa
Grau de defículdade: Médio
Extensão: 16,6 KM
Duração: 3h30